

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – FAAC
Curso de Rádio, Televisão e Internet - RTVI

CLÁUDIO MASSANORI SAKAMOTO MIYATA

TIAGO JUN SUDA

RELATÓRIO DE PRODUÇÃO: OLHOS AFIADOS

BAURU
2024

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – FAAC
Curso de Rádio, Televisão e Internet - RTVI

RELATÓRIO DE PRODUÇÃO: OLHOS AFIADOS

Projeto de Conclusão de Curso, na modalidade relatório de produto, apresentado ao Curso de Comunicação: Rádio, Televisão e Internet do Campus de Bauru, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Comunicação: Rádio, Televisão e Internet, sob orientação do Prof. Dr. Gustavo Soranz Gonçalves.

BAURU
2024

Miyata, Cláudio Massanori Sakamoto; Suda, Tiago Jun.

Relatório de produção : olhos afiados / Cláudio Massanori Sakamoto Miyata; Tiago Sun Suda. - Bauru, 2024

158 f. : il. color.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Rádio, televisão e internet)-Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientador: Gustavo Soranz Gonçalves; Larissa Maués Pelúcio

1. Documentário. 2. Amarelo. 3. Nipo-descendente. 4. Dekassegi. 5. Representatividade. I. Suda, Tiago Jun. II. Título.

CLÁUDIO MASSANORI SAKAMOTO MIYATA
TIAGO JUN SUDA

RELATÓRIO DE PRODUÇÃO: OLHOS AFIADOS

Projeto de Conclusão de Curso, na modalidade relatório de produto, apresentado ao Curso de Comunicação: Rádio, Televisão e Internet do Campus de Bauru, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Comunicação: Rádio, Televisão e Internet, sob orientação do Prof. Dr. Gustavo Soranz Gonçalves.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Soranz Gonçalves
Departamento de Comunicação Social

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – UNESP - Bauru

Prof^a. Assoc. Larissa Maués Pelúcio Silva
Departamento de Ciências Humanas

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – UNESP - Bauru

Prof. Dr. Marcos Américo
Departamento de Comunicação Social

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – UNESP - Bauru

Bauru, 28 de Novembro de 2024

Dedicamos este documentário para todos e todas as “japas” que sofreram e sofrem calados as mais diversas formas de opressão. Que este documentário sirva de inspiração para falarmos a respeito.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer primeiramente aos professores Gustavo Soranz e Larissa Pelúcio pela orientação do nosso projeto, nos guiando durante todo o processo desde a pré-produção até a sua finalização. Sem seu apoio, seria muito difícil ter conseguido entregar um produto final que nos deixou satisfeitos, então, os agradecemos do fundo do nosso coração. Gostaríamos também de agradecer aos nossos pais, que sempre nos apoiaram durante toda nossa vida, sendo um dos grandes motivos de podermos ter conseguido nos graduar na Unesp de Bauru, sem seu apoio não seria possível viver em uma outra cidade sem precisarmos nos preocupar com outras questões além dos estudos, além de nos darem força nessa nova etapa de nossas vidas. Sem eles, nada disso seria possível.

Agradecemos também a toda nossa equipe, que aceitou nosso convite para colaborar no nosso projeto, preenchendo com muita dedicação e empenho, funções que estavam muito além de nossas capacidades e entregando resultados muito além de nossas expectativas. Esperamos que trabalhar conosco tenha sido uma experiência tão boa para vocês quanto foi para nós e que vocês tenham conseguido tirar aprendizados que auxiliem vocês em seus projetos futuros.

Gostaria de agradecer a todos que emprestaram equipamentos para a realização das gravações, Camila Cerigatto Issa pelos equipamentos de iluminação e microfones, Roberto Kooji Suda por emprestar uma câmera e um tripé e ao Tomas Tetsuo Eguchi por nos emprestar outro tripé, definitivamente não seria possível ter um produto de qualidade sem o apoio de vocês. Também gostaríamos de agradecer aos nossos entrevistados, Cristiane Eriko Ivaza Lopes, Julie Airi Iju, Marcos Yoshi, Marcos Yochiharu Matayoshi, Nanci Kayo Matayoshi, Natália Harumi Pierczarka e Ricardo Makoto Fukuzawa por aceitarem serem entrevistados e por disponibilizarem suas casas para que pudéssemos realizar as gravações. Por fim, agradecemos a todas as pessoas que contribuíram financeiramente para o projeto, permitindo que pudéssemos ter mais liberdade para executá-lo da melhor maneira possível.

Eu, Tiago, gostaria de agradecer ao Massanori, que aceitou a proposta de uma produção colaborativa para enfrentar uma produção muito nova, e que à primeira vista, era assustadora para nós. Queria agradecê-lo pois nossas habilidades se completaram, muitas questões que pra mim seriam muito complicadas de se resolverem foram possíveis graças a ele, e além de tudo isso, é um grande amigo que foi muito importante para mim durante toda a minha graduação e espero que seja pela vida toda. Também gostaria de agradecer ao pessoal

da produtora MUV Films, Alessandra, Camila, Felipe e Giovana, e também ao Vinícius Tavares, da TV Unesp, que me proporcionaram grandes aprendizados sobre o processo de produção de filmes em maior escala, que foram muito importantes para minha formação e meu entendimento como profissional da área do audiovisual. Por fim gostaria de agradecer meus pais Roberto Kooji Suda e Nair Hitomi Kayo, meu irmão, Artur Eiji Suda e minha namorada Lígia Mayumi Yasumura Tengan por todo o suporte que tive durante toda a minha graduação, com certeza não estaria me formando se não fosse por vocês.

Eu, Cláudio Massanori, agradeço meu parceiro de trabalho Tiago por toda a nossa trajetória neste documentário, desde sua idealização até o encerramento. Enxergo o trabalho de conclusão de curso extremamente desafiador e pessoal, e sou muito grato por ter com quem compartilhar essa tarefa. Agradeço principalmente pelo companheirismo durante todo o período de graduação, que concluímos juntos, com êxito, desde 2021. Agradeço a minha mãe, Célia Mieko Sakamoto Norito, pelo suporte emocional, financeiro e em diversas outras camadas da minha vida. Sem o seu apoio constante, jamais conseguiria ir tão longe a ponto de concluir o ensino superior. Sou muito grato por tudo o que fez por mim, e tudo o que me faz ser quem eu sou hoje. Agradeço meus amigos por terem me feito companhia e escutado minhas reclamações constantes sobre as mínimas inconveniências deste trabalho. Apesar da satisfação de concluir o documentário, o caminho foi sem dúvidas desafiador, e ter suporte de pessoas tão especiais fez com que essa trajetória tenha sido mais leve. Em especial, agradeço à Juliana Dourado Barros, Catarina Mie Tongu Nishida e Carolina S. Vaz.

RESUMO

Desde 1908, imigrantes japoneses e seus descendentes habitam as terras brasileiras e contribuem para o desenvolvimento econômico e cultural do país. Entretanto, vistos como estrangeiros pelos próprios brasileiros, a comunidade nikkei enfrenta diariamente dificuldades em se sentir pertencentes ao Brasil. O documentário “Olhos Afiados” aborda assuntos como local de pertencimento e aceitação de identidade, através de dois episódios que buscam repensar comportamentos e sentimentos da comunidade nipo-descendente e da sociedade brasileira no geral. Este relatório explora todas as etapas de produção do documentário, desde sua idealização até a sua finalização.

Palavras-chave: documentário; amarelo; nipo-descendente; dekasegi; representatividade;.

ABSTRACT

Since 1908, Japanese immigrants and their descendants have inhabited Brazil and contributed to the country's economic and cultural development. However, seen as foreigners by Brazilians themselves, the Nikkei community faces daily difficulties in feeling like they belong in Brazil. The documentary “Olhos Afiados” addresses issues such as place of belonging and acceptance of identity, through two episodes that seek to rethink the behaviors and feelings of the Japanese-descendant community and Brazilian society in general. This report explores all stages of the documentary's production, from its conception to its completion.

Keywords: documentary; yellow people; japanese-descendant; dekaségi; representativeness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. OBJETIVOS	15
2.1. OBJETIVOS GERAIS	15
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3. SÍNTESE TEÓRICA	16
3.1. O DOCUMENTÁRIO	16
3.2. AMARELITUDE	16
3.3. DEKASSEGI	17
3.3.1. ORIGENS DO TERMO	17
3.3.2. O MOVIMENTO DEKASSEGI	17
3.4. REPRESENTATIVIDADE	18
4. REFERENCIAIS ESTÉTICOS	20
5. DIREÇÃO	23
6. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO	25
6.1. PRÉ-PRODUÇÃO	25
6.1.1. PRODUÇÃO	25
6.1.2. ARTE	26
6.1.3. MÍDIAS SOCIAIS	29
6.1.4. ARRECADAÇÃO DE FUNDOS	40
6.1.4.1. VENDA DE PRODUTOS	47
6.1.4.2. FINANCIAMENTO COLETIVO	51
6.1.4.3. RIFA	51
6.1.5. ELENCO	52
6.1.6. TRILHA SONORA	56
6.2. PRODUÇÃO	56
6.2.1. FOTOGRAFIA	56
6.2.2. FILMAGENS	58
6.3. PÓS-PRODUÇÃO	66
6.3.1. EDIÇÃO	66
6.3.2. TRATAMENTO DO ÁUDIO	69
6.3.3. ROTEIRO	69
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
9. APÊNDICES	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Referencial estético de videografismo	20
Figura 2: Referencial estético de imagens de apoio	20
Figura 3: Referencial estético de plano de gravação	21
Figura 4: Referencial estético de plano de gravação	21
Figura 5: Referencial estético da abordagem familiar	22
Calendário 1: Calendário geral do projeto	25
Calendário 2: Organização por mês das atividades do projeto	26
Figura 6: Logo do projeto Olhos Afiados	27
Figura 7: Paleta de cores do projeto	28
Figura 8: Elementos da identidade visual	28
Figura 9: Conta do projeto no Instagram	30
Calendário 3: Mídias Sociais	31
Tabela 1: Organização financeira	40
Figura 10: Produtos personalizados do projeto (adesivo)	47
Figura 11: Produtos personalizados do projeto (bottom)	47
Figura 12: Produtos personalizados do projeto (porta-hashhi)	47
Figura 13: Produtos personalizados do projeto (ecobag)	47
Figura 14: Produtos personalizados do projeto (camiseta)	48
Figura 15: Produtos personalizados do projeto (posterres)	48
Figura 16: Formulário para encomenda de produtos	49
Figura 17: Post de divulgação da rifa de cerâmicas	51
Figura 18: Formulário para casting	52

Figura 19: Planejamento inicial de fotografia	57
Figura 20: Teste de enquadramento com a Julie	59
Figura 21: Teste de enquadramento com a Julie	59
Figura 22: Teste de enquadramento com o Makoto	60
Figura 23: Teste de enquadramento com o Makoto	61
Figura 24: Teste de enquadramento com o diretor Cláudio Massanori	62
Figura 25: Teste de enquadramento com o diretor Cláudio Massanori	62
Figura 26: Set de gravação com Marcos Yoshi	63
Figura 27: Teste de enquadramento com o Marcos e a Nanci	64
Figura 28: Teste de enquadramento com o Marcos e a Nanci	65
Figura 29: Teste de enquadramento com o diretor Cláudio Massanori	66
Figura 30: Colorização das entrevistas	67
Figura 31: Montagem final do episódio	68
Figura 32: Projeto dos videografismos	68
Figura 33: Projeto dos videografismos	69

1. INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso (TCC) dos discentes Cláudio Massanori Sakamoto Miyata e Tiago Jun Suda, intitulado “Olhos Afiados”, é um documentário seriado, inicialmente de dois episódios. A proposta principal da produção é discutir sobre particularidades da identidade e vivência de nipo-descendentes (nikkeis¹) residentes no Brasil, de maneira crítica e reflexiva. A partir dessa ideia, o nome “Olhos Afiados” representa tanto o formato dos olhos de pessoas do leste asiático e seus descendentes, característica mais marcante desta etnia, quanto um olhar crítico sobre as questões abordadas no documentário, provocando uma nova forma de enxergar com menos passividade e aceitação questões relacionadas às opressões vividas por nikkeis no Brasil.

Para este público, o trabalho pretende sensibilizar e gerar identificação e empatia por questões tão pessoais e particulares da etnia e da cultura japonesa. Ademais, ao público sem vínculo com a comunidade japonesa, o documentário visa expor questões e problemáticas que não são muito discutidas fora da bolha nipônica, buscando conscientizar outras etnias sobre atitudes e pensamentos que refletem negativamente na comunidade japonesa.

O projeto tem como produto uma minissérie documental, com dois episódios de 45 e 54 minutos, respectivamente.

Esta pesquisa tem como objetivo retratar questões que são muito relevantes na nossa realidade, de dois jovens universitários nikkeis. Uma produção voltada para temas específicos da realidade de descendentes de japoneses vivendo no Brasil é algo que não ocorre com tanta frequência, de modo que acreditamos que este trabalho tenha grande importância para o estudo e construção da identidade dos nipo-brasileiros. Apesar disso, pensando mais em cada uma das temáticas que serão exploradas nos dois episódios desta série documental, a representatividade amarela no meio audiovisual é uma questão mais ampla, que acaba, de certa forma, atingindo a todos os descendentes de japoneses, enquanto o fenômeno dos dekaségi² se trata de algo mais direcionado.

A representação das minorias em produções audiovisuais é algo que vem sendo trazido à tona nos últimos anos em todos os formatos, sejam novelas, filmes, jogos, propagandas, entre outros. Contudo, essas questões por muito tempo não foram direcionadas ao público

¹ Nikkei (日系): denominação em língua japonesa para os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou para japoneses que vivem regularmente no exterior.

² Dekasségui (出稼ぎ): termo formado pela união dos verbetes na língua japonesa 出る (deru, sair) e 稼ぐ (kasegu, para trabalhar, ganhar dinheiro trabalhando), tendo como significado literário "trabalhando distante de casa" e designando qualquer pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar temporariamente em outra região ou país. Assim são igualmente denominados [...] todos que emigram para o Japão, que tenham ascendência japonesa.

amarelo, tendo representações estereotipadas, como o mito da minoria modelo, que não nos representam, e acabam reforçando essa ideia de que os orientais são pessoas de comportamento exemplar. Existem poucos atores de grande expressão, e até aqueles que têm um certo reconhecimento acabam não tendo oportunidades de estrear papéis grandes. Um exemplo recente disso foi a novela “Sol Nascente” (2016) da TV Globo, em que os personagens principais da narrativa eram uma família de japoneses, mas que foram interpretados por ocidentais, apesar de ter atores de ascendência nipônica, como a atriz Danni Suzuki, que na época denunciou o acontecido, gerando grande repercussão. Por este motivo, o título do segundo episódio é “Kyoumei³”, traduzido como “ressoar”, representa de maneira poética a importância de uma representação com qualidade e verossimilhança, para que pessoas amarelas possam verdadeiramente se enxergar e se espelhar em personagens e pessoas que ressoam com as vivências deste grupo. Dessa forma, se mostra necessário dar espaço para os amarelos para que eles possam se expressar a respeito desse problema.

Pretendemos ainda discutir o “retorno para a terra”, explorando a experiência daqueles e daquelas que retornaram para o Japão, os dekasegi. Dekasegi é um termo em japonês que significa “trabalhar longe de casa”, e é utilizado para se referir aos descendentes de japoneses que escolhem ir para o Japão em busca de trabalho. Esse tópico foi escolhido por conta da nossa proximidade com o tema, membros dos círculos sociais que estamos inseridos foram ou são dekasegis, e conversando com essas pessoas, percebemos que as experiências delas não foram 100% positivas, ao contrário do que se vende pelas empresas que oferecem esses serviços, de modo que temos interesse em descobrir o que motivou a decisão de ir, e como a realidade foi se distanciando das expectativas. A produção “Bem-Vindos de Novo” do diretor Marcos Yoshi serviu como grande referência para a nossa abordagem deste tema, pois o filme fala da realidade de pessoas do círculo familiar do diretor, criando uma atmosfera mais pessoal, assim como buscamos fazer para tratar desta temática.

³ Kyoumei / Kyōmei (共鳴): ressoar, ressonância, simpatizar

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVOS GERAIS

Produzir um documentário seriado que dê visibilidade a questões identitárias que marcam as experiências cotidianas de pessoas brasileiras nipo-descendentes. No primeiro episódio, abordar vivências de pessoas que tiveram experiências de migração para o Japão no formato Dekassegi. No segundo episódio, discorrer sobre as representações de pessoas amarelas no audiovisual brasileiro e internacional, e a forma como essas referências impactam na vivência de pessoas nipo-descendentes e na construção das relações sociais.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Produzir um olhar sensível e empático para as experiências das pessoas entrevistadas;
2. Discutir estereótipos e definir o conceito a partir dos estudos culturais e pós-coloniais;
3. Problematicar os silenciamentos e representações estereotipadas desse segmento social em mídias audiovisuais;
4. Questionar e discutir a migração dos brasileiros nipo-descendentes para o Japão a partir do ponto de vista dos entrevistados;
5. Explorar e desenvolver o conceito de Dekassegi;
6. Entender as motivações para a ida ao Japão, e o porquê dessas pessoas voltarem;
7. O quão diferente foi a experiência de viver lá comparado com a vivência no Brasil;
8. Compreender a pluralidade das experiências dos Dekassegi;

3. SÍNTESE TEÓRICA

3.1. O DOCUMENTÁRIO

O documentário é um domínio da produção audiovisual que difere da ficção, pois aborda o mundo em que vivemos, e não um mundo imaginado pelo cineasta (NICHOLS, 2010). A tradição da produção documental está diretamente ligada à capacidade de transmitir uma impressão de realismo, essa impressão está relacionada ao que assistimos e a forma que enxergamos o mundo como ele é. A interpretação da forma em que o produto foi organizado, os valores e significados que ele pretende transmitir faz com que acreditem que aquilo que está sendo mostrado no filme, o autor Bill Nichols em seu livro *Introdução ao Documentário* coloca que o poder do documentário é convencer os espectadores que mundo do filme é o mundo real, já que eles buscam ter um impacto no mundo.

Dessa forma conseguimos perceber que, apesar de um filme de não-ficção ter como objeto a realidade, não é possível tomá-los como totalmente verdadeiros. O documentário sempre terá um certo viés, pois isso está implícito na forma em que a construção da impressão da realidade foi feita, pois alguém organizou as imagens daquela forma para transmitir uma mensagem.

O filme documental, todavia, não é tão distante de um filme ficcional, pois faz uso de práticas que comumente são associadas às ficções, como a roteirização, encenação, reconstituição, ensaio e interpretação, e vice versa, com alguns filmes de ficção utilizando recursos mais ligados à linguagem documental, como filmagens externas, câmeras portáteis, improvisação e imagens de arquivo. (NICHOLS, 2010).

Dessa forma, os documentários não são nada mais que visões filmicas do mundo e, em geral, tratam de questões que os cineastas julgam que precisam de uma atenção especial. Por esse motivo escolhemos o documentário como o meio para expressar nossa visão a respeito dos temas que escolhemos. Além de que, pelo modo que pensamos a estrutura do filme, que seria composto pela coletânea de relatos dos entrevistados sobre suas experiências em relação aos temas, julgamos que o documentário seria o melhor formato por sua abordagem do mundo em que vivemos.

3.2. AMARELITUDE

Apesar do enfoque temático do documentário seguir as vivências de pessoas nipo-descendentes, outros descendentes do leste asiático, como os descendentes de chineses e coreanos, também compartilham de vivências semelhantes. Este grupo étnico pode ser

agrupado como “amarelo”, aqueles que migraram do leste asiático e seus descendentes. É importante ressaltar as particularidades de cada comunidade, bem como seus costumes e tradições que, em partes podem ser semelhantes, mas continuam sendo culturas distintas e devem ser vistas como tais. Porém, a partir do recorte brasileiro, vivências principalmente relacionadas ao preconceito para com este grupo se tornam semelhantes, sendo interessante unir forças para uma discussão em maior escala.

3.3. DEKASSEGI

3.3.1. ORIGENS DO TERMO

A palavra Dekassegi em japonês é composta pelos ideogramas 出 (Deru) que significa sair, e 稼 (Kassegu) que significa trabalhar, tendo como significado pessoas que trabalham distantes de seu lugar de origem. Este termo surgiu no Japão para se referir aos trabalhadores rurais que habitavam as ilhas do norte do país, que com a chegada do inverno, saíam de suas terras temporariamente para trabalhar nas grandes cidades, e com o fim da estação, retornavam para o campo.

3.3.2. O MOVIMENTO DEKASSEGI

O movimento Dekassegi no Brasil teve início na década de 80, mas só foi “oficializado” nos anos 90, após o Japão reformular sua legislação de imigração, passando a conceder vistos de longa estadia, nesse momento é possível observar que há uma mudança na dinâmica de imigração, no começo do século XX os japoneses migraram para o Brasil, enquanto no final do século, seus descendentes, os nikkeis, “retornam” para o Japão.

O termo Dekassegi foi ressignificado com o começo da migração, passando a ser utilizado de forma pejorativa para se referir a estes imigrantes que vinham para trabalhar nas fábricas, realizando serviços chamados de “3k”, que era uma expressão que se referia aos serviços pesados (**K**itsui), perigosos (**K**iken) e sujos (**K**itanai). Esse momento histórico também revela o contraste entre a situação em que ambas sociedades estavam, o Brasil passava por uma grande crise econômica, enquanto o Japão vivia um acelerado processo de industrialização. Dessa forma, os japoneses buscavam pessoas para serem mão de obra nas fábricas, enquanto os nikkeis buscavam uma oportunidade de trabalhar no Japão com objetivo de retornar ao Brasil com uma melhor condição financeira para conseguir enfrentar a crise econômica.

O grande boom nessa imigração de nikkeis ocorreu na década de 1990, quando o governo japonês, por conta do alto número de imigrantes ilegais que chegavam ao país, promulgou a reforma da Lei de Controle da Imigração e Reconhecimento de Refugiados do Japão (OKAMOTO, 2007), que passou a atribuir penas criminais para as empresas e os intermediários que contratassem ou facilitassem a entrada desses imigrantes ilegais, além de conceder vantagens para os nikkeis entrarem e permanecerem no país. Isso fez com que o número de brasileiros descendentes de japoneses no Japão aumentasse consideravelmente, com cerca de 250 mil brasileiros registrados ao final da década de 90 (OKAMOTO, 2021) e mais de 300 mil no ano de 2006 (OKAMOTO, 2007).

Com o grande fluxo migratório, a palavra Dekassegi foi perdendo sua conotação pejorativa, com os Dekassegi começando a serem vistos como residentes do Japão. Mas isso não mudou a forma em que os brasileiros eram vistos por lá. Segundo um dos entrevistados do projeto, o diretor de cinema Marcos Yoshi, que viveu no Japão no começo dos anos 2000, em algumas regiões do Japão havia uma visão negativa a respeito dos brasileiros de modo que, apesar dos Dekassegi não serem mais vistos apenas como mão de obra, ainda não eram plenamente aceitos pela sociedade japonesa. Isso leva a uma peculiaridade desse movimento de imigração e que o diferencia de outros movimentos migratórios, que é a questão do pertencimento da comunidade nikkei, que, apesar de serem nascidos no Brasil, sempre serão vistos como estrangeiros por “não se parecerem brasileiros”, mas quando “retornam” à terra de origem de seus ancestrais também são vistos como estrangeiros, por efetivamente não serem parte daquela sociedade.

Além disso, os brasileiros no Japão “acidentalmente” se estabeleceram por lá, acidentalmente pois para muitos, o projeto era de apenas ficar temporariamente e retornar para o Brasil para retomar sua vida “normal”, de modo que os imigrantes acabaram alongando sua estadia no Japão de maneira não-intencional, apesar do desejo de retornar ao Brasil.

3.4. REPRESENTATIVIDADE

A representação das minorias em produções audiovisuais é algo que vem sendo trazido à tona nos últimos anos em todos os formatos, sejam novelas, filmes, jogos, propagandas, entre outros. Historicamente, essas questões por muito tempo não foram direcionadas ao público amarelo, tendo representações estereotipadas. Um exemplo é o mito da minoria modelo, que reforça a ideia de que pessoas amarelas são pessoas de comportamento exemplar e bem sucedidas. Tal estereótipo repercute negativamente na população asiática e descendentes, uma vez que “indivíduos do grupo que não condizem com o estereótipo

sentem-se pressionados socialmente a moldarem sua personalidade e sua forma de interação com o mundo, chegando ao ponto de certas pessoas vivenciarem depressão, baixa autoestima ou outros distúrbios decorrentes dessa situação” (SANTOS e ACEVEDO, 2013).

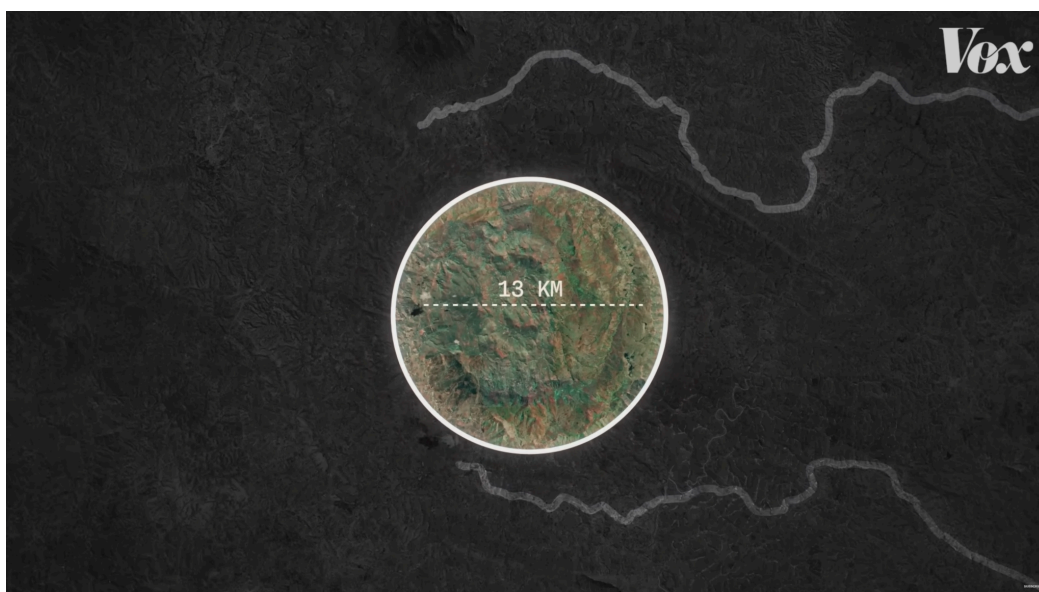
Apenas recentemente, produções amarelas vêm ganhando visibilidade mundialmente, em uma tentativa de mudar a percepção das pessoas sobre pessoas amarelas. Existem poucos atores de grande expressão, e até aqueles que têm um certo reconhecimento acabam não tendo oportunidades de estrelar papéis importantes. Um exemplo recente foi a novela “Sol Nascente” (2016) da TV Globo, em que os personagens principais da narrativa eram uma família de japoneses, mas que foram interpretados por ocidentais, apesar de haverem atores de ascendência nipônica, como a atriz Danni Suzuki, que na época denunciou o acontecido, gerando grande repercussão. Dessa forma, se mostra necessário dar espaço para os amarelos para que eles possam se expressar a respeito desse problema.

Assim como outros grupos minoritários, como outras pessoas racializadas, membros da comunidade LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência, a representação das pessoas asiáticas e descendentes reflete diretamente na internalização de estereótipos e preconceitos tanto das pessoas amarelas como do público geral, influenciando a forma como pessoas nipo-descendentes se relacionam consigo mesmas, entre si e com pessoas não amarelas. Tais representações podem ser danosas para a sociedade brasileira como um todo, dificultando a luta anti racista da militância amarela.

4. REFERENCIAIS ESTÉTICOS

Alguns referenciais estéticos foram reportagens feitas pela empresa americana de jornalismo “Vox”, que publica suas reportagens e mini documentários no youtube. Algo que achamos bastante interessante em alguns desses vídeos é a mistura de depoimentos com videografismos. Outras referências foram alguns vídeos de “The New Yorker”, um veículo jornalístico dos Estados Unidos, onde vimos alguns planos que achamos interessantes para as entrevistas, além de alguns outros veículos de jornalismo que vimos na internet.

Figura 1: Referencial estético de videografismo



Fonte: What's inside this crater in Madagascar? (Vox)

Figura 2: Referencial estético de imagens de apoio



Fonte: Why does this forest look like a fingerprint (Vox)

Figura 3: Referencial estético de plano de gravação



Fonte: Life inside a Dementia Village (Vox)

Figura 4: Referencial estético de plano de gravação



Fonte: This Facility Created A 1950s Town To Care For Alzheimer's Patients (Vox)

Outro referencial importante foi o filme “Bem-vindos de novo”, dirigido por Marcos Yoshi. Nesse filme, o diretor relata como foi a dinâmica da família dele quando seus pais foram para o Japão para trabalharem como Dekassegis, e passaram mais de 10 anos separados de seus parentes no Brasil. Um ponto que gostamos, foi a sua abordagem, onde ele conversa com pessoas da família dele, que era uma das nossas ideias de como tratar esse tema.

Figura 5: Referencial estético da abordagem familiar



Fonte: Bem-Vindos de Novo (Marcos Yoshi)

5. DIREÇÃO

O documentário foi dirigido por Cláudio Massanori Sakamoto Miyata e Tiago Jun Suda. Este projeto foi dirigido de forma conjunta pois cada um de nós tinha uma ideia de fazer um documentário a respeito de uma questão diferente, mas as duas estavam ligadas à identidade dos descendentes de japoneses, grupo que também somos parte. Tendo em vista essa proximidade temática, decidimos nos unir para produzir esse projeto juntos.

A ideia inicial do episódio sobre os Dekassegis, que foi pensado por Tiago Suda, era de quebrar totalmente a ideia de que a vida no Japão é algo perfeito, isso porque algo que observamos, especialmente nas redes sociais, é que o Japão se tornou um país muito glamourizado, de modo que pode-se criar uma imagem ilusória do que é a vida por lá, o que faz com que as pessoas tenham vontade de imigrar para o Japão, e uma das formas disso é sendo Dekassegi. Conversando com alguns conhecidos que já haviam sido Dekassegis, entendemos que a vida por lá não é algo tão bom quanto se imagina, é algo bastante difícil e exaustivo, o que inspirou a produção desse episódio. Outro ponto que foi bastante pertinente para a idealização desse episódio foi a proximidade que temos com ele, familiares e amigos nossos embarcaram nessa jornada, algo que também influenciou um pouco as escolhas das pessoas que gostaríamos de entrevistar.

Contudo, conforme as entrevistas foram se desdobrando, acabamos alterando um pouco essa ideia, pois compreendemos que cada pessoa tem uma experiência e uma visão de tudo que aconteceu, de modo que não era possível apenas falar desse processo como sendo totalmente negativo, então a ideia do episódio mudou de mostrar que a vida no Japão não era aquilo que é muito “gourmetizado” para um relato de como as experiências de vida de cada pessoa que toma a decisão de ir para o Japão como Dekassegi são bastante diferentes umas das outras.

O segundo episódio, dirigido por Cláudio Massanori Sakamoto Miyata, teve como ideia base a questão da representatividade de pessoas amarelas no audiovisual brasileiro. Havia um interesse em discutir a quantidade e a qualidade das representações que já ocorreram em obras brasileiras, e propor mudanças para futuras produções. Ao longo das entrevistas, no entanto, as respostas nos levaram a uma abordagem mais pessoal. Houve uma discussão interessante sobre o impacto que tais produções causam na vida das pessoas nipo descendentes, e como afetam de forma diferente cada pessoa. Buscamos trazer entrevistados de recortes de vida variados, de idades diferentes, profissões diferentes, pessoas que produzem e pessoas que consomem o audiovisual brasileiro e estrangeiro. Buscamos, através

de uma linha narrativa, expor o impacto do audiovisual na forma como pessoas amarelas se veem em telas, bem como a forma como pessoas não amarelas enxergam e moldam sua percepção de pessoas nipo descendentes a partir do que a mídia vende como real.

Por fim, o projeto que inicialmente eram dois documentários isolados se conectou através de um eixo temático em comum, mas mantendo a originalidade de cada tema abordado. É possível assistir cada episódio separadamente, mas ambos agregam um ao outro quando discutimos sobre vivências de pessoas nipo descendentes no Brasil.

6. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

6.1. PRÉ-PRODUÇÃO

6.1.1. PRODUÇÃO

Para a realização do produto, foi necessária a separação de uma equipe de Produção, responsável por organizar a viabilidade das gravações, como documentação, locações, entrevistados, entre outras funções. A área foi coordenada pelo diretor Cláudio Massanori Sakamoto Miyata, e contou com a participação de Walesson Almeida Dos Santos e Beatriz Dias Martinho, ambos discentes do curso de Comunicação: Rádio, Televisão e Internet. O discente Walesson desenvolveu o curta-metragem “Até O Fim”, e a discente Beatriz desenvolveu o fotodocumentário “Princesinha da Colina”, ambos concomitantemente com o projeto “Olhos Afiados”. Dessa forma, os três discentes realizaram reuniões semanais, de aproximadamente três horas toda segunda-feira, a fim de desenvolver os três projetos simultaneamente, dando suporte uns aos outros.

A equipe começou organizando um calendário, que direcionaria os prazos de cada etapa da produção. Foi elaborado um cronograma geral e calendários individuais para cada área: Direção, Produção, Roteiro, Elenco, Arte, Som e Trilha Sonora, Fotografia, Pós-produção e Mídias Sociais e Making Off.

Calendário 1: Calendário geral do projeto

CALENDÁRIO GERAL						
Direção	Produção	Roteiro	Elenco	Arte	Som e Trilha Sonora	
Fotografia		Pós-Produção		Mídias Sociais e Making Of		
ABRIL						
Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
			Reunião de Direção			Fazer grupos no whats
						Pegar modelo de roteiro de doc

+

≡

Geral ▾

Direção ▾

Produção ▾

Roteiro ▾

Elenco ▾

Arte ▾

Som ▾

Foto ▾

Pós ▾

Mídias ▾

Fonte: Cláudio Massanori Sakamoto Miyata

Calendário 2: Organização por mês das atividades do projeto

Cronograma Geral												
		Meses										
		3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Pesquisa teórica	Levantamento de Referências	X	X	X								
	Elaboração do Pré projeto	X	X	X								
Pré-Produção	Formação de equipe	X	X									
	Elaboração do roteiro		X	X	X			X	X	X		
	Procura dos entrevistados		X	X								
	Pré-entrevistas				X							
	Levantamento de Equipamentos						X	X				
	Visita técnica aos locais							X				
	Criação da identidade sonora e visual						X	X	X	X		
Produção	Gravações das entrevistas							X				
	Montagem e edição do produto							X	X	X		
Pós-Produção	Elaboração relatório							X	X	X		
	Formatação do relatório								X	X		
	Elaboração da defesa								X	X		
	Entrega final									X		

Fonte: Cláudio Massanori Sakamoto Miyata

As demais funções, como a escolha dos entrevistados e a captação de recursos para a elaboração do documentário serão explicadas nos tópicos seguintes.

6.1.2. ARTE

A identidade visual foi desenvolvida pela estudante de design Carol Vaz. A principal estética utilizada como referência foi a tradicional japonesa, utilizando elementos marcantes, como pinceladas de nanquim, peixes e flores de cerejeiras. O logo do projeto foi idealizado pensando numa junção entre a cor amarela (muito presente na produção do documentário por ser utilizada para se referir a pessoas descendentes do leste asiático), a bandeira do Japão (referenciando às pessoas nipo descendentes, como as entrevistadas no nosso documentário) e as pinceladas, resultando em um logo redondo e estilizado, utilizado em toda a produção do documentário, redes sociais e produtos personalizados.

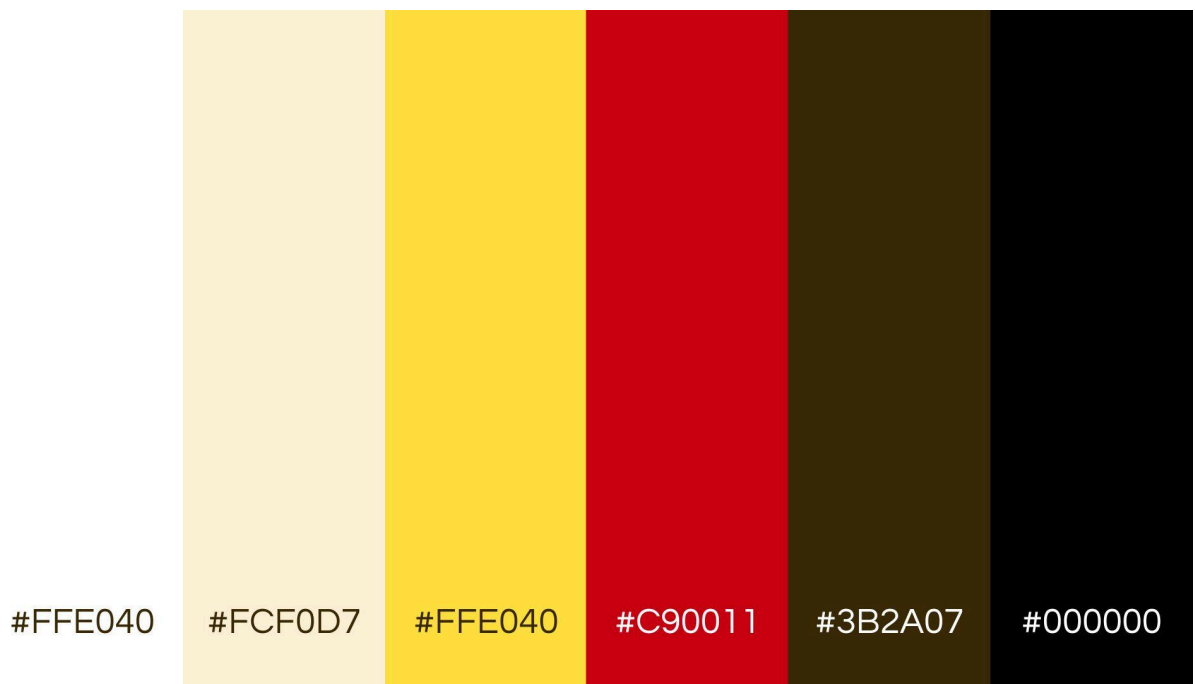
Figura 6: Logo do projeto Olhos Afiados



Fonte: Carol Vaz

A paleta de cores teve como cor principal o uso do amarelo. Por se tratar de um documentário sobre vivências nipo descendentes, utilizamos o amarelo como cor principal para representar a essência do projeto, além de dialogar com os próprios diretores e entrevistados. Como cores complementares utilizamos o vermelho e o branco, muito marcantes na identidade visual japonesa, dialogando diretamente com o amarelo. Também utilizamos o bege, marrom e preto para dar preenchimento aos posts do instagram e elementos gráficos no documentário, pois são cores que trazem a estética de papéis antigos, reforçando a importância da história dos imigrantes nipo descendentes no Brasil. Por fim, algumas cores como o rosa e o azul apareceram esporadicamente em alguns posts do Instagram como cores auxiliares, para contrastar com as cores principais da paleta.

Figura 7: Paleta de cores do projeto



Fonte: Carol Vaz

Os elementos escolhidos para compor a identidade visual foram: tsuru, taiko, owan, koi, sakura, chouchin e pinceladas de nanquim. Todos os elementos foram extraídos da cultura japonesa, com seus significados explicados na página do documentário no Instagram.

Figura 8: Elementos da identidade visual



Fonte: Carol Vaz

O Tsuru é um tipo de origami considerado um dos mais tradicionais da cultura japonesa. Este origami representa o grou-da-manchúria. Na arte, o tsuru é constantemente retratado como um símbolo de paz e harmonia, e sua imagem é frequentemente associada à tranquilidade e calma. Taiko significa literalmente “tambor” em japonês. Esse termo passou a ser utilizado para referir-se ao tradicional tambor do Japão e a sua prática. O taiko faz parte da cultura japonesa e ao longo de toda sua história foi utilizado de diversas formas. Dentre elas, podemos destacar o uso como meio de comunicação, na religião, em festivais, na guerra e no teatro. O Owan, é um recipiente muito utilizado pelos japoneses para servir o arroz japonês “Gohan”, caldos como o “Misso-shiru” e muitos outros pratos típicos japoneses. Há diversos estilos, podendo ser encontrado feito em cerâmica, plástico, material em melamina, porcelana, entre outros. A simbologia das carpas Koi vem da época dos Samurais da era Muromachi, que as admiravam e as consideravam a representação do ideal de persistência, coragem e força, devido a enfrentarem todas as adversidades da natureza, como subir correntes e cascatas, para alcançar os seus objetivos. A Sakura, flor da cerejeira, é importante para os japoneses não só pela beleza como também pelos seus significados. O período de floração curto e que se acaba em instantes passou a ser relacionado com os conceitos de mujōkan e wabi-sabi, que fazem parte da estética e espiritualidade japonesas. Por fim, o Chouchin é uma lanterna típica oriental. Sua origem é chinesa e se estende por mais de 2000 anos. Desde então, essa tradição foi se espalhando para outros países asiáticos como Japão, Taiwan, Coreia, entre outros. No Japão, as lanternas simbolizam alegria, celebração, boa sorte e longevidade.

A partir da identidade visual, as discentes Lígia Mayumi Yasumura Tengan e Juliana Baziqueto puderam elaborar as artes digitais e físicas, tanto para as redes sociais do projeto quanto para os produtos que vendemos.

6.1.3. MÍDIAS SOCIAIS

Criamos uma página no Instagram (@olhos_afidados) com o objetivo de divulgar nosso projeto e falar sobre questões que se relacionassem com a temática dele (a cultura japonesa). A equipe de mídias foi composta por Lígia Mayumi Yasumura Tengan, que foi a responsável por fazer os posts e Eduardo Ito, que fez as legendas acessíveis dos posts. No começo da pré-produção do projeto, fizemos uma reunião para decidir quais conteúdos seriam postados, com que frequência e como as artes seriam elaboradas. O planejamento foi baseado em séries de postagens, sendo elas: receitas típicas da culinária japonesa, recomendações dos

membros da equipe de obras que se relacionam com a cultura asiática, informações sobre o projeto e conversas com os entrevistados. As postagens foram feitas utilizando o Adobe Photoshop, Premiere o Canva.

Posteriormente, utilizamos a página para divulgar nossos projetos de financiamento para a produção dos filmes.

Figura 9: Conta do projeto no Instagram



Fonte: @olhos_afiadados via Instagram (Lígia M. Y. Tengan)

Calendário 3: Mídias Sociais

CALENDÁRIO MÍDIAS E MAKING OF							
ABRIL							OBS
Domin go	Segund a	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	
	1	2	3	4	5	6	
7	8	9	10	11	12	13	
14	15	16	17	18	19	20	
21	22	23	24	25	26	27	
28	29	30					

MAIO							
Domin go	Segund a	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	
			1	2	3	4	
			Feriado (dia do trabalh o)				
5	6	7	8	9	10	11	
12	13	14	15	16	17	18	
19	20	21	22	23	24	25	
26	27	28	29	30	31		

				Feriado (corpus christi)	Emend a		
JUNHO							
Domin go	Segund a	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	
						1	
2	3	4	5	6	7	8	
9	10	11	12	13	14	15	
16	17	18	19	20	21	22	
23	24	25	26	27	28	29	

30							
JULHO							OBS
Domin go	Segund a	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Postagens às terças e quintas
	1	2	3	4	5	6	4 séries: receitas, projeto, depoimentos, recomendações
	Bio + foto de perfil	Apre do Projeto		Apre dos Diretores			
7	8	9	10	11	12	13	
	Emend a	Feriado (revolução constitucion alista)		Receita (tempur á)			
		Apre do Conteúdo					
14	15	16	17	18	19	20	
		Indicaç ão (Drive		Elemen to da			

		My Car)		ID (tsuru)			
21	22	23	24	25	26	27	
	Abertur a do forms de vendas	Receita (Yakiss oba)		Indicaç ão (First Love)			
28	29	30	31				
		Elemen to da ID (taiko)					
AGOSTO							
Domin go	Segund a	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	
				1 (aniversário de Bauru)	2	3	
				Receita (Mochi)	Emend a	Fecham ento do Forms	
4	5	6	7	8	9	10	

		VENDA DE PRODUT OS		Indicação (FullMeta l)			
11	12	13	14	15	16	17	
		Elemen to da ID (owan)		Receita (Mandy u)			
18	19	20	21	22	23	24	
		Indicaç ão (Freiren)		Elemen to da ID (koi)			arte feita
25	26	27	28	29	30	31	text alternat feito
		Receita (Guioza)		Financia mento coletivo			arte postada
							precisa ver detalhes
							arte agendada
SETEMBRO							
Domin go	Segund a	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	
1	2	3	4	5	6	7	
		Indicaç ão (One		Elemen to da		Feriado (independ	

		Cut of the Dead)		ID (sakura)		ência do Brasil)	7 reels dos entrevistados
8	9	10	11	12	13	14	Depoimentos
		Receita (missos hiru)		Indicaç ão (Koko ni shika sakanai hana)			
15	16	17	18	19	20	21	
		Elemen to da ID (chouch in)		Receita (harum aki)			
22	23	24	25	26	27	28	
		Indicaç ão (Ataras hii Gakko!)		REELS JULIE			
29	30						

OUTUBRO							
Domin go	Segund a	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	
		1	2	3	4	5	
		Receita (tofu)		Indicaç ão (parcou rs)			
6	7	8	9	10	11	12	
				REELS RICAR DO		RIFA	
13	14	15	16	17	18	19	
		Receita (sunom ono)		Indicaç ão (jaimin ho)			
20	21	22	23	24	25	26	
		REELS CRISTI ANE		Receita (lámen)			
27	28	29	30	31			

	Feriado (dia do servidor público)	Indicaç ão (chou)		REELS MARC OS YOSHI			
NOVEMBRO							
Domin go	Segund a	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	
					1	2	
						Feriado (finado s)	
3	4	5	6	7	8	9	
		Receita (karê)		Indicaç ão (aurora)			
10	11	12	13	14	15	16	
		REELS NATÁL IA			Feriado (proclam ação da república)		
17	18	19	20	21	22	23	
		Indicaç ão (varus)	Feriado (consciê)	Receita (Okono miyaki)			

			ncia negra)				
24	25	26	27	28	29	30	
				Indicaç ão (amie)			

Fonte: Lígia M. Y. Tengan

6.1.4. ARRECADAÇÃO DE FUNDOS

Dentre as tarefas de Produção, a principal foi a arrecadação de dinheiro para a execução do projeto. Tendo em vista gastos com transporte e alimentação durante os dias de filmagem, era imprescindível que a equipe organizasse formas de arrecadar dinheiro. Ao todo, obtivemos R\$1.160,77 reais em três formas de arrecadação: venda de produtos, financiamento coletivo e venda de rifas.

Tabela 1: Organização financeira

Data	Quem	Valor	Entrada/ Saída	Tipo	Descrição
12/07/ 2024	Heineken	R\$ 18,19	Entrada	Outros	O Poço E O Pêndulo
01/08/ 2024	Chou	R\$ 15,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
01/08/ 2024	Chou	-R\$ 24,74	Saída	Produtos	Compra dos adesivos
09/08/ 2024	Daniel	R\$ 22,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
12/08/ 2024	Madrugá	R\$ 11,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos

12/08/ 2024	Lucinéa	R\$ 47,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
13/08/ 2024	Nair	R\$ 22,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
14/08/ 2024	Aurora	R\$ 95,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
14/08/ 2024	Heineken	R\$ 48,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
19/08/ 2024	Chokito	R\$ 8,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
19/08/ 2024	Fuwa	R\$ 107,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
19/08/ 2024	Célia	R\$ 680,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
19/08/ 2024	Sayuri	R\$ 22,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
20/08/ 2024	Lume	R\$ 3,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
20/08/ 2024	Felipe	R\$ 200,00	Entrada	Doações	Doação da MUV
20/08/ 2024	Gina	R\$ 50,00	Entrada	Doações	Doação da MUV
20/08/ 2024	Zoop	-R\$ 426,28	Saída	Produtos	Compra dos porta-hashis

21/08/ 2024	Brenda	R\$ 30,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
21/08/ 2024	Pilar	R\$ 8,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
21/08/ 2024	Ana Luísa	R\$ 22,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
21/08/ 2024	ALAIC	R\$ 33,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
23/08/ 2024	Pipo	R\$ 22,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
23/08/ 2024	Bonnie	R\$ 11,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
23/08/ 2024	Mai	R\$ 60,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
23/08/ 2024	Chou	R\$ 22,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
23/08/ 2024	Hermínia	R\$ 22,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
26/08/ 2024	Giovanna	R\$ 3,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
26/08/ 2024	Puma	R\$ 21,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
26/08/ 2024	Suely	R\$ 82,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos

26/08/ 2024	Zoop	-R\$ 319,16	Saída	Produtos	Compra das ecobags
26/08/ 2024	Lando	R\$ 25,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
26/08/ 2024	Felipe	R\$ 44,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
26/08/ 2024	Kame	R\$ 22,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
26/08/ 2024	Heineken	R\$ 7,10	Entrada	Produtos	Compra de produtos
26/08/ 2024	Laura	R\$ 25,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
26/08/ 2024	Amie	R\$ 3,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
26/08/ 2024	Brindes Eco	-R\$ 6,60	Saída	Produtos	Compra das ecobags
26/08/ 2024	Fales	R\$ 6,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
28/08/ 2024	Kenobi	R\$ 22,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
29/08/ 2024	Gohan	-R\$ 89,70	Saída	Entrevistados	Compra do Shoyu (entrevistados)
30/08/ 2024	Keiko	R\$ 100,00	Entrada	Doações	Doação (tia da Mai)

30/08/ 2024	Andorinha	-R\$ 82,61	Saída	Gravações	Compra dos lanches
30/08/ 2024	Bazar	-R\$ 10,80	Saída	Produtos	Compra das embalagens (shoyu)
30/08/ 2024	Cerealista	-R\$ 12,75	Saída	Gravações	Compra do amendoim
01/09/ 2024	Kai	R\$ 100,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
02/09/ 2024	Chou	-R\$ 102,10	Saída	Gravações	Alimentação da diária 2
02/09/ 2024	Fábrica de Bottoms	-R\$ 75,93	Saída	Produtos	Compra dos Bottoms
02/09/ 2024	Lando	R\$ 926,49	Entrada	Produtos	Parte dele das camisetas e bottoms
02/09/ 2024	Roupa de Universitário	-R\$ 613,70	Saída	Produtos	Compra de camisetas
06/09/ 2024	Chou	-R\$ 7,99	Saída	Gravações	Alimentação da diária 3 e 4
10/09/ 2024	Palamin	-R\$ 48,00	Saída	Produtos	Compra dos pôsteres
18/09/ 2024	Puma	R\$ 25,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos
20/09/ 2024	Park	R\$ 3,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos

26/09/ 2024	Julie	R\$ 10,00	Entrada	Doações	Doação da Julie
12/10/ 2024	Nilton Kayo	R\$ 40,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
12/10/ 2024	Pipo	R\$ 4,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
12/10/ 2024	Fuwa	R\$ 2,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
14/10/ 2024	Charia	R\$ 10,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
14/10/ 2024	Gervasio Fukuzawa	R\$ 50,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
15/10/ 2024	Pilar	R\$ 12,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
16/10/ 2024	Órion	R\$ 104,00	Entrada	Outros	Resto da caixinha da sala
16/10/ 2024	Jaime	-R\$ 56,00	Saída	Outros	Devolução da parte do Jaime
16/10/ 2024	Groot	R\$ 8,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
16/10/ 2024	Chou (Letícia)	R\$ 4,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
16/10/ 2024	Heineken	R\$ 4,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa

16/10/ 2024	Jaime	R\$ 50,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
16/10/ 2024	Heineken	R\$ 12,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
18/10/ 2024	Chou (Ellen)	R\$ 10,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
18/10/ 2024	Roupa de Universitário	-R\$ 669,60	Saída	Produtos	Compra de camisetas
18/10/ 2024	Isabella	R\$ 8,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
24/10/ 2024	Jyn	R\$ 4,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
29/10/ 2024	Carol	R\$ 22,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos + rifa
29/10/ 2024	Lucas Kiyomitsu	R\$ 20,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
29/10/ 2024	Fuwa	R\$ 4,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
29/10/ 2024	Lume	R\$ 6,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
29/10/ 2024	Amie	R\$ 2,00	Entrada	Rifa	Venda de rifa
31/10/ 2024	Jinkx	R\$ 22,00	Entrada	Produtos	Compra de produtos

Fonte: Cláudio Massanori Sakamoto Miyata

6.1.4.1. VENDA DE PRODUTOS

Buscando dar um retorno aos apoiadores, além de divulgar o nosso documentário e a identidade visual do projeto, a equipe de Produção juntamente com os diretores idealizaram alguns produtos personalizados: camisetas, pôsteres em dois tamanhos, A3 e A4, ecobags, bottons, adesivos, e em especial, porta-hashis. A escolha do último item foi pensada na identidade do projeto Olhos Afiados, pois se trata de um item particular da cultura japonesa, visando promover esse aspecto cultural para além da arrecadação de fundos. Dentre os itens mencionados, o que mais vendeu foi a ecobag, totalizando 46 unidades vendidas.

Figuras 10 a 15: Produtos personalizados do projeto (adesivo, bottom, porta-hashis, ecobag, camiseta e posteres)





Fonte: Juliana Baziqueto e Lígia M. Y. Tengan

A discente Juliana Baziqueto, responsável pela elaboração das artes dos produtos, se inspirou em uma estética mais minimalista, visto que o documentário é pouco fantasioso, buscando ser fiel à realidade. Utilizando de referências discutidas em conjunto com os diretores, ela elaborou diversas artes para cada produto, e escolhemos em conjunto as artes finais divulgadas para venda.

Através da conta do projeto no Instagram, divulgamos os produtos e abrimos um formulário no Google Forms para que as pessoas fizessem suas encomendas. Após o prazo estipulado das encomendas, fizemos os pedidos de cada produto em suas respectivas lojas, após a equipe de Produção orçar em diversas lojas buscando o melhor custo benefício. As encomendas foram divididas entre os diretores para entregar tanto na cidade de Bauru quanto na cidade de São Paulo, e as entregas foram feitas pessoalmente pelos próprios diretores.

Ao todo, o projeto arrecadou R\$480,58 em venda de produtos, totalizando mais de 100 itens vendidos.

Figura 16: Formulário para encomenda de produtos



Encomenda de produtos: Olhos Afiados

Olá!! Como vai?

O projeto "Olhos Afiados" é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Comunicação: Rádio, Televisão e Internet da UNESP de Bauru, dos discentes Cláudio Massanori Sakamoto Miyata (Chou) e Tiago Jun Suda (Jaiminho). Estamos elaborando um documentário sobre identidade *nikkei* (brasileiros nipo-descendentes), e para conseguirmos seguir com o projeto, estaremos vendendo alguns produtos para arrecadar fundos!!! Garanta já os itens personalizados que estarão disponíveis por tempo limitado, até o dia 25 de Agosto!!! Não perde tempo! Lembrando que este formulário é apenas para reserva!!! Um membro da nossa equipe entrará em contato posteriormente para dar seguimento ao pagamento e entrega dos itens!!!!

tj.suda@unesp.br [Mudar de conta](#) 

*** Indica uma pergunta obrigatória**

Enviar por e-mail *

☐ Registrar tj.suda@unesp.br como o e-mail a ser incluído na minha resposta

Nome completo *

Sua resposta

Telefone para contato *

Sua resposta

Itens a venda



Camiseta
R\$60,00



Ecobag
R\$22,00



Porta-hashí
R\$25,00



Bottom
R\$8,00



Adesivo
R\$3,00



Poster
A4 - R\$10,00
A3 - R\$13,00

*Na compra do Kit Suki-yaki você leva
uma unidade de cada produto por um preço menor.*

Itens *

- ☐ Quero o Kit Suki-yaki
- ☐ Quero comprar os produtos individualmente

Retirada ou envio dos itens *

- ☐ Vou retirar na UNESP de Bauru
- ☐ Vou retirar no Parque Vitória Régia em Bauru
- ☐ Vou retirar em alguma estação de metrô em São Paulo (a combinar depois!)
- ☐ Quero que envie para a minha casa (será acrescentado frete no valor final da compra)
- ☐ Outro: _____

Próxima

Página 1 de 5

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". [Denunciar abuso](#)

Google Formulários

Fonte: Cláudio Massanori Sakamoto Miyata

6.1.4.2. FINANCIAMENTO COLETIVO

Após o encerramento das vendas de produtos, divulgamos um financiamento coletivo via Instagram, com a finalidade de receber doações caso alguém quisesse contribuir com o projeto com qualquer quantia. Através do financiamento, arrecadamos R\$360,00.

6.1.4.3. RIFA

Realizamos uma rifa de cerâmicas produzidas à mão pelo ceramista Makoto Fukuzawa, que também foi um dos entrevistados, o que facilitou nosso contato com ele. Escolhemos suas peças por conta da proximidade que o artista tem com nossa temática. Além de estar participando do documentário, ele viveu por cerca de 13 anos no Japão com o objetivo de aprender as técnicas tradicionais da cerâmica japonesa. Achamos bastante importante valorizar o trabalho de um artista de origem japonesa, ainda mais considerando que estamos trabalhando com um tema que fala muito sobre a cultura japonesa.

O ceramista Makoto nos doou duas peças, um prato e um chawan, um tipo de bowl japonês. Organizamos a rifa em dois grupos de números: os números 1 ao 100 foram destinados ao chawan, enquanto os números 101 ao 200 foram destinados ao prato. Assim, os compradores da rifa poderiam escolher qual prêmio eles gostariam de ganhar, caso seus números fossem sorteados. Ao todo, vendemos 127 números, resultando em um lucro de R\$254,00, uma vez que recebemos as cerâmicas em forma de doação ao projeto.

Figura 17: Post de divulgação da rifa de cerâmicas



Fonte: @olhos_afiadados via Instagram (Lígia M. Y. Tengan)

6.1.5. ELENCO

Para conseguirmos encontrar pessoas para serem entrevistadas, criamos um formulário que divulgamos nas redes sociais do projeto, além de também divulgarmos em grupos do WhatsApp que pudessem ter pessoas que se encaixassem com os temas. O formulário tinha 5 perguntas principais: se a pessoa é descendente de japoneses, que é o foco do nosso projeto, sobre qual tema ela gostaria de falar sobre, e um pouco do que ela já tem em mente sobre o tópico, se essa pessoa estaria disposta a aparecer nas câmeras ou se preferia gravar um depoimento por áudio ou apenas escrever suas experiências, e por fim, a cidade de origem da pessoa, para organização logística. Ao final do período em que o formulário ficou aberto para respostas, conseguimos 31 voluntários, um número bem acima do que imaginávamos, o que foi algo bastante feliz para nós.

Todas as respostas ficaram armazenadas numa planilha do Google, de modo que após a leitura de todas as respostas, filtramos alguns candidatos que consideramos mais interessantes. Nosso foco principal foram pessoas da cidade de São Paulo, pois isso facilitaria a organização das gravações, pois somos da capital. Depois, separamos as respostas baseado no tema que a pessoa gostaria de falar, para que cada um de nós pudesse escolher quem seria mais interessante pensando no direcionamento de cada episódio. Dessa forma, para o episódio sobre os Dekassegis, foram escolhidas 4 pessoas, enquanto para o episódio sobre a representatividade foram escolhidas 5.

Figura 18: Formulário para casting

Casting: Olhos Afiados

Boa tarde!

Nós somos o Cláudio Massanori S. Miyata (Chou) e o Tiago Jun Suda (Jaime), dois alunos do curso de "Comunicação: Rádio, Televisão e Internet", e gostaríamos de lhe convidar a participar do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado **Olhos Afiados!**

Nossa proposta é fazer um documentário seriado de dois episódios, cujo o objetivo é discutir sobre vivências e questões da identidade japonesa no Brasil, vivenciada por japoneses imigrantes e seus descendentes. Em cada episódio será retratado um tema diferente:

1º episódio: Dekassegui - brasileiros de origem nipônica que emigram para o Japão em busca de trabalho

2º episódio: Representação amarela no audiovisual e os reflexos na vivência de pessoas japonesas

Há três formas de participar!! Pretendemos entrevistar algumas pessoas e produzir um **material em vídeo**, para ser utilizado no documentário. Também pretendemos adicionar **gravações de voz** sem mostrar o rosto do entrevistado, produzindo material em áudio. E por fim, também há a possibilidade de contribuir com **depoimentos em texto**, para serem utilizados ao longo do documentário e das postagens de nossas mídias sociais.

Muito obrigado pela atenção!

tj.suda@unesp.br [Mudar de conta](#)

* Indica uma pergunta obrigatória

E-mail *

Seu e-mail

Nome completo *

Sua resposta

Idade *

Sua resposta

Telefone para contato (com DDD) *

Sua resposta

Redes sociais

Sua resposta

Você se autodeclara uma pessoa japonesa ou nipo descendente? *

☐ Sim

☐ Não

Qual é a sua cidade? (Onde ocorrerá a gravação) *

☐ Bauru

☐ São Paulo

☐ Outro: _____

Você se sente confortável em aparecer na câmera? *

☐ Sim, quero aparecer em frente à câmera (depoimento em vídeo)

☐ Não, mas posso gravar minha voz (depoimento em áudio)

☐ Não, mas posso escrever minhas vivências (depoimento em texto)

☐ Não, não tenho interesse em participar

Qual(is) desse(s) tema(s) você tem interesse de falar sobre? *

☐ Dekassegui - brasileiros de origem nipônica que emigram para o Japão em busca de trabalho

☐ Representação amarela no audiovisual e os reflexos na vivência de pessoas japonesas

Nos conte um pouco da sua experiência sobre esse(s) assunto(s) *

Sua resposta

Enviar

Página 1 de 1

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". [Denunciar abuso](#)

Google Formulários

Fonte: Cláudio Massanori Sakamoto Miyata

Algo interessante que notamos foi que grande parte das pessoas que responderam ao formulário estava mais interessada em falar sobre a representatividade amarela no audiovisual do que sobre os Dekassegis. Foram 23 pessoas que se disponibilizaram a falar sobre a representatividade, enquanto isso, 12 pessoas quiseram participar do episódio sobre os Dekassegis. Tivemos 4 pessoas que aceitariam participar dos dois temas se fosse necessário.

As pessoas escolhidas para o episódio dos Dekassegis foram: o diretor de cinema Marcos Yoshi, que viveu no Japão por quase 2 anos em duas diferentes ocasiões, uma para se reconectar com seus pais e outra para ajudá-los financeiramente; Marcos Yochiharu Matayoshi, que foi para o Japão na década de 90 com pouco mais de 18 anos, muito por conta da crise causada pelo plano Collor, e viveu lá por 17 anos; Nanci Kayo Matayoshi, que viveu no Japão em dois períodos da vida, um na década de 90, onde sem perspectiva de futuro, ela pensou que seria um bom momento para trabalhar e conhecer a vida no Japão, e outro nos anos 2000, quando trabalhou para juntar dinheiro para ajudar a cobrir os custos de saúde de seu pai; E o último entrevistado foi Ricardo Makoto Fukuzawa, um ceramista, que foi para o Japão no começo dos anos 2000 e ficou por cerca de 13 anos, com o objetivo principal de liquidar suas dívidas da faculdade e depois aprender as técnicas da cerâmica japonesa. Estes três últimos escolhidos, Marcos e Nanci Matayoshi e Makoto Fukuzawa, são parentes do Tiago, um dos diretores do projeto. Pedimos para eles responderem o formulário mais para confirmar o interesse deles em participar das entrevistas, mas desde o começo da idealização

do filme, eles já eram fortes candidatos para serem entrevistados por conta da abordagem familiar, que era uma das visões que tínhamos para abordar esses temas.

Essas pessoas foram escolhidas por já terem tido a experiência de Dekassegi. Algumas pessoas responderam que viveram no Japão por seus pais terem sido Dekassegis, mas elas mesmo não viveram esse processo. Outra questão que pesou bastante nessas escolhas foi a vontade desses candidatos em aparecer nas gravações, poucas pessoas que se interessaram no tema dos Dekassegi se sentiam confortáveis em serem filmados.

Sobre o tema da representatividade, escolhemos repetir um dos entrevistados. Marcos Yoshi, além de sua vivência como Dekassegi, também se tornou cineasta, contribuindo para a discussão do segundo episódio. Diretor de filmes como “Bem-Vindos De Novo” e “Aos Cuidados Dela”, Marcos trabalha em suas obras questões particulares sobre a vivência de nipo descendentes no Brasil. Também escolhemos outra pessoa nipo descendente do meio audiovisual, mas que após algumas conversas, não demonstrou interesse em seguir com o projeto. Outra entrevistada que também produz conteúdos audiovisuais é a influencer Julie Airi Iju, amiga de longa data do diretor Cláudio Massanori e trabalha com o Instagram desde 2018. O sucesso atual da conta é reflexo de anos de trabalho duro e produções de conteúdo autênticas, focadas no público amarelo. Sua participação tanto como pessoa mais jovem quanto como pessoa da mídia foram imprescindíveis para a construção de uma visão plural do documentário. Outra entrevistada convidada foi a Natália Harumi Pierczarka, psicóloga e atriz, que trouxe uma abordagem mais teórica e profissional sobre o impacto da mídia na relação das pessoas nipo descendentes para consigo mesmas e para com os outros. Por fim, a última entrevistada para o segundo episódio foi a Cristiane Eriko Ivaza Lopes, que trouxe um recorte geracional do início das representatividades no audiovisual e a evolução dos programas de TV e das mídias consumidas pelo público geral. O contraste entre os quatro entrevistados finais gerou um material plural em narrativas e opiniões, que se conversam para chegar em um produto final coeso.

Após essa primeira escolha, entramos em contato com cada um dos voluntários para agendar pré-entrevistas, para entender se essas pessoas estavam alinhadas com o que gostaríamos de contar no documentário. Fizemos uma pequena lista de perguntas para cada entrevistado, algo que também nos ajudou a ter uma ideia de como as entrevistas “oficiais” seriam para que nós pudéssemos ter uma certa ideia de como organizá-las posteriormente no processo de edição.

6.1.6. TRILHA SONORA

Utilizamos uma trilha sonora exclusiva, composta por Thiago Silva Sinzato Real. Realizamos uma reunião entre os diretores e o Thiago para definir qual seria a sonoridade do projeto e, considerando que nosso trabalho tem como foco questões a respeito da cultura japonesa, optamos por uma trilha que incorporasse instrumentos tradicionais japoneses, como o Koto. Essa reunião foi realizada após o término das gravações e o início da produção do roteiro, de modo que também conversamos sobre a produção de 4 trilhas que transmitissem sentimentos diferentes: uma trilha neutra, uma mais triste, uma para ilustrar desconforto e uma mais alegre, além de uma trilha para a abertura e uma para os créditos do filme.

A trilha musical do documentário foi produzida com a DAW Fruit Loops (FL Studio) da Image-Line, com o uso de instrumentos virtuais, sendo eles o piano Noire e o conjunto de instrumentos East Asia, ambos da Native Instruments. Alguns sons foram feitos em sintetizadores, sendo eles o Sylenth1 da LennarDigital e o Serum da Xfer Records. Para compor as trilhas, o Thiago usou as referências como ponto de partida, testou as progressões de acordes que para ver quais ficariam melhores para cada trilha e fez as melodias a partir de leituras sobre fraseologia musical.

Algumas das referências em relação à sonoridade da trilha sonora foram a banda japonesa Wagakki Band, o grupo combina instrumentos tradicionais japoneses, como o Shamisen (um instrumento de 3 cordas semelhante ao banjo), o Koto (instrumento de 13 cordas) e o Shakuhachi (um tipo de flauta), e os utiliza em conjunto com instrumentos mais atuais como a guitarra, teclado e bateria. Achemos essa referência interessante pois mostra uma forma de se utilizar os instrumentos tradicionais com uma sonoridade mais moderna e atual, sem precisar ser como as músicas tradicionais.

6.2. PRODUÇÃO

6.2.1. FOTOGRAFIA

A princípio tínhamos chamado duas pessoas para assistência de fotografia, mas acabou não sendo muito necessário, de modo que a equipe de fotografia acabou sendo apenas o diretor de área, que foi o Tiago Suda.

A ideia foi utilizar duas câmeras para que na pós-produção fosse possível dar um certo dinamismo, alternando entre os planos. Dessa forma, baseado em alguns documentários e reportagens produzidas pelo grupo estadunidense de jornalismo Vox, foi definido que haveria

um plano médio frontal e um plano mais na diagonal, enquadrando apenas o rosto do entrevistado.

A iluminação foi pensada para ser feita com poucos equipamentos, tendo em vista que as gravações foram em São Paulo, seria mais difícil conseguir pegar os equipamentos do estúdio da Unesp, de modo que recorremos a colegas que nos emprestaram 3 tubos de LED que utilizamos junto de fontes naturais de luz para conseguir montar uma iluminação de 3 pontos.

Figura 19: Planejamento inicial de fotografia

Planos para gravação

Médio Frontal Cam 1



Obs.: deixar a pessoa um pouco virada

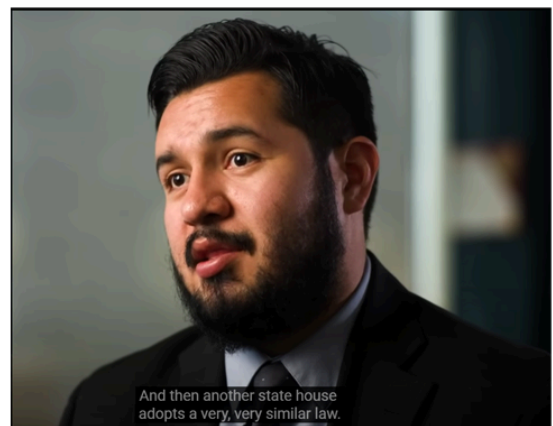
Key: Softbox

Fill: Bastão Led

Back: Bastão

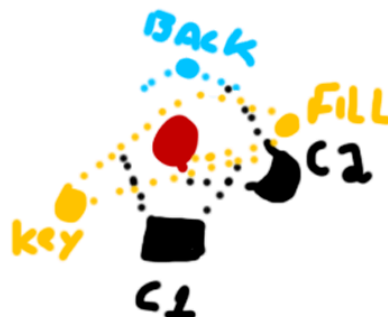
Deixar back no chão virada pra cima
(tipo videoclipe Jonabug)

Próximo 3/4 Cam 2



Obs.: pessoa virada para o mesmo lado do outro plano;

Obs.: Deixar fundos desfocados



Fonte: Tiago Suda e Documentário Vox: "Why US gun laws get looser after mass shootings"

6.2.2. FILMAGENS

As filmagens foram planejadas para serem feitas por uma equipe de apenas duas pessoas, isso por conta das locações serem na cidade de São Paulo, de modo que teríamos um custo muito alto para deslocar a equipe, que reside em Bauru. Para o deslocamento em São Paulo, tivemos o privilégio dos nossos pais ajudarem nos levando de carro para as locações. A equipe de gravação foi composta pelos dois diretores, Cláudio Massanori e Tiago.

Para isso foram utilizadas duas câmeras DSLR, uma Canon T5i como câmera principal e uma Canon EOS 250D para captar o plano lateral, a T5i foi equipada com a lente 18-55mm f3.6 e a 250D com uma 50mm f1.8, ambas em foco manual para ter um maior controle do que queríamos que tivesse mais destaque. Pegamos emprestado com uma colega o microfone de lapela W60 Duo da SmallRig, onde o receptor ficou acoplado na câmera principal com um fone de ouvido conectado para fazer o monitoramento do áudio. Cada um de nós ficou responsável por monitorar a imagem de cada câmera.

Planejamos cada diária para que tivéssemos uma hora para a montagem dos equipamentos, cerca de 3 horas para as gravações e uma hora para a desmontagem. Antes de realizarmos as gravações, já tínhamos uma ideia de como montar os equipamentos. Contudo, esses planos tiveram que ser adaptados dependendo da locação. Nosso plano foi visitar as casas dos entrevistados e gravar as entrevistas lá. Com exceção de um entrevistado (Marcos Yoshi), todos toparam essa proposta, de modo que cada casa precisou de uma organização diferente.

Na primeira entrevista, realizada com a influencer Julie Iju, no período da manhã do dia 31 de agosto, que seria parte do episódio a respeito da representatividade amarela no audiovisual. Montamos os equipamentos na sala da casa dela, que fica no bairro da Vila Carrão, na zona leste de São Paulo. Fechamos todas as janelas e portas para evitar a interferência de iluminação externa e então montamos uma iluminação de três pontos usando os 3 bastões de LED que conseguimos emprestado. Realizamos a gravação da entrevista, mas ao final, reparamos que o áudio ficou um pouco estourado, de modo que gravamos tudo novamente. Durante esta gravação, tivemos alguns problemas com a bateria da iluminação e da câmera principal (T5i), algo que não havia sido previsto, de modo que foi necessária uma pausa para carregar os equipamentos. Durante esta pausa, gravamos um pequeno reel pelo celular para ser veiculado nas redes sociais posteriormente. Essa gravação serviu de aprendizado para as gravações seguintes, isso porque quando verificamos os arquivos numa tela maior, percebemos que as imagens ficaram mal iluminadas, o que fez com que

mudássemos nosso plano de iluminação para aproveitar mais a luz natural, além de entendermos algumas formas de acelerar nosso processo de montagem e desmontagem. Esta diária teve início às 9 da manhã e terminou por volta das 13 horas.

Figuras 20 e 21: Testes de enquadramento com a Julie



Fonte: Tiago Jun Suda

A segunda entrevista foi feita com o ceramista Makoto Fukuzawa, no período da manhã do dia 1º de setembro, e que seria utilizada para compor o episódio sobre a vida de Dekassegi. Novamente, realizamos a entrevista na casa do entrevistado, que fica na região do Butantã, na zona oeste de São Paulo. Considerando o problema da iluminação, montamos o cenário no meio da sala de estar, de modo que a janela passou a servir como luz principal. Depois, colocamos um tubo de LED para servir de luz de preenchimento. Por conta dessa entrevista ter durado mais ou menos uma hora, também foi necessária uma pausa para carregar a câmera principal, onde também utilizamos o tempo para gravar um reel para as redes sociais do projeto. A entrevista teve início por volta das 9 da manhã e foi finalizada ao meio dia.

Figuras 22 e 23: Testes de enquadramento com o Makoto

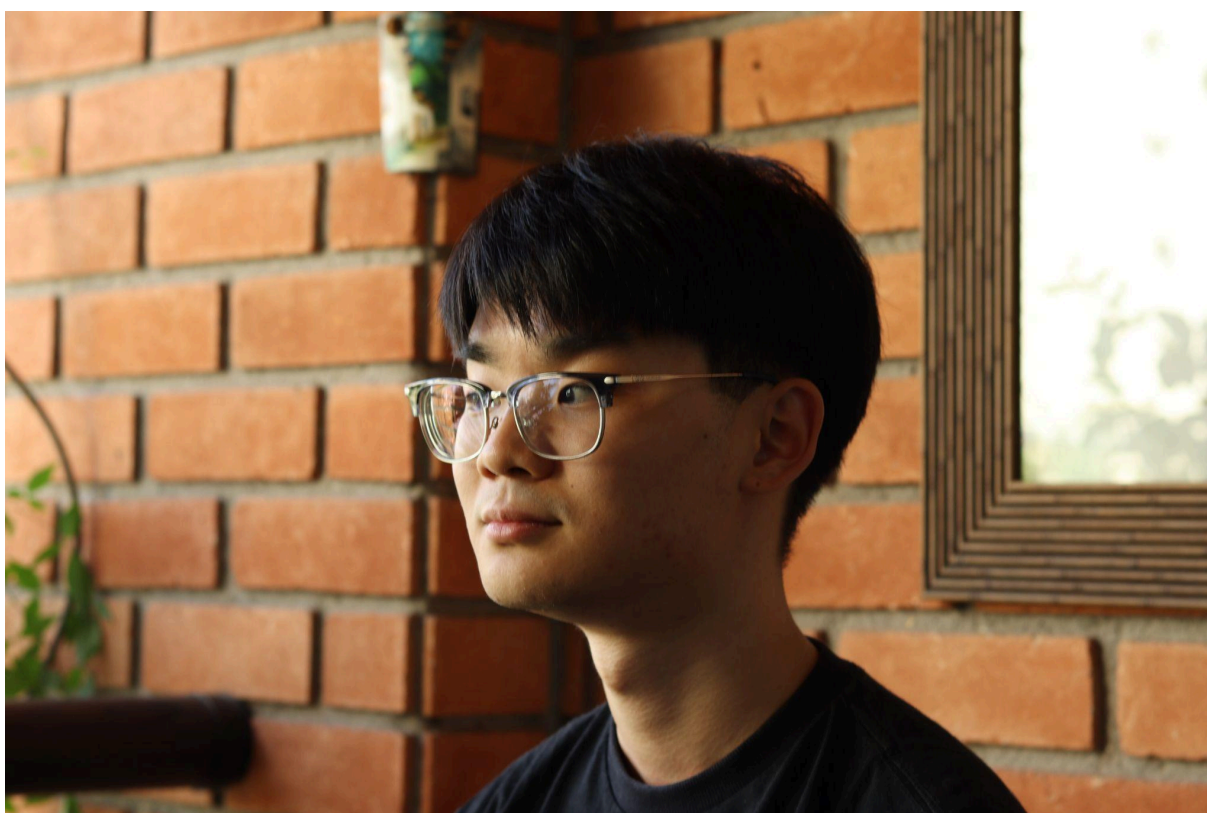
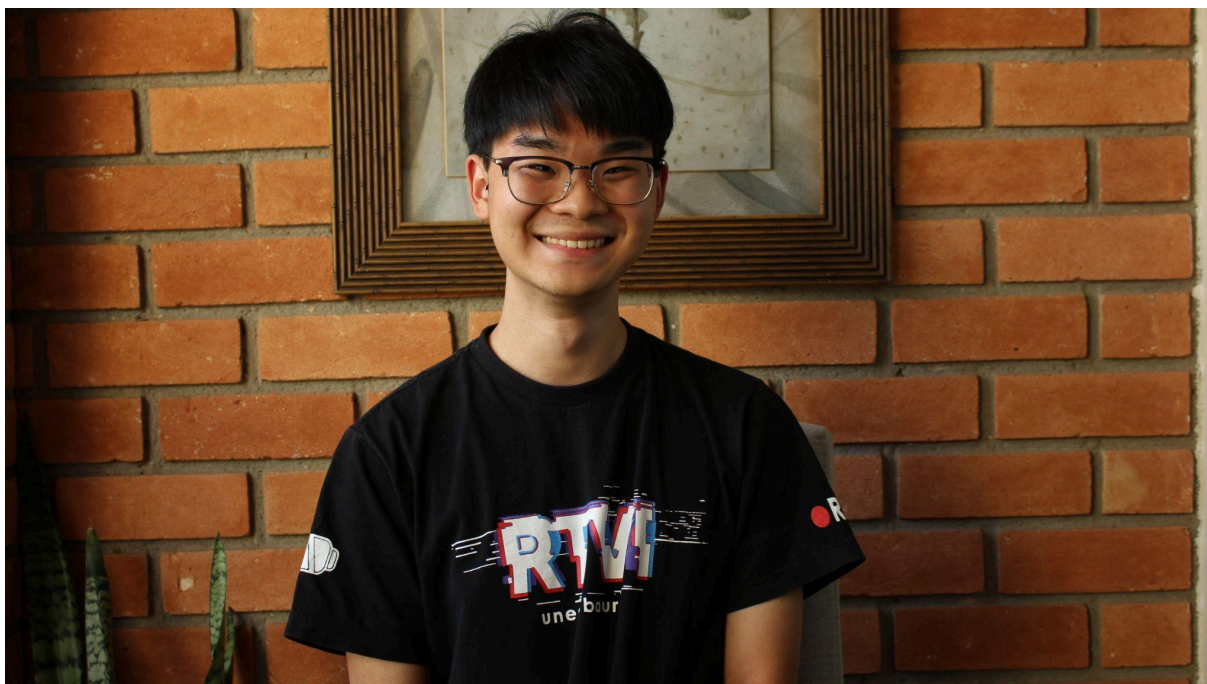




Fonte: Tiago Jun Suda

Após essa gravação, nos deslocamos para realizar a entrevista com a Cristiane Ivaza, que falaria sobre a questão da representatividade amarela, em sua casa no bairro da Lapa, também na zona oeste de São Paulo. Fizemos uma parada para almoço das 12:30 até 13:30, e às 14:00 iniciamos a montagem para a entrevista. Posicionamos a entrevistada na varanda de seu apartamento para ter mais espaço e para ter um aproveitamento melhor da luz natural, onde montamos um esquema parecido com o da entrevista com o Makoto, onde a luz natural serviu de luz principal e colocamos um tubo de LED para servir de luz de preenchimento. Após as perguntas, gravamos o reel. A entrevista começou às 14 horas e terminou por volta das 16:30.

Figuras 24 e 25: Testes de enquadramento com o diretor Cláudio Massanori



Fonte: Tiago Jun Suda

No dia 7 de setembro, agendamos a entrevista com o diretor de cinema Marcos Yoshi, que daria depoimentos sobre os dois temas, a representatividade amarela e a vida de

Dekassegi. O entrevistado disse que estava em um processo de mudança, de modo que não foi possível realizar a gravação em sua casa. Fizemos a entrevista no hall de entrada do prédio de um dos membros da equipe, no bairro de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, onde havia um sofá branco e uma grande janela de vidro que serviria de luz principal, e posicionamos um LED para ser a luz de preenchimento. Montamos os equipamentos por volta das 8:30, e o entrevistado chegou no local às 10:10. Começamos a entrevista pelo tema da vida de Dekassegi. A entrevista foi bastante longa e foi preciso uma pausa para recarregar a bateria da câmera principal e trocamos o bastão LED descarregado por um que estava com bateria cheia. Nessa pausa, gravamos o reel. Depois de terminar a primeira gravação, fizemos outra pausa para recarregar a bateria da câmera principal novamente. A gravação da segunda entrevista, que foi a respeito da representatividade amarela no audiovisual, foi mais curta, de modo que todas as baterias aguentaram até o final. A diária foi encerrada por volta do meio-dia.

Figuras 26: Set de gravação com Marcos Yoshi



Fonte: Tiago Jun Suda

As últimas gravações foram no dia 8 de setembro. Começando com Marcos e Nanci Matayoshi, que falariam sobre a vida de Dekassegi. A diária estava marcada para começar às 8:30, na casa dos entrevistados, no bairro da Vila Bela, na zona leste de São Paulo. Para montagem do set, movemos o sofá da sala de estar para aproximá-lo da janela e aproveitar a luz natural. Colocamos um LED para servir de luz de preenchimento e para tentar iluminar melhor o Marcos, que estava mais distante da janela. Optamos por realizar a entrevista com os dois juntos para que o processo fosse mais rápido, tendo em vista que no período da tarde teríamos mais uma entrevista que seria em um local um pouco distante. Foi preciso uma pausa no meio da entrevista para carregar as baterias da câmera principal, e nessa entrevista, por serem duas pessoas juntas, o responsável pela segunda câmera precisou alternar o foco para focar em quem estivesse falando.

Figuras 27 e 28: Testes de enquadramento com o Marcos e a Nanci





Fonte: Tiago Jun Suda

A gravação terminou dentro do tempo previsto do meio-dia, então realizamos uma pausa para almoço na própria locação e, por volta das 13:00, partimos para a próxima gravação, que seria realizada na casa da Natália Harumi, na região da Avenida Paulista, na região mais central de São Paulo, e ela falaria sobre a representatividade amarela. Chegamos ao local por volta das 14:00, e montamos os equipamentos na sala de estar, próximo a uma janela, com um tubo LED servindo de luz de preenchimento. Nessa gravação tivemos alguns problemas por conta da passagem do tempo, é perceptível nos arquivos de vídeo que a angulação da luz da janela foi mudando, ficando ainda mais perceptível após a pausa que fizemos para carregar as baterias. A gravação foi encerrada às 16:00

Figura 29: Teste de enquadramento com o diretor Cláudio Massanori



Fonte: Tiago Jun Suda

Considerando que cada episódio tem uma temática diferente, cada entrevista foi conduzida pelo diretor que escolheu cada tema.

6.3. PÓS-PRODUÇÃO

6.3.1. EDIÇÃO

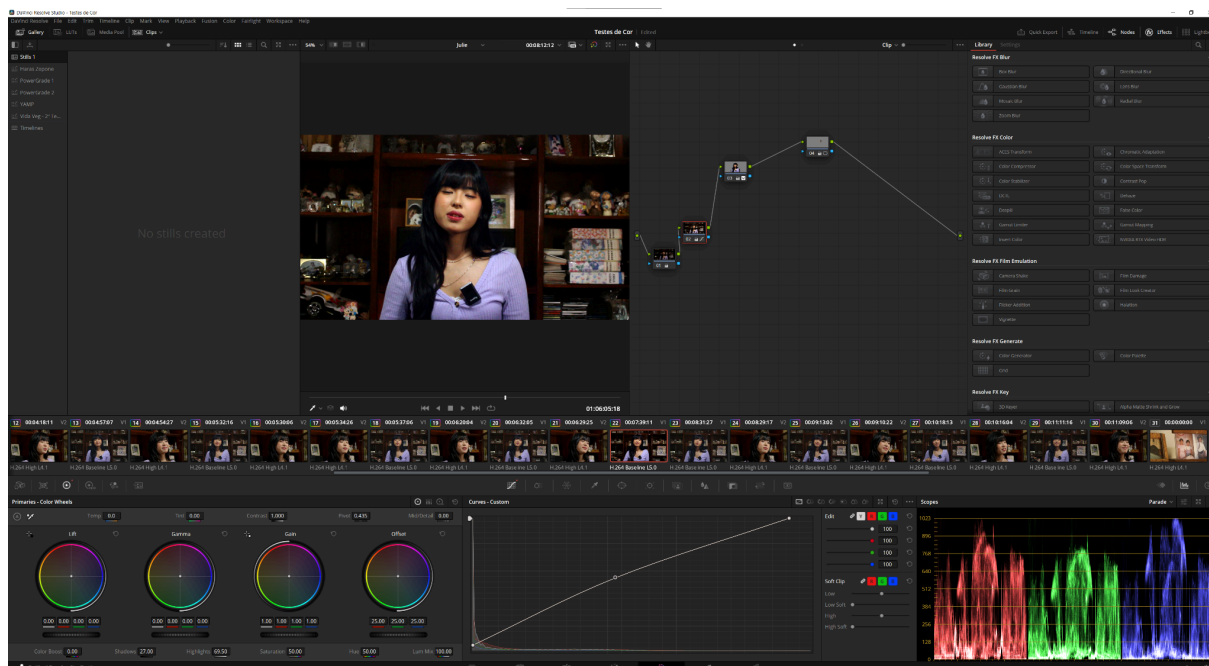
O processo de edição foi realizado em três pessoas, uma para cada episódio e a terceira pessoa para realizar as alterações finais. A equipe foi composta por Bill Luz, João Antônio Zanforlin e Tiago Jun Suda. A edição do episódio da representatividade foi feita por Bill Luz e João Antônio, a do episódio de Dekassegi e os videografismos foram feitos por Tiago Jun Suda. Tivemos alguns imprevistos por conta da agenda do João, por isso chamamos o Bill para continuar o processo. Dessa forma, alguns pontos da edição acabaram não ficando. Foi feita uma reunião para dividir as tarefas e estabelecemos um prazo para a entrega de uma primeira versão da montagem. A partir disso, foram desenvolvidos os videografismos para serem encaixados no filme: GCs para introduzir os entrevistados, animações de mapas para

descrever os caminhos percorridos no Japão, molduras para inserção de fotos e animações de texto para tradução de termos em japonês.

Buscamos imagens do arquivo pessoal dos entrevistados, imagens em bancos de imagem, utilizamos alguns vídeos disponíveis no YouTube e imagens da internet e colocamos essas imagens por cima das entrevistas para quebrar um pouco a monotonia de apenas mostrar as pessoas falando, além de alternar entre os planos de câmera frontais e laterais. Alguns vídeos, especialmente os da produção dentro das fábricas, foram obtidos via YouTube por não ser possível encontrá-los em bancos de imagem, a mesma coisa para alguns que foram utilizados para ilustrar a sociedade japonesa (como por exemplo, pessoas caminhando na rua). Tentamos entrar em contato com um amigo que mora no Japão para captar imagens para nós, contudo, por conta da rotina de vida dele (trabalho, afazeres domésticos, outras atividades), ele acabou não conseguindo fazer essas gravações, por isso foram necessárias as imagens de bancos e do YouTube. Esse amigo trabalha em uma fábrica no Japão e disse que há muitas restrições a respeito de gravações dentro desses espaços, o que explica a dificuldade de encontrar imagens nesses lugares em bancos de imagem.

Para a realização da montagem e colorização, utilizamos o Adobe Premiere e o Da Vinci Resolve, com os videografismos sendo produzidos por meio do Adobe After Effects. Algumas das referências para a pós-produção foram os mini-documentários e reportagens produzidas pela Vox, uma empresa estadunidense de jornalismo.

Figura 30: Colorização das entrevistas



Fonte: Tiago Jun Suda

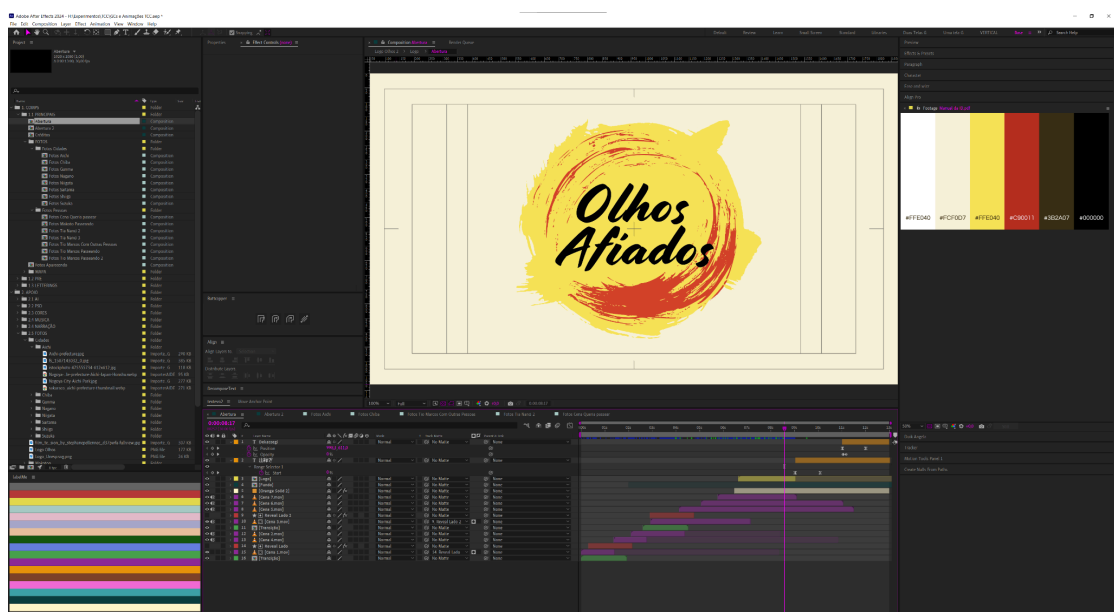
Figura 31: Montagem final do episódio

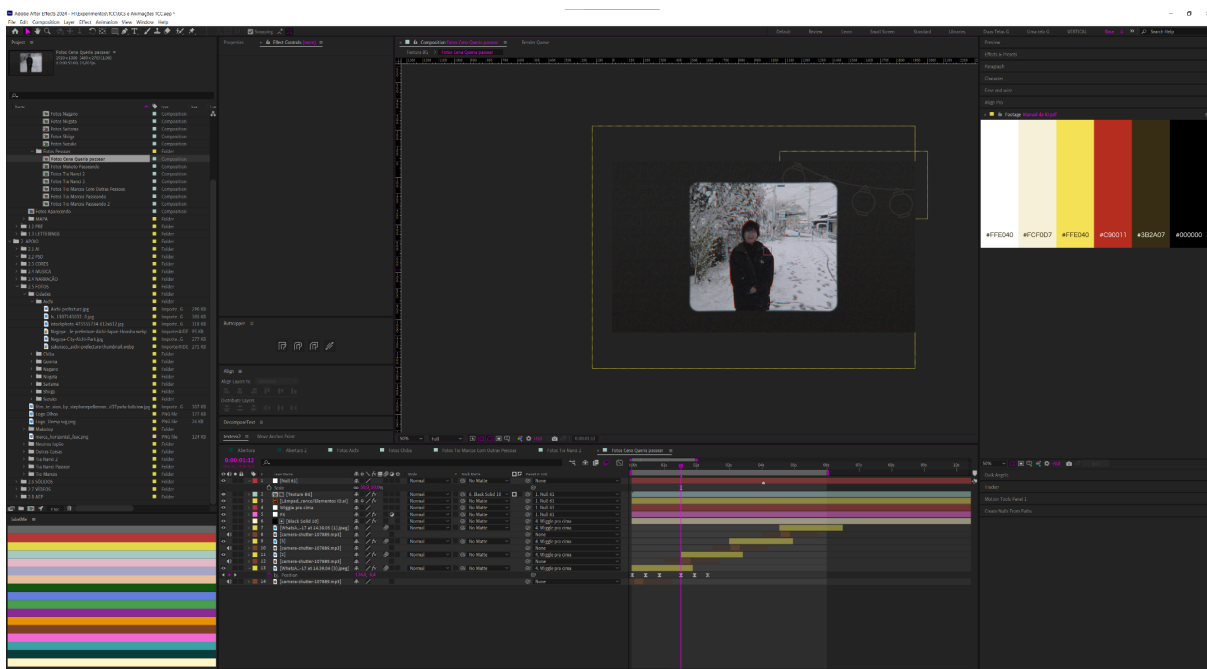


Fonte: Tiago Jun Suda

Os videografismos foram realizados pensando na identidade visual desenvolvida por Carol Vaz, tentando incorporar os elementos gráficos de modo não tão “invasivo”, para que eles ficassem ao fundo mais como um preenchimento. Já na questão do tratamento de cor, por se tratar de uma produção documental, buscamos fazer algo mais simples, para tentar balancear as cores entre uma gravação e outra e deixar mais padronizado.

Figura 32 e 33: Projeto dos videografismos





Fonte: Tiago Jun Suda

6.3.2. TRATAMENTO DO ÁUDIO

A responsável pelo tratamento de áudio foi a Samara Barbosa. Após a conclusão da montagem, o documentário foi exportado e então repassado para a equipe de som fazer seu tratamento. Para isso, foi utilizado o Adobe Audition. A primeira etapa do processo foi exportar o áudio do filme no formato mp3 por meio do Adobe Premiere, depois, abrir o áudio exportado no Audition, onde foi realizada a remoção dos ruídos. Na captação, foi utilizado um microfone de lapela, e ele produziu um pequeno chiado que estava no áudio inteiro. Depois, o áudio foi passado por um compressor para normalizar o volume e por fim, foi ajustada a reverberação. Enfim, foi realizada uma última audição para verificação de eventuais problemas e então o áudio final foi exportado no formato .WAV, para uma melhor qualidade, e colocado no OneDrive para a equipe de edição ter acesso novamente. O áudio então foi reinserido no projeto da montagem e resincronizado.

6.3.3. ROTEIRO

A idealização do roteiro começou com a ideia central de cada episódio do documentário, de modo que elaboramos perguntas a respeito dos temas tratados (Dekassegi e a Representação Amarela no Audiovisual). Depois, elaboramos uma outra lista de perguntas para realizarmos as pré-entrevistas com os potenciais entrevistados, tendo como objetivo entender mais ou menos as visões dessas pessoas a respeito dos temas que seriam trabalhados

e tentar já prever o que cada um responderia na entrevista final para já começar a tentar montar mentalmente o documentário.

Após as gravações, utilizamos o recurso de transcrição do Microsoft Word para que pudéssemos visualizar mais facilmente o que cada pessoa respondeu em cada pergunta, assim, separando os trechos mais importantes de cada entrevista para criar um novo texto que seria o roteiro final. Esse processo foi feito com a equipe de roteiro, em reuniões online onde realizamos a leitura das entrevistas e as organizamos de modo que as respostas fossem se conectando umas às outras para criar a narrativa.

Por fim, com o roteiro finalizado, fizemos uma nova leitura para ver em que pontos seria possível encaixar as imagens de cobertura, para dar um certo dinamismo ao filme, cortando um pouco a monotonia de mostrar apenas as pessoas falando.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de produção desse projeto foi algo bastante proveitoso para nós. Isso por conta do nosso contexto social e como ele se relaciona com os temas que escolhemos trabalhar. Como dois jovens descendentes de japoneses, acabamos entrando em contato de forma mais intensa com algumas questões que dizem respeito à nossa identidade de maneiras que não tínhamos pensado antes, de modo que foi uma experiência muito importante para a forma em que nos compreendemos como pessoas.

Além disso, de um ponto de vista mais prático, a execução do projeto em uma equipe reduzida no momento das gravações, nos fez ter uma melhor noção dos desafios que enfrentamos em uma produção audiovisual e da importância de se ter uma equipe completa com todas as funções definidas, de modo que passamos a valorizar ainda mais o trabalho daqueles que toparam integrar as outras partes da nossa equipe.

Por fim, é importante ressaltar a característica de um trabalho experimental, que visa explorar uma iniciação na carreira profissional. Ao longo do processo, utilizamos materiais cujos direitos autorais não estão sob nossa posse. Enfatizamos as fontes originais durante a produção do documentário e no produto final, mas consideramos importante a re-edição futuramente buscando utilizar apenas imagens autorais ou licenciadas.

Além disso, gostaríamos de futuramente, após os prazos de entrega do trabalho à banca e à UNESP, adicionarmos recursos de acessibilidade como legendas e audiodescrição de informações complementares que não conseguimos adicionar nesta versão, devido à falta de tempo considerando nosso prazo de entrega final. A acessibilidade é um recurso obrigatório nas produções audiovisuais profissionais, e deve ser sempre levada em consideração durante toda a produção de um produto. Discutimos sobre a audiodescrição dos entrevistados, inclusive pedimos a eles que se autodescrevessem em todas as entrevistas, e organizamos todos os processos de acessibilidade durante a pré-produção e as filmagens, mas infelizmente não conseguimos concluir a etapa de pós-produção no prazo estipulado. Gostaríamos de editar novamente os episódios assim que concluirmos a graduação.

Ao concluir este documentário, consideramos o resultado satisfatório, visto que foi inteiramente produzido por uma equipe de universitários, além das filmagens terem sido em apenas em duas pessoas. Esperamos que nossa produção contribua para o enriquecimento das discussões de pautas amarelas e nipo descendentes, e que possam gerar identificação e acolhimento para pessoas nipo descendentes que vivenciam diariamente as questões abordadas nos episódios. Também gostaríamos de impactar o público não amarelo, trazendo

visibilidade a problemáticas que são pouco discutidas tanto entre pessoas amarelas quanto fora das comunidades e bolhas sociais. Também há planos abstratos de executarmos novos episódios, buscando discutir outras questões da comunidade nipo descendente sobre outros temas distintos, como culinária, expressões artísticas, entre outros.

Encerramos nosso relatório satisfeitos com o trabalho árduo que percorreu o ano inteiro, desde a preparação, organização, gravações, edição e divulgação dos materiais produzidos. Graças ao esforço de toda uma equipe competente, pudemos finalizar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com êxito.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Juliana Fernandes de; OKAMOTO, Mary Yoko.; RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira. **Os desafios da educação dos filhos dos decasségus no Japão**. Revista Zero-a-seis, Florianópolis, 2021, v. 23, n. 43, p. 838–865, 2021.

BELTRÃO, Kaizo Iwakami; SUGAHARA, Sonoe. **Permanente temporário: dekassegus brasileiros no Japão**. Revista Brasileira de Estudos de População, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/Mqw4jYrZyJFWjd8GmJ3MM5s>. Acesso em 2024.

CATANI, Afrânio; RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário**. Estudos de Cinema SOCINE, p. 192-207, 2000.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5ª ed. Campinas: Papirus Editora, 2010.

OKAMOTO, Mary Yoko. **Dekassegui e família: encontros e desencontros**. 2007. 380 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANTOS, Caynnã de Camargo; ACEVEDO, Claudia Rosa. **A minoria modelo: uma análise das representações de indivíduos orientais em propagandas no Brasil**. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 13, n. 27, p. 281-300, ago. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2013000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 out. 2024.

9. APÊNDICES

Apêndice 1 - Perguntas pensadas para as entrevistas (Episódio 1: Dekassegi)

- Nome, Idade, de onde é;
- O que é um Dekassegi;
- Que ano foi pro Japão, onde ficou e por quanto tempo;
- Porque decidiu por isso;
- Como descobriu essa possibilidade;
- O que você já sabia sobre antes?
- Você sabia falar japonês? (perguntar sobre a questão da cultura)
- Como foi conversar com a família sobre isso (perguntar o que falaram pro entrevistado);
- Como foi o processo no Brasil (agência, preço, etc)
- Quais foram as expectativas com relação a ser um Dekassegi (Medos, incertezas, atingir objetivos)
- Como foi a chegada no Japão (Lugar onde foi morar, primeiras impressões)
- Que tipo de serviço foi feito? Era muito pesado? Quanto tempo de trabalho por dia? O dinheiro era o esperado?
- Como era sua rotina? (Se tinha que acordar muito cedo, chegar tarde, se era muito cansativo)
- Preconceito por ser estrangeiro, mesmo sendo descendente
- Diferenças entre a cultura de descendente de japonês no Brasil e dos “japoneses de verdade”/Comparação da vida no Brasil e no Japão
- Interação com pessoas fora do trabalho, sociabilidade
- Você era feliz? Pensou em desistir em algum momento? Saudades de casa, Solidão
- Como o você de agora enxerga toda essa experiência no geral? Se você pudesse voltar no tempo, faria de novo?
- O que te fez voltar para o Brasil? Voltaria pro Japão?
- Sua visão sobre as pessoas que embarcam nessa jornada? Conselhos
- Você tinha/fazia algo aqui quando foi?
- Você teria algum suporte lá? (Ex. Família)
- Diferencial de saber japonês

Apêndice 2 - Perguntas pensadas para as entrevistas (Episódio 2: Kyoumei)

- Todos: Apresentação e audiodescrição (nome, idade, geração...)
- Todos: Quais programas foram marcantes durante sua infância/adolescência?
- Todos: Você se sente representado nas produções que tem pessoas amarelas? (Quantidade e qualidade das produções)
- Todos: O que ainda pode melhorar no audiovisual brasileiro?
- Cristiane: Quais foram as primeiras pessoas amarelas de destaque no audiovisual brasileiro?

- Cristiane e Natália: Quais são suas primeiras memórias de pessoas japonesas em TVs, cinemas e jornais no Brasil?
- Cristiane e Natália: Você notou alguma diferença na quantidade (e qualidade) de conteúdos audiovisuais que apresentam pessoas amarelas (nos últimos 10 anos)?
- Cristiane e Natália: Que estereótipos negativos foram reforçados pelo audiovisual e tiveram reflexos na sua vivência?
- Marcos: O que te motivou a trabalhar com o audiovisual?
- Marcos: Com quantas pessoas amarelas você conviveu no ambiente de trabalho?
- Marcos: Houve alguma diferença nas demandas por pessoas ou conteúdos amarelos nos últimos 10 anos?
- Marcos: De que forma a sua identidade e vivência enquanto pessoa nikkei influenciou nas suas produções?
- Marcos: Existe algum estereótipo ou dificuldade enfrentada no meio audiovisual por ser uma pessoa amarela?
- Julie: O que te motivou a criar sua página no Instagram?
- Julie: Você se sentiu estereotipada ou enfrentou alguma dificuldade enquanto criadora de conteúdo por ser nikkei?
- Julie: Houve algum “benefício” na produção de conteúdo por ser nikkei? (Falar sobre as marcas asiáticas ou focadas no público asiático)

Apêndice 3 - Roteiro do Episódio 1: Dekassegi

Marcos Yoshi: Meu nome é Marcos Yoshi. Eu sou cineasta, eu estou sentado aqui num sofá branco com um fundo branco. Eu tenho cabelos longos, sou descendente. Os meus cabelos são longos, mas eles estão presos num coque. Eu sou descendente de japonês de terceira geração, sansei. E estou vestindo uma camiseta verde clara.

Nanci: Meu nome é Nanci. Eu tenho 54 anos. Eu sou Nissei por parte de mãe, Sansei por parte de pai. Tenho cabelo curto, olhos claro, olhos escuros e estou vestindo uma camisa azul com detalhes brancos e estou sentada em um sofá marrom.

Marcos: Bom dia, meu nome é Marcos. Tenho 55 anos, 1,75, acima do peso. Uso camisa cinza, japonês padrão, vamos dizer assim. Cabelo liso.

Makoto: Meu nome é Makoto, tenho 48 anos, é sou Nissei, sou segunda geração e eu sou ceramista.

Makoto: Bom, Dekassegi seria o termo japonês para o retirante, né?

Marcos: É a palavra de kassegi em si, já tem o significado de imigrante. O kassegi é migrante, E de kassegi é Imigrante. Então, quando alguém que deixa seu país para tentar alguma coisa em outra localidade fora da sua Terra Natal, no caso de kassegi, a palavra em japonês, são os brasileiros que saíram do Brasil

Nanci: São pessoas que vão trabalhar fora do seu país em busca de uma condição melhor, uma vida diferente. Acho que é isso para mim.

Yoshi: Bom, eu fui para o Japão em 2004.

Marcos: A minha primeira experiência foi em 1990.

Makoto: Eu fui. Em 2003, fevereiro de 2003.

Nanci: Eu fui a primeira vez em 96. Em 1996 eu fui em janeiro. Na primeira vez, eu fiquei em Chiba, logo que eu cheguei, fiquei em Chiba. Eu acho que eu fiquei um mês e meio. Eu fui para Suzuka na outra ponta, lá embaixo, embaixo, não no meio. Fiquei meio ano. Aí eu voltei de novo para a região de Tóquio, eu fiquei em Saitama, aí lá eu fiquei um ano e pouco, que foi na Sony. Aí eu voltei. Em 97. Acho que outubro. Aí eu continuei no Brasil, trabalhando tudo, mas voltei para o Japão em 2003 e fiquei lá por 4 anos. Aí a gente ficou em Aichi-ken, em Chiryu.

[ANIMAÇÃO MAPA JAPÃO MOSTRANDO ESSE TRAJETO]

Marcos: E eu fui para a região de Chubu, que é o meio do Japão. Eu fiquei na província de Aichi-ken e a primeira cidade que eu morei chamava Anjo. Uma cidade bem pequenininha.

Makoto: Eu fiquei um ano e meio na província de Niigata, é mais para o norte do Japão e depois uns 12 anos em Shiga que é próximo a Kyoto, é mais por centro do Japão..

Nanci: Eu sempre quis muito ir para o Japão, vontade de conhecer. Eu tinha acabado de terminar minha faculdade e assim eu não via expectativas aqui. E eu achei que era o tempo ideal para eu ir para fora para conhecer o Japão e aproveitar. Não fui só pelo dinheiro, eu queria conhecer o Japão, então eu fui para lá para isso. Como que eu posso dizer? A segunda vez eu fui por causa do Marcos, A gente se conheceu pela internet e aí eu fui com ele. Aí eu acabei ficando lá.

Marcos: No ano de 90 foi o ano que eu já trabalhava fora. Trabalhava inclusive de carteira de estrada. E foi bem na época que teve o governo Collor, que teve uma, foi confiscada a poupança de todos os brasileiros e ficou sem serviço. E onde eu trabalhava também fechou. Na época aí, meio sem expectativa de continuar os estudos, não, tinha conseguido passar numa faculdade, uma faculdade pública. Eu decidi ir para o Japão para tentar um pouco de sorte para depois retornar para continuar os estudos.

Makoto: Bom, eu fiz faculdade de desenho industrial, né? Então acho que se chama design e no meio do curso, me vi meio perdido. É, então eu não sabia exatamente o que eu queria da minha vida. Né? O design eu vi. Não seria? Né? Aí eu lembrei de um trabalho que eu fiz no começo da faculdade? Que a matéria se chama modelagem plástica e foi um trabalho em argila. Então aquilo me foi uma experiência única, então que. Imaginei que fazendo cerâmica, alguma coisa com argila, né, eu poderia encontrar um caminho, né? Pra mim.

Yoshi: Bom, eu fui para o Japão em 2004. É meus pais. Eles moravam lá na época. E eu tinha 18 anos. Então eu fui para trabalhar e para viver junto com eles. Eles moravam em Nagano, na província de Nagano, trabalhavam num Bentoyá, numa fábrica de marmitas. E aí eu fiquei inicialmente 10 meses lá. E eu fiquei 10 meses lá. É nessa primeira ida. Aí eu voltei para o Brasil. Só que por conta de um problema de saúde do meu pai, eu precisei retornar uma segunda vez para lá. Nessa segunda vez eu fiquei 3 a 4 meses em Guma.

Makoto: Meu pai já tinha ido, tinha tido muitos parentes e amigos assim, então já era uma. E assim é de pelo menos para minha geração. Era normal, né? A gente, sempre conhecia alguém que já. Ido. Que foi, né?

Nanci: Eu descobri porque quando eu estava no colégio, a gente tinha amizade com muito

nikkejin e muita gente terminando estava indo para o Japão. E eram amigos, contavam experiência. Teve gente que voltou e assim eu fiquei. Eu fiquei curiosa de também conhecer, então eu fiquei sabendo através de amigos, não é? Mas quando eu fui, eu fui através de uma tia, eu fui trabalhar com ela porque existia aquela insegurança, é? É onde você vai receio se você não pode ir trabalhar em um lugar perigoso. Sabe aquela insegurança mesmo? Aí eu fui com uma tia.

Marcos: No meu caso, já tinha primos que tinha ido para o Japão e meu pai também não vendo expectativa muito assim aqui no Brasil, por causa do plano Collor na época, falava que eu tinha que ir, falou: “vai, vai, aproveita!”. Aí tinha uns primos que estavam lá, ele falava, “Ah, primo tal, está lá, tal, primo tal, está lá, vai, vai, vai conhecer. Vai aproveitar”. Eu meio contrariando, a ideia era não, mas depois eu não vi muita expectativa. Acabei cedendo e fui, mas assim era muita gente na época. Foi um. Foi bem na época do boom, né? Virou uma como a febre, vamos dizer assim, uma onda de notícias que estava valendo a pena retornar para lá. Aí eu aproveitei e foi justamente essa época para ir.

Yoshi: Não tinha, não tinha a menor ideia de que existia essa imigração em massa para lá, né? E aí quando meus pais foram que eu fiquei sabendo que. É, existe essa possibilidade de ir pro Japão trabalhar como dekasegi.

E antes de ir pro Japão, vocês já sabiam falar japonês? Sentiu algum? É, vocês achavam que vocês conheciam um pouco da cultura do Japão?

Makoto: É, eu até os 5 anos só falava japonês. Então depois eu frequentei a escola japonesa. Quer dizer, é de manhã na escola, né, normal. E 3 vezes por semana estudava japonês, uma escola. Que chama Nihongakko. Então, assim eu tive uma criação um pouco rígida nessa relação com a língua, então, é, eu não tive muita dificuldade, é, mas assim, eu não tinha uma ideia muito clara do que era o Japão assim é a sociedade

Yoshi: Então, eu não sabia nada de japonês, é também não tinha muita noção de como que era o estilo de vida lá, apesar dos meus pais. Enfim, eles moravam lá desde 99. Eu fui em 2004. Então eu já fazia 4, 5 anos que eles moravam lá, então eu sabia por eles como que era o estilo de vida, sabia que tinha que trabalhar muito. Mas quando eu fui, tinha uma coisa um pouco de aventura. É misturado com um desejo de ajudar meus pais também a não precisar ficar muito tempo que eles foram para ficar 3 anos e já tavam no quarto ano e sem muita perspectiva de voltar. Então essa situação me causava muito incômodo. E, eu fui para poder é tentar. É tentar amenizar, fazer com que eles voltassem antes, em um certo sentido.

Marcos: É, culturalmente, não. Mas vamos dizer assim, que valores, né? Assim, esses valores sociais assim a gente acha. Tem noção? Porque a gente é descendente aqui no Brasil, mas chegamos lá, a gente também tem um choque bem grande, porque assim é uma é uma cultura muito milenar lá, né? A gente não tem uma ideia realmente. Hoje a informação é mais rápida, mas naquela época era só quando a gente escutava alguém falar, a gente não tinha tanto acesso a material, livros principalmente, não era uma coisa assim tão. Tão, tão ampla que nem hoje, né?

Makoto: Olha, eu fui sem, sem expectativa, porque. Era uma fase da minha vida que eu não tinha. Eu mesmo não tinha perspectiva na minha vida. Então minha prioridade era pagar a dívida primeiro.

Nanci: Então assim, você não tem uma ideia do que é. Você só sabe que você vai trabalhar. Quando você foi, você entrou em contato com alguma agência para conseguir realmente ir para o Japão?

Nanci: A segunda vez eu paguei sozinha. Eu peguei, fui em uma agência e como eu já tinha ido uma primeira vez, eu já meio que sabia para onde eu queria ir, que eu fui para a Sony, que era um serviço mais leve, não era tão pesado.

Makoto: Um. Sim, é. É, tem uns amigos do meu irmão, que que eles fizeram esse contato, É uma agência mesmo. Está que tinha um escritório na Liberdade? É, a gente chama de empreiteiras, né? Lá, né? Então é uma agência que. Que tem um contato com a fábrica, né? E faz um contato com a gente, não é? Faz toda a documentação. É isso, né? De colocação não. Então eles também é providenciam alojamento, né? É uniforme, essas coisas assim.

Yoshi: Sim, mas como meus pais, eles já trabalhavam, no que a gente chama de empreiteira, eles já trabalhavam para essa empreiteira. Que no final das contas é de quem eles são empregados. Eles não são empregados a fábrica, eles são empregados dessa empreiteira.

Marcos: Eu só tinha uma expectativa que ia trabalhar muito por causa que, no caso, a agência de turismo que fez esse intermédio da com a empreiteira do Japão explicou que o serviço era o esquema que o japonês chama de Sankei (traduz para 3 Ks), né? Que é pesado, corrido e sujo, né? E a gente só tinha isso na cabeça.

Makoto: Era um trabalho em linha, em uma linha de montagem. Você ficava em pé 12 horas. Tinha uns intervalos muito curtos, de 10 minutos, almoço de meia hora mais ou menos. Eram turnos assim, 4 dias trabalhando de dia, das 8 às 8 ou da noite à, 2 dias de folga. Depois virava o turno. Eram 4 dias, trabalhando das 8 da noite até às 8 da manhã. Então assim em um ano eu emagreci 10 kg.

Yoshi: É um trabalho mais físico, mais manual, mas é totalmente insano você ficar, o trabalho é 100% de pé. Então era isso. Eu ficava 12 a 16 horas por dia de pé, trabalhando praticamente de forma ininterrupta.

Marcos: Eu tive todas as experiências possíveis lá no Japão. Já trabalhei a pé, já trabalhei de bicicleta, já teve vez que tinha um transporte para levar e trazer já teve uma época que eu consegui trabalhar por conta própria de carro. Então são várias experiências e a questão de realmente ser perto ou longe faz diferença, mas assim, da mesma forma que foi a parte desse deslocamento também foi experiência com trabalho, eu tive trabalhos leves, mas também tive trabalhos pesados.

Nanci: Eu trabalhava perto porque eu ia de bicicleta, né? E o bom é que você exercita tal. Então era perto, mas a segunda vez, que eu fui com o Marcos, aí já era diferente, eu trabalhei em lugar perto e lugar longe, mas tudo eles é faziam o transporte é que falam Sogei (送迎). Então eu sempre tinha alguém para levar, porque não era tão perto da minha casa. Só que no começo eram serviços leves, só que. Como são regiões diferentes, quando você trabalha perto de Tóquio, são serviços mais leves, pelo menos essa experiência que eu tive, são serviços manuais, mas, mais leves. Essa última vez eu fui para uma região que é mais automotiva, então os serviços em si são mais pesados.

Yoshi: Eu acho que o trabalho que a gente faz lá, ele é totalmente descartável no sentido individual, ou seja, não importa se sou eu fazendo esse trabalho ou se é uma outra pessoa. É

a gente enquanto indivíduo não tem nenhum valor assim, no sentido de que é um serviço totalmente descartável. Eu tinha 18 anos. Não tinha tido nenhum tipo de experiência prévia de trabalho. Então é basicamente, você tem saúde para aguentar o trampo você faz. E você tem capacidade de aprender o trabalho, você faz. Mas o trabalho não é simples em se aguentar a rotina trabalho não é simples, mas o trabalho em si, ele é muito simples. Então, a gente, enquanto pessoa, indivíduo, a gente é descartável.

Nanci: Eu tinha um valor como pessoa e fazia só o trabalho braçal. Você vê que eu sou só mais uma no meio, entendeu? Na hora que eu não tiver boa, ele vai, me troca e pronto.

Makoto: Me senti assim: só não tinha uma máquina ali, um robô, porque não existia esse robô. Então é como se eu me senti assim. Bom, eu devo ser. Acho que. Acho que eu eu custo mais, custo menos para uma fábrica. Do que um robô. Eu só estou cumprindo uma função que o robô não consegue fazer ou não, ou é muito caro. É só isso assim. É uma peça mesmo, uma máquina é uma peça

Como que era mais a sua rotina de vida?

Makoto: Eu acordava às 7 horas, não é? Então às 7:30 passava. Um micro-ônibus para pegar a gente e leva a fábrica que era afastada da cidade. Você já entrava e começava a trabalhar às 8. Então, quando você volta, você só quer comer, tomar banho e dormir, você não tem energia para fazer outra coisa assim, sabe?

Nanci: Todo mundo trabalhava, mas chegava no domingo, a gente combinava de sair para conhecer os lugares, mesmo que fosse perto. E no Japão tem aqueles feriados, né, que mais prolongados. E aí a gente tentava marcar alguma coisa. Eu tinha tias também perto, então eu ia visitar. Então, a gente trabalhava demais, mas eu acho que a gente meio que aproveitava também as folgas, né? Não era só trabalho.

Marcos: No começo é tentar só pensar em trabalho, focar no trabalho. Mas não adianta. O ser humano precisa descansar, repousar, e você acaba fazendo amizade para tentar sair. A gente tenta fazer as coisas. De uma forma que dê para todo mundo poder sair, poder encontrar, poder conversar. Mas se não, você, vamos dizer assim, você fica louco só trabalhando, realmente. Mas é uma experiência assim, bem desgastante realmente até você entender, ou você aproveita ou você trabalha. E assim, o balanço dos dois é difícil. É bem difícil.

Makoto: Principalmente quando é um turno, é noturno, a gente até ia jogar bola, passear um pouco, mas é muito desgastante que você não consegue descansar, né? Então assim é nas folgas, é. Você não tem energia para muita coisa. Você basicamente. Faz um churrasco, vai passear um pouco, vai comer fora alguma coisa assim? É, não tem. Não tem mais energia, não é?

Yoshi: Meu caso é muito específico. Eu fui para lá sem ter nenhum tipo de vínculo com o Brasil, no sentido de eu não precisava mandar dinheiro para cá. Eu não tinha nenhum tipo de responsabilidade. O que todo o dinheiro que eu trabalhava e ganhava era só para mim. E eu sabia que eu ficaria lá por 10 meses, por 1 ano, no máximo voltaria para o Brasil para continuar meus estudos. Então eu sabia que tinha 1 dia para terminar aquilo lá, sabe? Ah, e isso ajudava muito a tocar um dia depois do outro e voltar para casa, tomar um banho, comer qualquer coisa e dormir, acordar e ficar praticamente vivendo dessa forma durante 10 meses. Mas ia acabar isso, eu sabia que ia acabar, então isso me colocava numa posição

até um pouco de desprendimento com relação ao que eu estava vivendo. Então eu encarava aquela situação toda como se fosse algo que não é minha vida realmente, que minha vida não é lá no Japão.

Vocês se sentiam integrados à sociedade japonesa?

Marcos: Desde o início eu também fiquei bem afastado. Não sabia coisa nenhuma do que aconteceu na sociedade japonesa. Fui aprendendo com uns anos. A entender como funcionava a sociedade, o calendário. Mas depois de um tempo, que eu comecei a estudar japonês, comecei a interagir melhor, né? E aí realmente mudou. Realmente eu tive uma oportunidade de conhecer bastante coisa e antes de ir embora assim já interagido por também já se virar melhor na para se comunicar assim. Eu não me sentia mais assim tão isolado assim da sociedade, portanto até consigo acompanhar algumas coisas que eles planejavam, faziam. Tenho amigos japoneses, Né? Que realmente fizeram parte dessa história, desse convívio que eu tive lá com a sociedade, mas realmente aí é bem diferente realmente.

Yoshi: Como você vive à margem da sociedade, você não entra em contato com ela, Então, a margem da sociedade nesse sentido de que se você vive lá e você não sabe falar japonês, você está à margem da sociedade porque você não participa de fato.

Do que a sociedade pode te oferecer, entendeu?

Makoto: Eu acho que eu tive muita sorte, muita sorte mesmo. É. Por 2 motivos. Uma que eu já era fluente em japonês. Então isso pelo menos já na minha geração já é um pouco difícil. Está. Isso é graças a educação. É mais rígida, sei lá, sistemática dos meus pais, meus avós, né? Isso é um ponto e o outro ponto é que, como eu não fui com o objetivo de único exclusivamente do dinheiro, né? Juntar dinheiro, né? Então eu queria absorver. Absorver mais a cultura, né? Então, acho que nesse sentido, acho que sim, tive uma experiência, acho que diferente do que talvez a maioria, do que a média. Eu. Eu convivia mais com japoneses que brasileiros. Eu vejo que. Não sei se essa palavra é adequada, mas talvez. É quase que. Parece que para no tempo assim, sabe? As pessoas ficam muito no trabalho que a. Que é muito desgastante, aí depois acaba consumindo, só consumindo. Então eu vou conhecer muita gente que estava com 15, 20 anos do Japão e não tinha. É o meu nível, né? De fluência em japonês, por exemplo, né? Então eu acho que sim. Eu tive muita sorte, acho que minha experiência. Eu acho que não é muito comum.

Nanci: Eu trabalhava com uma japonesa do meu lado, e ela conversava e às vezes eu não entendia. Ela brincava, a gente tentava se entender e todas as coisas que tinham da fábrica, que eram para japoneses, a gente era convidado, eles faziam questão da gente. Se integrar, sabe?

Marcos: Eu fui como filho de japonês pela documentação, mas meu pai era nascido aqui. Mas chegando lá a gente acha que vai encontrar uma coisa mais fácil por ter um vínculo, vamos dizer assim. Mas não, a gente não deixa de ser um estrangeiro lá também.

Nanci: Eu lembro que eu falei que eu fazia e eu parava numa vaga que uma japonesa, amiga do Marcos, falou que eu podia parar, só que a gente não sabia que aquilo não era uma vaga, porque uma japonesa falou que era uma vaga rotativo e ninguém veio falar com a gente. O policial veio bater na nossa porta. E justo naquele dia eu estava sozinha. E eu não entendo muito, não entendo nihongo (japonês) direito. E assim, o cara acabou comigo

porque eu não entendi direito. E assim ele falava, humilhando mesmo. E não é porque eu parei na vaga errada, é porque eu era brasileira. Então eu acho que foi o único episódio que eu achei que eu sofri um preconceito muito grande, né? Pelo fato de eu ser brasileira.

Yoshi: Dependendo da situação de onde você vive, do lugar onde você vai viver, lá tem muito brasileiro e aí já tem 1 preconceito enraizado ali de, por exemplo, problema com lixo, com barulho, várias questões que estão relacionada com a presença de brasileiros no Japão. E aí as pessoas talvez te olhem já previamente e já te julguem.

Makoto: Só que assim é a conversa, que eles conhecem, tinha muita curiosidade. É, por exemplo, se era mestiço. Eles não não conseguiam entender que eu não sou mestiço, mas eu tenho outra nacionalidade, por exemplo, né?

Você se sentia feliz ou você se sentia que estava é um pouco deprimido? É em algum momento que você estava lá no Japão? Tipo, você pensou em desistir?

Makoto: Olha, para mim, um. Eu senti, não, não a palavra não, não é deprimido, mas eu vi que é. É uma situação que num primeiro momento foi bom, né, ter pagado algumas dívidas, né? Ter tirado da cabeça essa questão financeira. Mas eu vi que era um ritmo de vida que eu achei que não aguentaria muito tempo, né? Não, não é assim. Uma pessoa não é razoável você ter ficado nesse ritmo maluco de. É, você gasta toda a sua energia no trabalho, não é? E não tem mais energia para fazer mais nada assim, sabe?

Makoto: Aqui eu trabalhava no escritório, não é? De repente eu estou dentro de uma fábrica fechada, usando máscara assim, parecendo um ninja assim, só com os olhos para fora. E eu comecei a me sentir sufocado, achei que eu não conseguia respirar. O que eu posso dizer que eu não conseguia me ver é até me aposentar, sei lá, até meus 60, 70 anos trabalhando em uma fábrica, naquele ritmo, né, maluco?

Nanci: Nessa última vez sim, a primeira vez não, mas essa última vez sim, porque, começou a pesar o quê? A idade, porque eu já estava com 37 anos e o serviço pesado em si eu já não aguentava. Eu trabalhava, mas eu vivia com dor, vivia a mulher salonpas, sabe? Assim, cheia de salonpas. E você trabalhar de dia, de noite você não dorme direito. E aí eu comecei a colocar numa balança se isso valia a pena, até que ponto vale a pena você viver em um lugar onde você começa a não ter qualidade de vida? Né? E também porque o ji já estava ruim e tal e eu queria estar mais presente e porque toda a família estava no Brasil. A minha família e do Marcos também.

Marcos: Minha cabeça era que ia continuar a vida por lá. Que nem eu comentei, de repente você dá um estalo na cabeça, você para pensar o que que vale realmente, se a família, se é a condição financeira que hoje Japão te dá, e aí, justamente esse novo relacionamento me fez enxergar uma coisa diferente.

Makoto: Eu já tinha tomado uma decisão lá mais ou –2014 de de parar de trabalhar em fábrica e começar a me dedicar cerâmica mesmo. E como é uma mudança mais radical, assim, poderia ser em qualquer lugar do mundo, na verdade. Poder ter sido no Japão, no Brasil, em qualquer lugar do mundo. Eu só queria fazer cerâmica. E aí, quando é, eu e Adriana decidiu de se casar. Que se reencontrou depois de anos, então, para mim, a decisão foi muito simples, porque era muito mais como eu poderia ir para qualquer lugar. Era muito mais fácil voltar para o Brasil e eu me readaptar país onde eu nasci do que ela ir

pro Japão e ter que aprender uma nova língua, fazer novas relações, né

Nanci: aí eu comecei a ver que aqui eu ia ter uma oportunidade melhor. E qualidade de emprego, de chance, de condições financeiras, porque a gente começou a ver que no Japão estava entrando o Shakai Hoken (Tipo uma previdência, mas os imigrantes iam ter que pagar também), que o pessoal fala, então a gente ia pagar imposto que nem japonês. E aí a gente fez as contas, o quanto a gente ia pagar de imposto, entendeu? E aí eu acho que iam dar 3 salários por ano. Aí eu falei 3 salários por ano, mais os feriados que a gente não ganha quando não trabalha. Eu falei, ah, melhor ir pro Brasil. Porque no Brasil você tem 13º, você tem férias, você tem aposentadoria. Tudo bem que não é garantia de nada, mas pesou muita coisa. E foi quando eu fiz o plano de realmente falar não, vamos para o Brasil porque já não está valendo a pena.

Marcos: Por isso que a gente tomou a decisão assim, que assim não que era uma coisa ruim, né? A gente já estava adequado e adaptado à sociedade, mas que talvez a questão de oportunidades realmente ia limitar um pouquinho, mas que a gente teria que criar uma nova expectativa, vamos dizer assim. Eu sempre brinco assim: Ah, vamos largar o osso, tipo assim, a gente acaba se acomodando. Aí trabalha, tem aquele dinheiro, consegue as coisas, mas assim falta alguma coisa. Para mim faltou. E foi aí justamente nessa época, e a gente falou assim, não vamos decidir, vamos voltar para o Brasil para poder... foi uma nova etapa, né?

Yoshi: A grande razão de ter voltado a segunda vez foi para retomar os estudos, para tentar cursar cinema, sim, que era o objetivo.

Como que vocês enxergam esse período da vida de vocês no Japão, vocês acham que foi uma coisa boa? Se vocês pudessem voltar no tempo, vocês fariam de novo? Valeu a pena?

Nanci: Eu acho que vale a pena, porque eu sou muito do que: Eu prefiro arriscar as coisas na vida e não me arrepender de ter arriscado, né? Falar que nem falar assim, Ah, se eu pudesse voltar no tempo, teria sido diferente? Acho que não. Por que? Porque foram experiências que eu vivi, que eu acho que vale a pena, né? Tudo bem, teve o sofrimento, teve alguns erros, teve alguns escorregões nesse meio de caminho, pode até ter tido. Mas não me arrependo de nada da minha vida, eu acho que tudo conta como experiência. Tudo conta como conhecimento, então não me arrependo.

Yoshi: Olha, olhando a perspectiva, eu faria de novo, porque foi o que permitiu com que eu pudesse estudar de uma forma mais tranquila. O dinheiro que eu juntei lá. Eu paguei meu cursinho, eu depois de ter saído Japão pela segunda vez, eu morei por 5 meses na Austrália, bancado pelo dinheiro que eu tinha juntado no Japão também, daí eu fui lá estudar inglês. E, até quase o final da faculdade eu ainda tinha esse dinheiro que eu tinha juntado no Japão, ou seja, então esse dinheiro. Sem precisar necessariamente trabalhar de uma forma constante. Eu de vez em quando tinha, entrava alguma grana assim, mas, não tinha um trabalho fixo. Esse dinheiro durou por 5, 6 anos. O dinheiro que eu trabalhei, juntei lá.

Makoto: Olha a minha experiência assim, como eu saí do Brasil aqui no Brasil, na naquele momento, né, quando eu fui, eu não tinha nenhuma perspectiva, né? Tal problemas financeiros, et cetera, então, para mim foi uma experiência muito boa. Lá, eu, Eu eu consegui é concretizar umas coisas, uma, né? Aprender cerâmica, que hoje é com que eu

trabalho, né? Agora, se eu pudesse voltar atrás, eu acho. Talvez eu não ficasse tanto tempo, eu fiquei quase 14 anos. Talvez eu podia ter encurtado um pouco se eu tivesse um pouco mais claro. É tomado decisão um pouco mais cedo em assumir. Assumi a. Quer dizer, virar ceramista, que ao propósito. Então acho que teve um momento, eu não sei quanto tempo é, até porque eu eu tinha um cargo assim, relativamente, que eu ganhava bem e tudo. Então isso. Eu acho que se esticou um pouco, um pouco mais do que deveria. Talvez é. Acho que seria isso assim. Mas eu não. Não me arrependo não, né? A experiência foi boa, né?

Marcos: É realmente, fazendo uma reflexão assim, talvez não mudaria, não. Acho que tudo tem sua época, né? E assim, não sei se seria essas palavras, a gente sofre ou é feliz pelas nossas escolhas. Então, na época, é a escolha que a que eu fiz na época, né? De me arriscar, de querer conhecer. E assim, a expectativa de conhecer o Japão para mim foi muito, muito forte. De eu querer conhecer lá, realmente tinha. Esse tinha essa, essa coisa. Mas não me arrependo não, faria tudo de novo. Queria ter feito algumas coisas diferentes, mas eu não me arrependo de nada que eu fiz não. É que nem a gente falou, a gente tem que estar sempre feliz pelas nossas escolhas, e por enquanto está sendo.

Makoto: Em nenhum momento no Japão eu me vi, é. Até o final da vida no Japão nunca, nunca me passou isso para minha cabeça. É isso que eu posso dizer. Eu me sinto muito melhor no Brasil. No Japão existe uma tensão, tensão no sentido. De você tentar seguir as, cultura local, as regras. Então, acho que quando eu voltei para o Brasil, eu me senti mais relaxado assim. Eu falei, não, aqui eu posso me expressar. Sei o que eu realmente sou. É mais ou menos isso, não é?

Marcos: Quando a gente chegou aqui, eu fiquei 17 anos direto. Foi uma experiência bem comprida, integrada à sociedade e tal, mas a expectativa do que ia acontecer lá era que eu ia continuar trabalhando numa fábrica. E mesmo assim a gente não pode, talvez, se acomodar, vamos dizer assim. Mas assim, valeu a experiência, né? E a gente chega no Brasil também, a gente toma outro choque de realidade. A gente vê outras dificuldades e volta a ter as dificuldades aqui no Brasil, né? Às vezes fala assim, Ah, eu vou largar tudo para ir para lá, mas a gente para pensar, vê o que vale a pena realmente, a experiência, porque eu agora tenho mais tempo de Brasil de novo, porque antes eu tinha mais tempo de Japão do que do Brasil, agora eu tenho mais tempo de Brasil do que de Japão, então já está começando a ter a vontade só de passear por lá mesmo. Mas não para voltar a viver na sociedade lá.

Nanci: Eu acho que para o Marcos é mais difícil, porque ficou 17 anos. E também existe aquela coisa, lembra que você perguntou do arrependimento? Eu acho que para ele, quando ele voltou, em 95, quando o pai dele faleceu, o plano dele era ficar no Brasil para estudar. Então, quando a gente voltou, em 2007, eu acho que ele sentiu que se ele tivesse talvez ficado e estudado, a vida dele poderia ter sido diferente no Brasil, entendeu? As oportunidades teriam sido diferentes, mas são coisas que foram escolhas. Por isso que eu falei, eu não me arrependo. Ele falou que também não, mas de vontade de voltar para o Japão, o Marcos eu acho que é mais pelo lado do que? Da facilidade em você adquirir as coisas, sabe? A diferença talvez lá e aqui, assim lá o salário que você ganha mensal, você paga suas contas, você guarda dinheiro e ainda você sobra entre aspas, entendeu? Mesmo você trabalhando das 8 às 5. Aqui no Brasil existe uma disparidade muito grande em termos de salário. Dependendo do seu cargo aqui, você ganha tanto, aqui, você ganha muito

menos. Um salário mínimo do Brasil você não vive, um salário mínimo no Japão, você vive. Então eu acho que é isso que ele fala, que às vezes, no começo deu vontade de voltar, porque se ele ficasse um mês lá, ele já conseguia se virar. E aqui foi mais difícil para ele, porque são 17 anos. Ele não tinha uma experiência profissional aqui, entendeu? Então eu acho que é nisso que ele fala, que talvez desse alguma vontade. Mas hoje a gente já está aqui 17 anos.

Marcos: É bom para você conhecer, é. Vale a pena? Vale. Conhecer uma outra sociedade, uma outra cultura. Só que assim, acho que comentei já, você tem que ir com uma mente muito aberta. Tanto como experiência, como para culturalmente, como experiência como sociedade, se não tiver um coração muito aberto, você não consegue lidar bem com algumas coisas.

Makoto: Então, primeira coisa, é a língua, não é uma língua muito fácil, é muito diferente gramaticalmente da nossa. Esse é um ponto a outra. Como de kassegi a gente trabalha em fábrica. Somos operários. Então tem que entender que é, é. A gente está assim num num, na base assim, né? É um trabalho braçal, não depende de de formação, né? Tá, basicamente é o corpo, é o corpo. Sua, sua mão mexe, você trabalha. É é um desgaste físico grande está. Então é. Tem que tomar muito cuidado, porque nesse ritmo que eu tava falando, porque o desgaste físico é grande, você não tem energia para outras coisas, é um pouco difícil, tá? Então tem que ir com objetivo muito claro, né?

Marcos: Na sociedade japonesa também é uma sociedade de muito respeito e principalmente em relação aos outros, e aqui no Brasil, esse respeito aos outros é muito pequeno. Né, existe uma cultura muito forte de que os incomodados que se mudem. É uma pena, porque para o japonês não é bem assim que funciona, né? Para o japonês, é ruim você incomodar os outros. Então, assim, cada um tem uma decisão, se você está disposto a aceitar essa mudança. Parabéns. Vai de coração aberto. Agora chegar no Japão e falar que japonês não respeita brasileiros, japonês tem preconceito com brasileiro, mas e o contrário?. Você está respeitando a sociedade japonesa? Você está respeitando o jeito de pensar japonês? Estou falando isso de coração, porque eu também cheguei desse jeito no começo, tá? Eu não entendia o japonês, depois eu entendi que não é o japonês ter que me entender, é eu que tenho que entender o japonês, a sociedade, as regras, as lei, as culturas, os valores. E preciso respeitar também principalmente eles.

Yoshi: Hoje eu acho que já não vale muito a pena financeiramente na mesma lógica assim de ir lá e trabalhar igual um doido para tentar juntar dinheiro, porque não dá para juntar mais tanto dinheiro assim. Essa que é a verdade. E o câmbio também não está favorável. Só que é isso, qual que é a vida da pessoa aqui no Brasil? Quais as perspectivas que ela tem? E às vezes é isso também vai para o Japão, tem uma experiência internacional, tem a possibilidade de viajar lá.

Às vezes, até de se conectar com alguma questão da própria ancestralidade. Então tem muitos fatores envolvidos assim, então não dá para falar de uma forma geral se vale a pena ou não vale? Acho que a única coisa que dá para falar é, não dá para ir mais com uma certa ilusão de que vai ficar lá por pouco tempo e vai conseguir juntar uma bala gigantesca assim?

Nanci: Você pode ir pro Japão ou por qualquer outro lugar com uma profissão, você tem

um valor como pessoa, sabe. Porque a maioria vai como dekassemi atrás de dinheiro, atrás de uma condição de vida melhor. Então, por isso que eu acho que jovem, ele quer a coisa muito rápido.

Makoto: Minha preocupação, se eu fosse dar um conselho assim, meu medo que a pessoa, um jovem de anos, de 18 anos, vá quando ele piscar, ele já vai ter 50 anos, né? Já vai estar o corpo já não é o mesmo ele já ele vai ter. Não. Não sei se essa palavra é adequada, tá? Talvez. É estagnado assim mentalmente, ó, então como se a idade mental parasse, só o corpo envelhecesse. Então o Brasil mudou nesses 20 anos, muda, né? E lá não não assimilando a cultura, não absorvendo, não aprimorando a língua, ele também vai ficar um pouco a como se fosse num gueto assim, só sabe.

Nanci: Você vê uma pessoa nova que não entende é. Que talvez não tenha necessidade de realmente financeiramente é, mas também não quer nada com a vida. Vai para lá. Ele entende o que é trabalho físico, sabe trabalho pesado, é braçal. E aí ele dá em ele dá a devida importância ao estudo. O que você pode trabalhar daqui para frente sem ter a necessidade de correr atrás de dinheiro, entendeu?

Apêndice 4 - Roteiro do Episódio 2: Kyoumei

Cristiane: Meu nome é Cristiane. Eu sou descendente de japoneses. Eu estou usando uma roupa meio bege, né? Eu tenho cabelo na altura dos ombros, cabelo castanho, que na verdade é um castanho pintado, por causa da idade. Eu tenho 54 anos, então já tem alguns cabelos brancos, mas eu prefiro pintar. Meus olhos né, são asiáticos, olhos puxados. Eu gosto de usar maquiagem, então eu estou com uma maquiagem leve, mas eu estou com batom forte, lápis nos olhos. O fundo aqui tem um quadro de uma planta. A parede de tijolinho à vista e tem algumas plantas aqui.

Julie: Oi, tudo bem? Meu nome é Julie. Tenho 22 anos, sou Sansei por parte de pai e Yonsei por parte de mãe. E crio conteúdo para internet. Também sou estudante do curso de obstetrícia na USP. Sou mulher, nipo brasileira, tenho cabelo longo, médio, franja, olhos castanho escuros. Estou vestindo uma blusinha manga comprida, lilás, uma saia preta longa e de fundo a gente tem minha casa, que é um pouquinho bagunçada, cheia de coisa, mas é um armário com decorações antigas, de festa, de aniversário, enfim, da minha família no geral.

Marcos Yoshi: Meu nome, é Marcos Yoshi. Eu sou cineasta, eu estou sentado aqui num sofá branco com um fundo branco. Eu tenho cabelos longos. Os meus cabelos são longos, mas eles estão presos num coque. Eu sou descendente de japonês de terceira geração, sansei. E estou vestindo uma camiseta verde clara.

Natália: Bom, eu sou a Natália, eu tenho 36 anos, eu sou sansei. E sou psicóloga formada, né? Trabalho com psicologia, trabalho com arte terapia também, trabalho com artes também, passo por essas 3 áreas assim, né? Basicamente na terapia, nas artes, eu trabalho principalmente com o teatro, com artes cênicas. Eu sou uma mulher asiática, amarela. Tenho o cabelo preto, liso na altura do ombro e tenho um rosto mais arredondado com uma manchinha na bochecha direita e estou usando uma camiseta preta. Atrás de mim, tem uma

estante amarela e um pedacinho, acho que dá para ver um pedacinho de um teclado.

Cristiane: meus avós vieram para o Brasil, se não me engano, quando eles eram jovens ainda, né? Na fase, na faixa dos 20 e poucos anos. Então meu pai e minha mãe nasceram no Brasil e aí a gente teve toda essa convivência, né? Misturada da cultura brasileira e da cultura japonesa. Então, em casa, as tias misturavam português com japonês. Meu avô falava algumas palavras em português só. Na verdade, eu não conheci meus avós do lado materno, que quando eu nasci, eles já tinham falecido. E a minha avó, também do lado paterno, já havia falecido. Então fui aí, só convivi mesmo com o meu avô, meu ojichan. E aí com ele era meio que por gestos, algumas palavras que ele falava em japonês, que a gente entendia, né? Então foi por aí que desse lado da cultura japonesa que a gente foi adquirido na convivência com a família mesmo, né, no dia a dia.

Cristiane: Então, de televisão, eu estava até conversando com a minha mãe, né sobre isso. Eu falei, eu lembro que tinha algum programa em japonês, daí eu fui pesquisar. Eu falei, ah, nos anos 80 era o Japan Pop Show (01). Aí eu fui assistir no vídeo, e na verdade, não era porque aquilo lá era um programa de calouro. Daí eu pesquisei nos anos 70 e aí tinha um programa chamado Imagens do Japão (02). Aí eu vi a fotografia da apresentadora, que é a Rosa Miyake (03). Aí, eu falei “ah, era essa!”, porque eu lembro que eu assistia e falava assim “nossa, que mulher bonita, fala bem, né?”. Então foi essa minha memória de infância, assim do audiovisual, né? E depois, mais tarde, teve uma série chamada... “Sandy e Júnior (04)”, aí tinha uma atriz assim, né, asiática, que é a Danni Suzuki (05), que tinha um papel legal também. Então, assim, as que eu lembro que eu gostava eram de pessoas que tinha a questão da dos traços asiáticos, mas que não tinha o sotaque. Então, quando eu era criança, eu lembro que eu poderia ter estudado japonês, mesmo porque eu tinha família, todo mundo falava japonês e coisa e tal. Mas me incomodava essa questão do sotaque, porque eu lembro que as crianças que tinham sotaque dentro da escola, o pessoal tirava muito sarro, né? Hoje em dia a gente fala bullying, né? Mas assim, o pessoal zoava muito de quem tinha sotaque, então eu me cuidava muito para não ter o sotaque. E aí quando eu tive a oportunidade de estudar uma outra língua, eu escolhi o inglês ao invés de escolher japonês. Mas hoje em dia eu vejo a importância de saber japonês, então eu ando estudando um pouquinho, mas nossa... tem que estudar bastante. Mas hoje em dia é diferente. Eu tenho outra imagem de quando eu era criança. Da importância da língua, de aprender a língua japonesa.

Marcos Yoshi: Quando eu era criança, o que eu assistia era, sei lá, Cavaleiros do Zodíaco (06), Chaves (07). Sei lá, meio MTV (08), então. Não que eu pensava que eu tomava essas coisas como referência de nossa, eu quero fazer algo assim, mas era uma coisa que eu de assistir mesmo. E hoje as coisas que eu faço não tem muita relação com esses produtos que eu assistia quando era criança, não.

Natália: A maioria das minhas referências não tinha muitas pessoas asiáticas. Na verdade, assim tinham alguns. Quando eu era criança eu gostava muito de desenho. Então todos os Disneys. É, Tom e Jerry (09) e esses desenhos que passavam na TV aberta mesmo. E também tinha o Totoro. Eu acho que o Totoro foi um dos desenhos que eu assisti muito, marcou bastante também (10). E tinha uns desenhos assim, Pokémon (11), Sakura (12), Os Cavaleiros do Zodíaco (13) também assisti, então tinha uma coisa um pouco misturada, mas também tinha bastante desenho Disney, Pica-Pau (14) é, esses desenhos. E assistia muita

TV Cultura também, assisti bastante Castelo Rá-Tim-Bum (15), X-tudo (16). E aí mais na adolescência, acho que Harry Potter (17) foi uma referência muito grande. Seriado, assisti muito Friends (18), acho que já era um pouquinho mais adulta, mas... Friends também me marcou bastante de referências já um pouco mais velha.

Julie: Quando eu era criança eu costumava ver muito anime. Lembro que eu via bastante Hamtaro (19), Sailor Moon (20), Totoro (21). Até lembro que eu tenho uma fita cassete guardada. E depois que eu cresci um pouco, eu via também desenho de manhã na televisão, acordava cedo só para ver. E quando eu era mais pré adolescente já só migrei para o YouTube, só via vídeo no Youtube. Majoritariamente coisas sobre beleza. Gostavam muito de tutorial de maquiagem, ver Daily vlog da das blogueiras da época, vlog de viagem também eu gostava bastante.

Natália: Eu acho que tem uma ausência assim de memórias mesmo, de uma referência. Aí pensei muito. Fiquei pensando e me veio Sabrina Sato (22), que eu acho que era criança, adolescente, quando teve o BBB, e aí eu assisti o BBB dela, e então eu acho que teve uma referência. Aí virava, né? Todas as meninas asiáticas eram a Sabrina Sato da escola e aí virava meio que essa primeira referência que me veio na cabeça, assim, tentando pensar, resgatar. Eu sei que hoje tem a Ana Hikari (23) também, né? Não sei, pensei um pouco mais nessa área de entretenimento, de atuação. Me vieram essas pessoas, mas acho que a Sabrina veio bem antes, né?

Cristiane: Eu lembro da Carol Nakamura (24) como bailarina do Faustão e né, nos últimos tempos a Sabrina Sato (25) como referência assim dessa parte feminina. Eu acho que a masculina aí agora é nos últimos tempos, a questão dos meninos aí do K-pop (26), que é mais coreano, né? Não é japonês, tudo, mas que eu acho que deu um destaque aí, né, para os meninos. Para serem vistos também como padrão de beleza. Porque antigamente o asiático não era visto como, quer dizer, padrão de beleza, né? Antigamente para as mulheres, eram as loiras, né? Então é para você se destacar, geralmente eram mais as pessoas de pele clara e loiras né? Acho que elas se destacavam mais. Aí agora não, agora as coisas estão mudando globalmente. Eu acho que grande parte disso agora para o lado masculino são os k-pops, né? E os doramas. Quando era criança, também tinham os estereótipos, às vezes o japonês quando aparecia na televisão, falavam com um sotaque, né? Meio que, como se fosse uma caricatura, né? Então tinha essas questões aí, mas é, a gente vai criando essa imagem, porque hoje eu vejo que é diferente, né? Às vezes as pessoas falam assim "ah, eu gosto de ser oriental. É legal", né.

Julie: Eu criei o Instagram lá em 2018 (27), e eu gostava muito de maquiagem artística na época. Então eu queria mostrar as maquiagens que eu fazia e também inspirar outras pessoas, porque eu via que faltou para mim quando eu era mais nova, uma referência asiática em maquiagem. Eu só via pessoas, não amarelas e eu ficava confusa em como fazer maquiagem, então eu quis ser essa pessoa que ajuda e inspira outras pessoas (28). Antes eu postava muita coisa sobre maquiagem artística e depois eu fui migrando para a parte no geral de beleza. Depois eu fui para moda e atualmente eu estou mais no skincare também. Está bem mesclado. Agora eu dei uma diversificada no conteúdo que é muito bom, mas sim, eu tive todo um processo e meu público também mudou muito, mas muitas pessoas me acompanham desde o começo.

Marcos Yoshi: Para ser sincero, quando eu comecei a fazer cinema ou quando eu decidi fazer cinema, eu não tinha a menor ideia do que significava isso assim, em termos concretos, né do que que era fazer um filme, então não tinha muita referência anterior de falar, “nossa, isso aqui é alguma coisa que eu quero fazer”. Eu acho que isso foi acontecendo na medida que o curso foi se desenrolando e eu fui conhecendo melhor e me entendendo melhor também das coisas que eu gostava e também de onde eu vinha, até mesmo essa questão de ser descendente de japoneses, eu acho que foi algo que começou, que foi depois da faculdade, depois de formado, já assim, sabe. E acho que cada fase lá dentro, durante a minha formação, teve fases e períodos de cineastas ou de movimentos cinematográficos que eu gostava muito. E que eu fui conhecendo durante a minha formação. Então, teve uma fase que eu gostei muito de neorrealismo italiano (29). Aí teve um outro momento em que o cinema novo me conquistou assim, eu era fanático (30). E, eu acho que só depois de formado mesmo, pensando nos projetos que eu fui delineando um interesse particular por um cinema do interior de São Paulo, que é da onde eu sou assim, onde eu passei minha adolescência. E comecei a pensar em filmes que se passavam no interior de São Paulo, só que também nunca consegui viabilizar alguns deles. E ao mesmo tempo, quando eu comecei a fazer filmes com a minha família, essa questão do interior de São Paulo se juntou com a questão é da ancestralidade japonesa. E aí teve esse encontro assim que acabou resultando nos filmes que eu fiz, né? Depois de formado já. E aí hoje eu estou bastante voltado, acho que para esses dois universos assim. Pensar filmes que representam e que problematizam e que falam sobre a experiência nipo brasileira, eu até tenho um pouco de restrição. Eu não sei se é uma coisa de geração. Mas eu não tinha nenhuma familiaridade com o termo amarelo. Assim, e tem dificuldade de pensar ele para minha própria criação, porque eu acho que os processos de vivência e os processos históricos e sociais. Por exemplo, de imigrantes coreanos ou de imigrantes chineses só pensando no leste asiático, eles são muito diferentes do nipo brasileiro, do japonês. E então em geral eu acho que num escopo maior é um cinema que pensa experiências amarelas no Brasil, mas fundamentalmente são experiências nipo brasileiras.

Julie: Eu acho que a representatividade tem aumentado com o passar do tempo. Atualmente, sim, acredito que me sinto bem representada, mas ainda tenho algumas produções que eles trazem a figura da pessoa asiática como algo super estereotipado. Acho que é algo que tem que mudar ainda. Mas eu fico muito feliz de ver que, sim, as pessoas amarelas estão entrando em produções gigantescas. Eu vejo na televisão, propagandas. Então sim, eu me sinto bem representada, tirando quando colocam muito estereótipo em cima da etnia assim.

Natália: Essa pergunta me leva para um lugar ambivalente, eu acho, na verdade, porque é, eu acho que tem um avanço, até pelos debates terem avançado. Na verdade, eu fiquei até me perguntando, “será que o debate avançou? Ou será que eu que cheguei nesse debate, eu que tive acesso a esse debate que não tinha antes, que eu não tinha antes?” Né. Eu fiquei pensando em alguns personagens, mesmo no Friends. Porque, por exemplo, no Friends tem uma personagem que é a Julie, que é namorada do Ross (31). Acho que na primeira, segunda, realmente sou fã. Primeira, segunda, final da primeira temporada, início da segunda, que ele, o Ross vai fazer um trabalho na China e aí ele volta namorando essa

moça, né? E aí a Rachel, quando ela conhece a Julie, ela fala bem devagar assim, “olha bem-vinda ao nosso país”, porque ela é asiática, veio da China e tudo. Aí ela diz, “muito obrigada, eu sou de Nova Iorque” (32), nessa cena eu me senti representada, porque é muito isso assim, né? Essa vivência de estrangeirismo que a gente tem enquanto descendentes assim, “não, eu sou brasileira”, “Ah, não, você é japonesa” porque olho puxado é japonês. Então é uma cena que acho que representou bastante as pessoas descendentes que moram em países ocidentais. E é muito mais antiga. Por isso que é ambivalente, porque tem coisas de mais de 10 anos atrás que eu achei, “putz legal isso”. E tem coisas mais recentes que gente diz “hmm que complicado”... “O Sol Nascente” (33), novela 2016 da Globo, que a Giovanna Antonelli (34) era a personagem principal, era uma personagem amarela e ela não é uma atriz amarela, né? Então, o yellow face, né. E uma polêmica do “Ghost in the Shell”, que é de 2017, então também menos de 10 anos. Que colocaram Scarlett Johansson, que é uma atriz que né? Foi escalada no “Ghost in the Shell” para fazer, para chamar público, né? Aí, a justificativa “ai porque é um robô. Então o robô pode ser, pode ter traços mais ocidentais (35)”. Mas não é sobre isso, é sobre uma produção asiática e a gente poder se ver naquela produção e dizer “não, mas por uma pessoa branca, porque é isso, porque vai atrair público de alguma forma”. A gente ainda vê questões problemáticas há menos de 10 anos né no audiovisual de uma forma geral. Eu acho que tem um avanço até no sentido de a gente acessar mais conteúdos de audiovisual feitos em países asiáticos, “Parasita” (36) na Coreia, o filme recente de 2023, que é “Dias Perfeitos” (37), né também. Então a gente está começando a ter mais entrada no Brasil, então acho que isso traz também uma outra forma de olhar né, porque a gente consegue... É diferente, uma produção audiovisual feita por brasileiros, às vezes que não tem ninguém, nenhum descendente, nenhum asiático na equipe, dizendo “ah, como será que seria? Vamos botar um personagem japonês”. E aí é aquele bem estereótipo, é diferente você consumir uma produção feita dentro de uma outra cultura, e isso tem começado, acho que muito timidamente, mas eu sinto que tem começado. A gente consegue ouvir falar, a gente consegue, sei lá, tá no Oscar, tá no cinema. Né? Então a gente começa a ter mais acesso a essas produções. Que eu acho que vai aproximando também um pouco e vai diversificando o que que é a vida de quando a pessoa para e pensa, “ah, vou pensar numa pessoa chinesa”, qual que é o estereótipo, qual que é o imaginário que chega naquela pessoa? E aí acho que podendo consumir, ver outras vidas, ver outras formas de vida, ajudam esse imaginário ir ampliando, dizendo “pode ser assim, mas pode ser de outro jeito também”. É que eu não acompanho muito seriado hoje em dia, mas eu sei que os doramas, né?

Cristiane: Através dos doramas, eu gosto muito de assistir dorama, né? Não falo, não vou dizer que eu sou viciada, mas eu adoro. Mas eu consegui entender um pouquinho do meu jeito, porque eu achava que você era assim, “por que que eu sou desse Jeito, né? Super responsável...” é aquela coisa de mostrar que eu estou trabalhando. Essas questões aí que eu percebi que é muito da cultura asiática, né? E aí através desses doramas eu consegui me entender um pouquinho melhor. Acho que as pessoas também, né? Quem é descendente, talvez possa se encontrar, não em todos (os doramas), que são temas diferentes, né? Mas os que eu assisto, que são mais para adultos, fazem com que eu entenda isso. Às vezes eu assisto anime. Porque como eu estou tentando aprender um pouquinho mais de japonês,

ajuda bastante. E vários assim, alunos meus, alguns alunos né? Eles indicam filmes japoneses. Aí teve um que não é um filme japonês, mas é de um casal que na verdade, a esposa, né? Gosta muito da cultura japonesa. E ela acaba falecendo, mas o marido vai realizar um sonho dela, que é de conhecer o Monte Fuji (38), né? É o nome do filme é “Cerejeiras em Flores” (39). E eu quero assistir também “Dias Perfeitos” (37), que eu já ouvi falar bem. Tem a série, também uma série japonesa, “Wife Escapist” (40). Então eu sempre procuro assistir alguma coisa que vem de lá de fora, lá da Ásia para aprender, porque também tem bons exemplos, né? Toda a cultura tem o seu lado bom, seu lado ruim, mas tem muita coisa legal para se aproveitar. Netflix tem um monte de dorama né? Um monte de série. É o que eu assisto, né?

Natália: Eu acho que é importante para a gente se ver e eu acho que é importante para pessoas não amarelas olharem dizer, “ah, então não é só o nerd da escola. Ah, então não é só o senhor Miyagi. Ah, então podem ser muitas vidas diferentes e muitas formas de culturas diferentes”. Já ouvi algumas vezes assim. “Ah, é nossa, estou assistindo um dorama. Lá tem uma personagem que é a sua cara”. Por quê? Porque ela teve puxado. Acho que precisa vir acompanhado de um debate nesse sentido de... “Por que a pessoa que tem o olho puxado é lida como a mesma pessoa? Por que que a gente é tudo igual?” Não é, não é tudo igual, né? Se pegar duas pessoas brancas de olhos claros e cabelo loiro, ninguém vai dizer, “ah, é a mesma pessoa, não sei diferenciar”.

Cristiane: Da mesma forma que a gente aprende, né? Com o Brasil, nós somos brasileiros né, mas aqui com o Brasil, com as culturas europeias, da mesma forma que nós aprendemos, pessoas que não são descendentes, né? De asiáticos também podem incorporar as coisas boas. E é legal isso que daí quando você conhece melhor uma cultura, você acaba respeitando, né? aí você fala assim “ah”, aí acaba com aqueles estereótipos, né? A brasileiro é assim, japonês é daquele jeito, italiano é daquele outro jeito, não. No fundo, na essência, todo mundo é ser humano, né? Então.

Natália: eu acho que uma outra coisa que ajuda, pelo menos me ajudou nos últimos 10 anos, porque eu fui ter acesso a todos esses debates e tudo o que implica isso em termos de pertencimento, identidade na minha vida há muito pouco tempo. Assim, o debate da representatividade eu já tinha acesso para outras identidades, para outras questões e até com psicóloga eu sempre buscava estudar sobre porque, né? Se eu vou atender uma pessoa racializada, eu preciso entender que a vivência dela vai ser diferente do que a vivência de uma pessoa branca. Então eu já estudava sobre, mas me entender dentro dessa, entre essas pessoas que também de repente eu olhei e disse, “nossa, acho que eu estou estudando sobre mim mesma e eu não tinha me dado conta”. E eu só fui ter acesso a isso porque eu comecei a ter acesso a debates de militâncias asiáticas, de militantes asiáticos nesse sentido. E acho que eu fui ter acesso a isso, graças também ao audiovisual, principalmente através de YouTube e Instagram. Então eu já vi esquetes de humor questionando, problematizando isso “ai japonês é tudo igual”, não sei o que. Eu descobri todas essas questões e todo um estudo que já acontecia que eu não tinha me ligado, mas que já acontecia, que já acontece, né? É acadêmico graças a um canal do YouTube. É uma produção, produções audiovisuais. O canal se chama Yo Ban Boo, que eu acho que no YouTube eles não estão mais produzindo conteúdo, mas eles ainda produzem conteúdo na no Instagram, e vão juntando

publicações de livros, professores universitários que estudam o tema e vão trazendo, trazendo debate (41). Aí eu sei que hoje em dia tem o TikTok, tem perfis de pessoas asiáticas produzindo conteúdo às vezes sobre.

Julie: Na bolha que eu vivo, sim, eu sigo muitas pessoas nikkei. Elas são minhas inspirações. Também tenho amigos no meio e eu me sinto bastante amparada, porque a gente tem uma comunidade maravilhosa de nipo brasileiros que produzem conteúdo aqui na internet. Então é muito gostoso viver tudo isso e ver também que as inspirações que eu tenho estão alcançando lugares assim incríveis. Eu vejo as pessoas em eventos, em programas, aparecendo na televisão, viralizando, assim. É muito bacana e me inspira a cada dia mais a tentar alcançar esses lugares e dar visibilidade para a comunidade nikkei no geral.

Cristiane: Ah, eu vejo que agora está um pouco mais equilibrado, né? Você vê jornalistas, são descendentes de japoneses, descendentes de coreanos, chineses. Talvez nem tanto, né? Não sei. É porque agora a gente está em São Paulo. Então em São Paulo você tem bastante, né? Não sei em outros lugares, que já teve lugares que eu cheguei assim, por exemplo, uma vez eu fui em uma praia lá no sul, em Santa Catarina, até fotografia o menininho quis tirar comigo porque a mãe disse que ele nunca tinha visto, né? Uma asiática, tudo, ele veio, deu uma estrelinha do mar, tudo. Então não era muito comum. E meu filho também, quando nasceu em Goiânia, é, eu lembro que as crianças diziam “ai, deixa eu ver? eu nunca vi um bebezinho oriental!” Então o pessoal vinha com uma certa curiosidade. Mas por estar em São Paulo, acho que em São Paulo, a colônia japonesa, a colônia asiática já é maior. E eu também sou do Paraná. Então também no Paraná é mais comum, né, mas talvez em algumas regiões do Brasil ainda não... as pessoas não tenham tanto acesso, né? Assim, a ver, né? O asiático.

Natália: Sou nortista, inclusive, acho que esqueci de falar isso no início, eu nasci em Belém do Pará, moro em São Paulo aqui há 11 anos. E eu acho que eu tenho particularmente uma vivência um pouco diferente, inclusive dos descendentes de japoneses do Norte. Porque que nem, a minha mãe, ela é do interior de São Paulo. Meus avós vieram na primeira onda migratória para o interior de São Paulo. A minha mãe nasceu no interior de São Paulo. E aí, eu brinco que nós somos uma geração, temos gerações de imigrantes. Meus avós migraram do Japão. A minha mãe migrou de São Paulo para o Pará. Eu nasci no Pará e migrei para São Paulo. Então tem esse lugar do estrangeirismo em muitas camadas para mim, né? No Pará, assim, eu não era tão diferente assim das outras pessoas, porque eu acho que tem muitas pessoas racializadas de várias formas diferentes lá no Norte e tem uma colônia muito grande, né? A segunda onda migratória foi para o Norte do Brasil. Então tem colônias, tem associações nipo, tem vários espaços. Então tinha sempre colegas na escola, na faculdade que também eram descendentes, mas é isso, assim, não éramos a maioria, nem de longe éramos a maioria. Acho que uma coisa de lá que é um pouco diferente é que como ali também tem uma mistura muito forte com povos originários, também tem alguns traços mais, às vezes olhos puxados, o cabelo um pouco mais liso, também tinha essa confusão de identidades, inclusive “ah, você é japonesa ou você é índia?”, umas coisas meio assim, isso também acontece um pouco mais forte lá, eu acho. E quando eu vim para cá, principalmente “nossa, você veio do Norte, ah, então você é índia”, eu achei que, primeiro

que índia não é um termo legal, mas assim é o que eu escutava, né? É, “então você é indígena, você não é... Achei que você era japonesa”. Aí eu brinco assim, eu falo, “eu sou brasileira, no caso, né? Na verdade”. Enfim, né porque eu acho que vai para esse lugar da retirada da pessoa, vai para um lugar de estrangeirismo. Vai bagunçando a nossa identidade mesmo, né? Eu acho que tinha isso né, tinha essa coisa do, tem as japonesas da escola que às vezes o professor não sabia dizer quem era quem, porque na cabeça deles, japonês era tudo igual, e então eu brincava que se eu quisesse fazer prova no lugar da colega, ou vice-versa, a gente conseguia porque ninguém ia conseguia saber dizer quem era quem. Isso era divertido quando adolescente, mas é muito louco a gente pensar isso que caramba, eu não sou um indivíduo suficiente ao ponto da pessoa me reconhecer como eu, Natália, né? eu posso ser, se sou eu ou se é qualquer outra pessoa, meio que parece a sensação de tanto faz. Para a nossa identidade, acho que isso é uma coisa muito maluca. Eu acho que a ausência de rostos asiáticos, ausência de diversidade faz um pouco isso. Porque se só tem este padrão, “ah, isso aqui eu olhei, tem um olho puxado ali a japonês”, e é isso. Eu não preciso me deter muito mais a detalhes, não preciso me atentar tão mais, tanto assim, né? Então acho que de ser nortista é isso. Acho que senti um impacto maior quando eu vim para São Paulo, porque daí tem essa confusão com povos originários também. E aí vem outras fantasias do que que é a pessoa nortista, “ai, vive no meio do mato” e essas coisas.

Marcos Yoshi: Eu acho que o tipo de preconceito que a gente sofre é preconceito recreativo. Então, não necessariamente eu senti que existiram barreiras claras, vamos chamar assim, que me tiraram oportunidades ou que eu não consegui acessar lugares pelo fato de ser uma pessoa amarela. Mas existia todo tipo de preconceito, racismo recreativo, desde ser chamado de japa em set. Isso aconteceu agora, 2 meses atrás. Eu estava no set de filmagem. E aí uma das pessoas da equipe, que é um homem mais velho. Tudo bem, eu entendo, mas é isso. Daí ele começou a me chamar de japa e aí eu precisei falar para ele não fazer isso. Ele entendeu assim, de pronto, ele falou, “ah, não, não é legal, tá bom, beleza”. Então isso é, é assim, é tomado, como é naturalizado, sabe? E acho que vai desde dessa coisa mais um pouco óbvia, né? De chamar de japa, mas passa por lugares, que é do tipo ah, tem um filme japonês que foi lançado e daí, naturalmente, as pessoas me perguntam, é? Sobre se eu vi o filme, se eu gosto do filme, como se eu tivesse alguma legitimidade ou autoridade maior para falar do filme só porque ele é japonês. Então tem uma, né? Uma questão racial que é posta e repostada o tempo inteiro, que não é necessariamente agressiva ou necessariamente tipo de colocando para baixo, mas acho que vai moldando a forma com que você próprio se avalia assim, né? Ou seja, quais são os espaços que você pode ocupar, o que que do que que você pode falar e do que você não pode falar... que de toda forma é importante a gente ter consciência também, né? Porque no meu caso eu gosto, me interessa, estudo, cinema japonês, então eu quero ocupar esse lugar. Essas pessoas vêm me perguntar, eu falo com prazer, é porque é um espaço que eu quero ocupar e me sinto tipo, no final das contas, feliz que as pessoas me vejam dessa forma. Mas isso, se fosse contrário, isso seria um lugar tipo, pô, porque que eu preciso saber disso, sabe? Quero falar sobre, sei lá, cinema brasileiro, iraniano. Americano e por aí vai.

Natália: As duas coisas que mais pegam sempre para mim, que dizem de uma mesma

coisa, que é um apagamento de identidade, que é esse lugar do “ah japonesa é tudo igual”. É que primeiro, eu não sou japonesa, eu sou brasileira. E se eu for para o Japão como já fui, eu sou lida lá como estrangeira. E aqui eu sou lida como estrangeira também. Né, porque “não, você não é brasileira, você é japonesa”. Então acho que essa coisa do “ah, mas você tem o olho puxado, é tudo igual”. Às vezes gente não saber quem eu sou e aí vem dando essa sensação de se sou eu, se é qualquer outra pessoa, tanto faz, e como que tanto faz? Eu sou um ser humano único, tenho minhas características únicas, sou a única como todos nós e como assim eu posso ser qualquer outra pessoa porque eu tenho olho puxado, né? Então acho que isso sempre me pegou bastante e com mais contato com a militância asiática, com esses debates, isso me irrita bastante. Essa coisa de perceber que a pessoa não asiática, ela genuinamente confunde, não é uma brincadeira, ela realmente não cons... E aí dá uma sensação, tipo o “cara, você não consegue parar, me olhar e me ver”. Eu não estou sendo vista, é essa a sensação, né. Porque se você me vê e pode ser outra pessoa onde que eu tô no sentido de identidade individual, né? E aí eu acho que também uma representação problemática, que acho que tem melhorado, mas que é problemática, é a representação como mulher asiática. Porque a mulher geralmente é representada ou ainda se tem no imaginário uma pessoa submissa, uma pessoa que aceita tudo, uma pessoa que é muitas vezes uma fetichização também, que também é uma outra forma de apagamento de identidade. O que é isso, assim, “ah, eu gosto de mulheres japonesas”. Pode ser qualquer uma, então? Não tem uma relação com eu, pessoa, indivíduo que como assim, né? Não é um elogio. Então eu acho que também é uma forma de apagamento de quem eu sou. A gente vai perder o direito a nossa singularidade, né? Acho que é isso.

Julie: Tem esses dois lados. Ao mesmo tempo que vieram muitas pessoas que se identificaram comigo, que também, como eu disse, não tinham referência de maquiagem para olhos com traços asiáticos, também vieram pessoas que só se importam justamente com isso e não se importam com a pessoa que eu sou. Só se importam com o de fora, né? O visual? Então tem esses dois lados. Quando eu posto conteúdo, sempre vem comentários como “Ah, você parece com fulano, com ciclano”. E trazem muito figuras de doramas que está muito em alta, né? As novelas coreanas. E é incômodo porque justamente para ele só importa que eu sou asiática, porque está em alta. É moda agora, né? Então são comentários que eu recebo, já tiveram bem piores de baixo calão que eu não vou citar aqui, mas sim, eu vejo que eu sou bem estereotipada por ter traços asiáticos.

Cristiane: Estereótipo... Talvez... que japoneses são inteligentes, que os japoneses são dedicados, trabalhadores, então isso não me incomoda. Quer dizer, não me incomoda, mas talvez isso fique um pouquinho pesado, né? Porque quando você não atende a sua expectativa, né? Aí todo mundo fica “nossa, é, não sabia que você era assim. Ah, não sabia que você era divertido” Também acham que a gente tem que ser sério, né? E que a gente não pode ser divertido, e que também, que a gente pode falhar, né? Não tem que ser perfeito. Que todo mundo às vezes fica esperando a perfeição. Então talvez isso me incomode um pouquinho, né? A questão da perfeição.

Natália: principalmente de estereótipo, acho que o personagem asiático, superinteligente, nerd. Eu acho que esse é o top dos estereótipos. Ou então, quando é um personagem mais velho, é o senhor Miyagi, né? Aquele velhinho sábio que vai saber tudo sobre, e que vai ser

mais rígido. Mais assim, geralmente se personagens mais rígidos também, né, geralmente são associados à vivência asiática. E é isso que vai sendo contado para as pessoas, “ah, as pessoas amarelas são assim” e é assim que elas vão se relacionar com a gente. E acho que assim, mais grave do que isso, é assim, pelo menos na minha vivência foi isso, é assim que eu passava a me relacionar comigo, né? E aí eu acho que isso que foi o que explodiu a cabeça quando eu tive acesso a outros debates, né? Porque às vezes eu não queria ser entendida daquela forma, porque não era quem eu era. Mas no audiovisual não via possibilidades muito diferentes, então... Eu acho que eu me afastei muito da vivência assim, eu frequento a associação quando tem “vai ter barraca de comida japonesa” aí a comida japonesa a gente gosta, né? Então aí eu vou. Mas assim, participar ativamente, fazer aula de japonês. Tudo isso eu fiz quando eu era mais nova e eu fui me afastando dessa vivência, eu fui meio que negando essa vivência. Porque eu não queria me encaixar naquele estereótipo da pessoa que é nerd ou da pessoa que tem que ser de exatas ou da mulher submissa, da mulher que aceita tudo, da mulher que não pode ser independente. E eu fui me afastando de tudo assim, dizendo “não, se isso é ser descendente de japonês, então eu não quero isso”. Então eu não vou entrar para uma associação, eu não vou partilhar dessas vivências com pares, porque é isso que se espera de mim, porque é isso que as outras pessoas se relacionavam comigo tinham essa expectativa sobre mim. E aí com esse contato, com esse debate, para mim foi fundamental, porque eu consegui diferenciar exatamente isso, a expectativa das pessoas sobre mim, do que se espera quando eu me apresento e é isso, pessoas racializadas, a gente não tem como não ser lido como racializado, porque é o nosso fenótipo. E aí quando eu me apresento em algum lugar, o que as pessoas esperam quando elas me olham e quem eu sou de fato? E quem eu sou enquanto construção de identidade e quem eu sou passa por ser descendente de japoneses, ser uma pessoa amarela, ser uma pessoa racializada.

Marcos Yoshi: Então, na minha turma de faculdade, tinha além de mim, tinha mais duas garotas que eram também nipo-brasileiras. Existiam outras pessoas também nipo brasileiras em outras turmas. E só mais recentemente, mas aí isso eu já estava formado, é que eu acho, passaram a existir pessoas que são descendentes de coreanos. Mas que tem a ver com o processo migratório coreano no Brasil, ou seja, de pessoas e de imigrantes que chegaram aqui na década de 60 e 70 e que os filhos agora que tem idade para começar a cursar a faculdade. Acho que foram na faculdade, foram essas as experiências, que tipo de pessoas e assim, na época que eu estudei não existia nenhum tipo de mobilização e de consciência racial para a gente se juntar. Então, até, por exemplo, tinha uma essa colega minha chama Larissa Kurata (42), ela até escrevia alguns roteiros que tinha elementos assim, tipo nipo brasileiros. E eu, falar a verdade, eu achava, eu tinha uma relação ambígua com esse tipo de filme, assim, de produção, porque ainda estava vivendo um processo que era de me manter afastado assim do que poderia ser julgado como como japonês ou como oriental, sei lá, sabe? Eu tinha um processo de negação, ainda de tipo, de não me vincular a essa questão racial, sabe? E aí depois eu tenho uma vida profissional que ela não é tão dentro do mercado. Mas eu eu não lembro de nas produções que eu participei, talvez eu na grande parte delas, eu era a única pessoa amarela na equipe. E fora dos meus filmes, eu nunca participei também de nenhum projeto. Que tinha atores atrizes amarelas assim. Até bem

pouco tempo atrás, eu acho que talvez 2016, 2017, não sei, não existia essa pauta, certo? E daí houveram tipo discussões de luta antirracista, capitaneada pelo tipo população negra. E aí, uma vez que essas pautas sociais, elas foram é colocadas no debate, acho que as pessoas amarelas começaram a se articular. E principalmente nessa questão da representatividade, foram as atrizes, os atores inicialmente, que eu acho que tomaram à frente dessa discussão, muito disputando é espaços de visibilidade nas produções. E só mais recentemente eu sinto que tem também uma luta por representatividade nos cargos de criação. Já existiam pessoas, né? Amarelas ocupando cargos, enfim, de fotógrafo de direção de arte de... dessas de funções criativas, mas que não era exatamente na direção e principalmente na direção de longas metragens. Então, se for pensar, o filme que eu lancei ano passado, ele surge, talvez seja o primeiro filme é que fala sobre experiências nipo brasileiras, depois de Gaijin 2 (43), e Gaijin 2 é um filme de 2007. Então a gente tem aí mais de 15 anos de um gap de que não existiu nenhum longa metragem lançado no circuito comercial no Brasil que tratava dessas questões muito, porque não existiam diretoras e diretores amarelos fazendo filmes, é fazendo filmes. Assim existe. Existiam curtas metragens, mas longas metragens não.

Natália: Quando tem alguém na equipe que tem a vivência, é muito diferente para a construção, não só para atuação, mas para a construção de roteiro, são coisas muito sutis. Assim é do jeito da pessoa falar e do jeito de se relacionar e que faz toda a diferença para a gente se enxergar nas pessoas. Na produção, principalmente de entretenimento, “ah eu quero colocar um personagem japonês”, e é isso. E qual que é o meu imaginário. Assim, acho que quanto mais estereotipado, mais distante, fica para a gente. E eu acho que ainda falta bastante de quantidade, mesmo, de quantidade, de diversidade. E aí falando de cinema ou de seriados, porque eu acho que o estereótipo ele pega muito também num lugar de como se fosse, ah, tem um personagem, para dizer que tem, então tem aquele ali, e aí, “não, tá tudo bem, porque eu sou eu sou diverso no meu elenco, porque tem aquele ali que está representando.” E aí, quando a gente tem uma pessoa representando, essa pessoa não vai dar conta. Aquele personagem não vai dar conta de tudo o que é possível uma pessoa amarela viver assim, né? Acho que falta muito nesse sentido também, da gente poder se ver fazendo coisas diferentes. Eu acho que da diversidade de vivências. Então assim, ah, uma pessoa, uma mulher sansei, por exemplo, né? Que me representaria, pode ser, como fui muito cobrada ao longo da minha vida, ah, super da exatas e fazer engenharia e não sei quê. Nossa, meu terceiro ano era assim. Que sei lá, eu fui fazer humanas, né? Eu fui fazer humanas, depois fui me meter em artes, em teatro. “Que você tá fazendo de humanas? Você não tem que fazer humanas, você tem que fazer engenharia, né? Pô, você manda bem exatas, então...” E aí também era isso, assim, por que você manda bem exatas? Porque eu estou estudando, porque eu preciso passar no vestibular como qualquer outra pessoa da minha sala? Não, é porque você é japonesa, japonês, parece que está no sangue, né? Vem as fórmulas. Então eu acho que tem esse padrão de estereótipo que vai sendo cobrado da gente nas nossas relações. Acho que também uma outra diversidade que eu não queria deixar de lembrar, que eu acho que é algo importante, é que dentro do de uma noção de pessoas amarelas além disso assim, ah, eu sou uma pessoa amarela, eu sou uma mulher descendente de japoneses. Sou sansei. Sou psicóloga e trabalho com, faço teatro e eu posso ter essa vivência, assim como uma outra mulher sansei poderia ser engenheira e está tudo

bem. E são possibilidades diferentes, porque somos pessoas diferentes, somos seres humanos diferentes. Então a gente, poder ter isso assim, né? Ter a, “ah, OK, tem a pessoa amarela mais certinha”, que é o estereótipo padrão. Mas tenha pessoa da pavorada que vai, que não vai seguir regra nenhuma e está tudo bem, porque nós somos assim. Nós temos essas possibilidades, como outras pessoas também. Às vezes é legal poder focar na questão racial e dizer, “nossa, isso me trouxe um apagamento na minha vivência. Isso me trouxe questões de identidade ou de ancestralidade que eu precisei resolver depois”. Eu mesma isso, no caso. E poder abordar vivências nesse sentido, como que ser sermos pessoas racializadas no Brasil impacta na nossa construção de identidade. Mas também poder ter seriados, ter filmes, ter produções audiovisuais que não é sobre isso. É só que aquele personagem está lá e que aquele personagem existe, porque nós existimos, estamos na ali. E poderem ser pessoas muito diferentes, muito diversas, né? Então pode ter o aluno primeiro da classe, mas pode ser o que quer zoar a classe e está tudo bem. E pode ser o engenheiro e pode ser a pessoa que vai fazer teatro, entendeu? Porque daí acho que isso mostra a diversidade, nós podemos. É estar em outros espaços nesse sentido, né? E acho que mais uma outra coisa que é importante também é que mesmo dentro do espectro, né? De pessoas asiáticas, a gente tem diferenças, inclusive culturais. Então poder ter essa distinção também, aí são personagens chineses, ou uma personagem descendente de chineses, ou é uma personagem brasileira que descende de coreanos, ou... E isso tem um background cultural que é totalmente diferente do japonês, né, e geralmente é colocado todo mundo lá, “olho puxado é japonês” né. E inclusive dentro dos japoneses, dentro do que hoje é configurado como o Japão, a gente tem muita diversidade, as muitas diferenças, então é muito diferente, sei lá, a minha avó veio de Kiyoto, é diferente se ela tivesse vindo de Okinawa, por exemplo. Que tem uma outra cultura, que tem uma outra, inclusive a tonalidade de pele, outro fisionomia, outra forma de expressão, de artes, de tudo, né? De compreensão de mundo. É que tem a coisa da colonização no caso, né? Mas o povo uchinanchu é totalmente diferente. Então, asiáticos amarelos, asiáticos marrons, a gente tem uma gama de diversidade. Aí quando a gente fala “ai, vamos colocar um...” pensando numa equipe que seja bem estereótipo, “ah, vou colocar um personagem asiático para dar a coisa da representatividade”. Aí vai provavelmente colocar um japonês, o descendente japonês com a pele mais clara. E esta pessoa tem que dar conta da vivência de uma diversidade de pessoas, que não vai dar conta. Com contato com a militância asiática, eu fui estudando um pouco, eu já estive em Okinawa, assim como já estive em outras partes do Japão. E é muito diferente. E é muito rico ser muito diferente, né? Não consigo citar uma pessoa, uma produção, um filme, uma série que diga, é, que esteja popularizado no Brasil e que diga, “ah não, essa pessoa é uchinanchu”. Eles vão dizer “que? Que que é isso?”, né? E é toda uma cultura diferente, né? E que às vezes é aceito ou não aceito, por exemplo, em, mesmo em associações Nipo, né? Então essa diversidade não só de “ah, a pessoa amarela pode fazer muitas coisas”, mas são muitas pessoas amarelas, e às vezes não amarelas, asiáticas mais marrons, mas de outros backgrounds culturais. E acho que isso também não é representado, acho que isso falta bastante também.

Marcos Yoshi: Então, além do “bem-vindo de novo” (44), eu tenho um curta (45) que eu fiz com a minha avó, foi lançado em 2020 e que fala sobre a minha relação com ela, é uma

mistura de documentário com ficção. E fala também sobre a trajetória dela como mulher na imigração japonesa. E aí eu estou desenvolvendo atualmente um projeto novo que se chama *toushi*(?). E que é sobre a imigração *dekassegi*, a relação com saúde mental e masculinidade. Em nenhum desses projetos eu assumo como pressuposto a questão identitária. É, então eu não tenho a necessidade de é pautar o filme por uma questão identitária em si, mas a questão identitária está lá porque é parte constituinte do universo do filme, sabe? Então, eu acho que influência nesse sentido. E depois de ter lançado o longa, eu senti que que tinha essa demanda e essa falta mesmo por filmes que falam sobre a nossa realidade e sobre as nossas experiências. Porque sei lá de depoimento no Letterbox assim de tipo outros *nikkeis* falando “nossa, eu nunca me vi tanto num filme como nesse” assim sabe? Então eu acho que nem as próprias pessoas, e talvez eu mesmo não percebia que existia essa demanda, sabe?

Julie: As produções costumam colocar uma diversidade étnica, mas eles estereotipam isso é um eu acho bem problemático porque justamente eles não levam a palavra diversidade como diversidade, eles só querem bater cota, sabe? Em muitas produções eu vejo isso. Então uma coisa que poderia melhorar no audiovisual brasileiro é isso, de trazer uma pessoa que tem traços claramente étnicos, tipo, eu claramente tenho traços japoneses, asiáticos, mas eu sou brasileira, então eu quero ser retratada como uma figura brasileira, não numa novela, como uma pessoa que veio de fora ou algo assim. Eu nasci aqui, eu sou daqui, eu sou brasileira, como todas as outras pessoas que nasceram aqui, sabe?

Natália: De uma forma geral, é aquilo assim, se “ah, tem um personagem que vai ser asiático”, aí geralmente entra naquele estereótipo. Por quê? Porque o resto é branco e o branco é neutro. Só que o branco não é neutro. Estruturalmente a gente lê a pessoa branca como é o neutro, e os outros são racializados. E aí dentro disso, é como se tivesse que ter uma justificativa no roteiro de porquê é que aquele personagem asiático, mas não tem uma justificativa de porquê que aquele personagem é branco. E aí assim, esse medidor assim, de privilégio estrutural, um medidor de acho que acessos talvez, e a isso estrutural de sociedade, quanto menos acesso nesse sentido, mais um indivíduo começa a representar a toda uma categoria, né? Quanto mais privilégio social, mais direito à própria individualidade a pessoa tem. Então, se uma pessoa branca, ela vai bem exatas, aquela pessoa branca vai bem exatas. Se eu vou bem em exatas, as japonesas, os japoneses, que daí não é nem brasileira, não é? As pessoas asiáticas... Então assim, é muito pesado, né? Eu estou representando, tem que dar conta de representar todo mundo. E não vou, porque essa é a minha vivência individual.

Marcos Yoshi: Eu acho que tem uma ainda uma invisibilidade é no fato de pessoas amarelas serem uma minoria política no Brasil e uma minoria populacional também, mas uma minoria política no sentido desse lugar de representatividade na sociedade. Vira e mexe eu vou inscrever, me inscrever, sei lá em em seminários ou em cursos, ou mesmo é em algum evento e tem lá uma autodeclaração perguntando se né, se é algum tipo de minoria política ou se é uma pessoa com deficiência física. E geralmente não tem a opção pessoa amarela, então eu acho que a sociedade brasileira de modo geral, não enxerga a gente como uma minoria política. Então isso é um trabalho político mesmo que a gente tem que fazer. Porque isso afeta justamente a possibilidade da gente fazer os filmes, porque

quando tem algum tipo de iniciativa de política afirmativa, a gente está fora, assim, de cara, porque a gente simplesmente não é considerado. Então acho que tem esse lugar para ser conquistado ainda. E um outro lugar é a gente se entender é enquanto essa minoria política racial dentro da luta antirracista, mas geral no Brasil, então, é. Não é o caso de entrar, né? Numa coisa que seria exclusivista ou pensar assim só nas dificuldades que a gente enfrenta e tudo mais, mas encarar essa experiência dentro de um cenário brasileiro que é pautado por um racismo estrutural e que necessariamente as populações negras, indígenas e outras populações também tradicionais, elas sofrem de uma forma muito mais intensa e muito mais gritante né os efeitos desse racismo estrutural, né? Mas assim, eu, em termos de produção e como criador... É isso, eu acho que os filmes, eles se colocam nesse nesse lugares de colocar para a sociedade brasileira essa presença nossa de uma forma potente, de uma forma que enquanto arte, enquanto obras boas, então meu esforço é tipo, primeiro de tudo é fazer filmes bons, que possam enfim, ser honesto, ser sincero com a nossa experiência, mas ao mesmo tempo comunicar essa experiência e relacionar essa experiência com a sociedade brasileira. Porque assim, eu penso que tipo, no momento que eu estava me formando, lá em 2012, 2013, esse tipo de discussão e de obra e de produto audiovisual não era nem sequer concebível assim, sabe? Não tinha acho que nem recursos para defender esse tipo de proposta para faculdade, para os colegas. Têm a impressão de que seria algo tipo óbito que você está falando, afinal de contas, sabe?

Apêndice 5 - Ordem do dia 31/08

Documentário: Olhos Afiados				ORDEM DO DIA #01	
Direção: Cláudio Massanori Sakamoto Miyata; Tiago Jun Suda				SÁBADO, 31/08	
Base de Produção		Coord. de Produção		Assist. Direção	
Nome do lugar: Casa da Julie		Nome:		Nome:	
Telefones: (11) 99340-8535		Telefone:		Telefone:	
MANHÃ		<i>Montando: 9h30 às 10h30</i>		Nascer/Pôr do Sol:	
<i>Equipe no set: 9h00</i>		<i>Filmando: 10h30 às 12h30</i>		Previsão do tempo:	
<i>Refeição: Não</i>		<i>Fim do Set: 13h00</i>			
Cena	Luz	Locação	Set	Descrição do Plano	Rodando
MONTAGEM					9h30
01.a		Casa da Julie	Casa da Julie	Cam 1: Entrevista (Obs.: Mais fechada e frontal)	10h30
01.b		Casa da Julie	Casa da Julie	Cam 2: Entrevista (Obs.: Mais aberta e com angulação de 3/4)	10h30
02		Casa da Julie	Casa da Julie	Cam 1: Imagens de cobertura (obs.: tentar captar imagens que condizem com a personalidade da Julie e também com a história que ela contar)	11h45
DESMONTAGEM					12h30

Elenco Principal	Ator/Atriz	Cena	Chegada	Fig/Maq	Ensaio	Rodando
Julie	Julie	01.a e 01.b	09h00	09h15	09h30	10h30
Imagens de Cobertura	-	02	-	-	-	11h45

Resumo da Análise Técnica – Dia #01 (31/08)

ELENCO Nome: Julie FIGURINO • Não usar roupas com linhas horizontais ou verticais muito finas e próximas. • Camisa muito branca. • Tomar cuidado com tecidos muito lisos (seda e afins) • Evitar roupas com marcas e estampas OBJETOS DE CENA • Perguntar se ela tem algum objeto, algo decorativo que ela goste e compor visualmente o quadro MAQUIAGEM • Pó p/tirar excesso de oleosidade da pele. SOM • Direto - Lapela	SINOPSES
---	------------------------

Apêndice 6 - Ordem do dia 01/09

Documentário: Olhos Afiados			ORDEM DO DIA #02	
Direção: Cláudio Massanori Sakamoto Miyata; Tiago Jun Suda			DOMINGO, 01/09	
Base de Produção		Coord. de Produção	Assist. Direção	
Nome do lugar: Casa do Ricardo & da Cristiane		Nome:	Nome:	
Telefones: (11) 99340-8535		Telefone:	Telefone:	
TARDE Equipe no set: 9h00 Refeição:		Montando: 09h30 e 14h30 Filmando: 10h30 e 15h30 Fim do Set: 13h00 e 18h00	Nascer/Pôr do Sol: 06h18/17h55 Previsão do tempo: Ensolarado e sem chuva. Min 18°C e Máx. 31°C	
Cena	Locação	Set	Descrição do Plano	Rodando
MONTAGEM - RICARDO				09h30
01.a	Casa do Ricardo	Casa do Ricardo	Cam 1: Entrevista (Obs.: Mais fechada e frontal)	10h30
01.b	Casa do Ricardo	Casa do Ricardo	Cam 2: Entrevista (Obs.: Mais aberta e com angulação de 3/4)	10h30

02	Casa do Ricardo	Casa do Ricardo	Cam 1: Imagens de cobertura (obs.: tentar captar imagens que condizem com a personalidade do Ricardo e também com a história que ele contar)	11h45
DESMONTAGEM - RICARDO				12h30
DESLOCAMENTO E ALMOÇO				13h00 - 14h00
MONTAGEM - CRISTIANE				14h30
03.a	Casa da Cristiane	Casa da Cristiane	Cam 1: Entrevista (Obs.: Mais fechada e frontal)	15h30
03.b	Casa da Cristiane	Casa da Cristiane	Cam 2: Entrevista (Obs.: Mais aberta e com angulação de 3/4)	15h30
04	Casa da Cristiane	Casa da Cristiane	Cam 1: Imagens de cobertura (obs.: tentar captar imagens que condizem com a personalidade da Cristiane e também com a história que ela contar)	16h45
DESMONTAGEM - CRISTIANE				17h30

Primeiro Elenco	Ator/Atriz	Cena	Chegada	Fig/Maq	Ensaio	Rodando
Ricardo	Ricardo	01.a e 01.b	09h00	09h15	09h30	10h30
Imagens de Cobertura	-	02	-	-	-	11h45
Segundo Elenco	Ator/Atriz	Cena	Chegada	Fig/Maq	Ensaio	Rodando
Cristiane	Cristiane	03.a e 03.b	14h00	14h15	14h30	15h30
Imagens de Cobertura	-	04	-	-	-	16h45

Resumo da Análise Técnica – Dia #02 (01/09)

ELENCO Nome: Ricardo e Cristiane FIGURINO - Não usar roupas com linhas horizontais ou verticais muito finas e próximas. - Camisa muito branca. - Tomar cuidado com tecidos muito lisos (seda e afins) - Evitar roupas com marcas e estampas OBJETOS DE CENA - Perguntar se ela tem algum objeto, algo decorativo que ela goste e compor visualmente o quadro MAQUIAGEM - Pó p/tirar excesso de oleosidade da pele. SOM - Som Direto - Lapela	SINOPSES
--	-----------------

Apêndice 7 - Ordem do dia 07/09

Documentário: Olhos Afiados Direção: Cláudio Massanori Sakamoto Miyata; Tiago Jun Suda	ORDEM DO DIA #03 SÁBADO, 07/09
--	---

Base de Produção Nome do lugar: Casa do Jaime Telefones: (11) 99340-8535			Coord. de Produção Nome: Telefone:			Assist. Direção Nome: Telefone:		
TARDE Equipe no set: 9h00 Refeição:			Montando: 09h30 e 14h00 Filmando: 10h30 e 14h30 Fim do Set: 13h00 e 17h00			Nascer/Pôr do Sol: 06h18/17h55 Previsão do tempo: Ensolarado e sem chuva. Min 18°C e Máx. 31°C		
Cena	Locação	Set	Descrição do Plano				Rodando	
MONTAGEM - MARCOS YOSHI								09h30
01.a	Casa do Jaime	Casa do Jaime	Cam 1: Entrevista (Obs.: Mais fechada e frontal)				10h30	
01.b	Casa do Jaime	Casa do Jaime	Cam 2: Entrevista (Obs.: Mais aberta e com angulação de 3/4)				10h30	
MONTAGEM - CATHARINE								14h00
03.a	Casa do Jaime	Casa do Jaime	Cam 1: Entrevista (Obs.: Mais fechada e frontal)				14h30	
03.b	Casa do Jaime	Casa do Jaime	Cam 2: Entrevista (Obs.: Mais aberta e com angulação de 3/4)				14h30	
DESMONTAGEM - CATHARINE								16h30

Primeiro Elenco	Ator/Atriz	Cena	Chegada	Fig/Maq	Ensaio	Rodando
Marcos Yoshi	Marcos Yoshi	01.a e 01.b	09h00	09h15	09h30	10h30
Imagens de Cobertura	-	02	-	-	-	11h45
Segundo Elenco	Ator/Atriz	Cena	Chegada	Fig/Maq	Ensaio	Rodando
Catharine	Catharine	03.a e 03.b	14h00	14h15	14h30	14h30
Imagens de Cobertura	-	04	-	-	-	17h00

Resumo da Análise Técnica – Dia #03 (07/09)	
ELENCO Nome: Marcos Yoshi e Catharine FIGURINO • Não usar roupas com linhas horizontais ou verticais muito finas e próximas. • Camisa muito branca. • Tomar cuidado com tecidos muito lisos (seda e afins) • Evitar roupas com marcas e estampas OBJETOS DE CENA • Perguntar se ela tem algum objeto, algo decorativo que ela goste e compor visualmente o quadro MAQUIAGEM • Pó p/tirar excesso de oleosidade da pele. SOM • Som Direto - Lapela	SINOPSES

Apêndice 8 - Ordem do dia 08/09

Documentário: Olhos Afiados Direção: Cláudio Massanori Sakamoto Miyata; Tiago Jun Suda			ORDEM DO DIA #04 DOMINGO, 08/09				
Base de Produção Nome do lugar: Casa de Marcos e Nanci & da Natália Telefones: (11) 99340-8535		Coord. de Produção Nome: Telefone:		Assist. Direção Nome: Telefone:			
TARDE Equipe no set: 9h00 Refeição: 13h às 14h		Montando: 09h30 e 14h30 Filmando: 10h30 e 15h30 Fim do Set: 13h00 e 18h00		Nascer/Pôr do Sol: 06h18/17h55 Previsão do tempo: Ensolarado e sem chuva. Mín 18°C e Máx. 31°C			
Cena	Locação	Set	Descrição do Plano		Rodando		
MONTAGEM - MARCOS & Nanci					09h30		
01.a	Casa do Marcos & Nanci	Casa do Marcos & Nanci	Cam 1: Entrevista (Obs.: Mais fechada e frontal)		10h30		
01.b	Casa do Marcos & Nanci	Casa do Marcos & Nanci	Cam 2: Entrevista (Obs.: Mais aberta e com angulação de 3/4)		10h30		
02	Casa do Marcos & Nanci	Casa do Marcos & Nanci	Cam 1: Imagens de cobertura (obs.: tentar captar imagens que condizem com a personalidade do Marcos & Nanci e também com a história que ele contar)		12h00		
DESMONTAGEM - MARCOS & Nanci					12h30		
DESLOCAMENTO E ALMOÇO					13h00 - 14h00		
MONTAGEM - NATÁLIA					14h30		
03.a	Casa da Natália	Casa da Natália	Cam 1: Entrevista (Obs.: Mais fechada e frontal)		15h30		
03.b	Casa da Natália	Casa da Natália	Cam 2: Entrevista (Obs.: Mais aberta e com angulação de 3/4)		15h30		
04	Casa da Natália	Casa da Natália	Cam 1: Imagens de cobertura (obs.: tentar captar imagens que condizem com a personalidade da Natália e também com a história que ela contar)		16h45		
DESMONTAGEM - NATÁLIA					17h30		
Primeiro Elenco		Ator/Atriz	Cena	Chegada	Fig/Maq	Ensaio	Rodando
Marcos & Nanci		Marcos & Nanci	01.a e 01.b	09h00	09h15	09h30	10h30
Imagens de Cobertura		-	02	-	-	-	11h45
Segundo Elenco		Ator/Atriz	Cena	Chegada	Fig/Maq	Ensaio	Rodando
Natália		Natália	03.a e 03.b	14h00	14h15	14h30	15h30
Imagens de Cobertura		-	04	-	-	-	16h45
Resumo da Análise Técnica – Dia #04 (08/09)							
ELENCO Nome: Marcos, Nanci e Natália FIGURINO • Não usar roupas com linhas horizontais ou verticais muito finas e próximas. • Camisa muito branca. • Tomar cuidado com tecidos muito lisos (seda e afins) • Evitar roupas com marcas e estampas			SINOPSES				

OBJETOS DE CENA - Perguntar se ela tem algum objeto, algo decorativo que ela goste e compor visualmente o quadro MAQUIAGEM - Pó p/tirar excesso de oleosidade da pele. SOM - Som Direto - Lapela	
--	--

Apêndice 9 - Ficha de Take

		Nome				
		Fixa de Takes				
CENA	PLANO	TAKE	ARQUIVO	SITUAÇÃO	OBSERVAÇÃO	
Julie	Reels	Unico	1	celular	OK	Última pergunta não
	Reels	Unico	2	celular	OK	apenas a última pergunta
	1	1	1.1	1821	?	Continua em
	11	2	1	0518	OK	Bom
	11	1	1.2	1822	?	Ambos estão no áudio
	2	2	1	0520-0542	OK	Deu por
	1	1	2	1827	OK	Bom → mudar final
	11	2	2	0549	OK	11
			1828			Registra o final
Ri Cordo	Inserts	Unico	Unico	0560	OK	
	1	1	1.1	1892	OK	Continua em dois
	11	2	1.1	0563	OK	"
	11	1	1.2	1893	OK	Falta alguma
	11	2	1.2	0564	OK	Perguntas
	Insert	Unico	Unico	0565-0581	OK	
	Cronômetro	Unico	Unico	0582-0591	OK	
	1	1	2	1898-1850	OK	Pausa no me.º para
Cristiane	11	2	2	0592-0593	OK	Subir a memória
	1	1	3	1851	OK	Despedida
	1	1	1.1	1853	OK	DEU!
	1	2	1	1857	OK	
	1	1	1.2	1859	OK	
	1 Jaime	1	1.1	1872-1880	OK	+20 min → Cont. va
	1 Jaime	2	1.1	1873-1874	OK	"
	1 Jaime	1	1.2	1884	OK	Final
Marcos Yoshi	1 Jaime	2	1.2	1876	OK	
	1 Chau	1	1	1882	—	Mic ruim / muda porção
	1 Chau	2	1	1878	—	
	1 Chau	1	2	1883-1885	OK	DEU!
	1 Chau	2	2	1879-1880	OK	
	1	1	1	1891-1893	OK	11
	1	2	1	1884-1885	OK	Pausa no Pergunte. B
	1	1	2	1894-1896	OK	"
Marcos & Narc. Metalia	1	2	2	1886-1887	OK	A partir de 14
	1	1	1			
	1	2	1			
	1	1	2			
	1	2	2			
	1	1	3			
	1	2	3			
	1					

Apêndice 10 - Autorização do uso de imagem

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ PARA O DOCUMENTÁRIO "OLHOS AFIADOS"

Eu, Julie Airi Iju, nacionalidade brasileira, estado civil solteira, portador da Cédula de identidade RG nº. 55.006.680-9, inscrito no CPF sob nº 433.948.458-06, residente à Av./Rua Rupara, nº. 116, município de São Paulo/São Paulo. **AUTORIZO** o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário "Olhos Afiados", e também nas peças de comunicação que será veiculada nas redes sociais do documentário "Olhos Afiados". **A presente autorização é concedida a título gratuito**, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) mídia eletrônica (video-tapes, televisão, cinema, entre outros); (II) mídia digital virtual (redes e mídias sociais, home pages, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens **não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração por cachê**, conforme já acordado com a equipe realizadora.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada divergente do presente nesta autorização haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

São Paulo, dia 31 de agosto de 2024.

Julie Airi

(Assinatura)

Nome: Julie Airi Iju

Telefone p/ contato: 11 99811-7798

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ
PARA O DOCUMENTÁRIO "OLHOS AFIADOS"

Eu, RICARDO MAKOTO FUKUZAWA, nacionalidade
BRASILEIRA, estado civil CASADO, portador da Cédula de identidade RG
nº 29.161.417-6, inscrito no CPF sob nº 252.208.248-56, residente à Av./Rua
NOBRE VIEIRA, 3, nº 354, município de
SÃO PAULO /São Paulo. AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em todo e

qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário "Olhos Afiados", e também nas peças de comunicação que será veiculada nas redes sociais do documentário "Olhos Afiados". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (II) mídia digital virtual (redes e mídias sociais, home pages, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração por cachê, conforme já acordado com a equipe realizadora.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada divergente do presente nesta autorização haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

S. Paulo, dia 01 de setembro de 2024.

Ricardo M. Fukuzawa
(Assinatura)

Nome: RICARDO M. FUKUZAWA

Telefone p/ contato: 11. 98538 6640.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ
PARA O DOCUMENTÁRIO "OLHOS AFIADOS"**

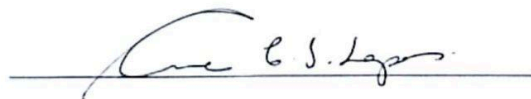
Eu, Cristiane Eriko Ivoza Lopes, nacionalidade
brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG
nº. 1320384-3, inscrito no CPF sob nº 705 053 309-20, residente à Av./Rua
Passo da Pátria, nº. 855, município de
São Paulo /São Paulo. **AUTORIZO** o uso de minha imagem e voz em todo e

qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário "Olhos Afiados", e também nas peças de comunicação que será veiculada nas redes sociais do documentário "Olhos Afiados". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (II) mídia digital virtual (redes e mídias sociais, home pages, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens **não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração por cachê**, conforme já acordado com a equipe realizadora.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada divergente do presente nesta autorização haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

São Paulo, dia 01 de setembro de 2024.



(Assinatura)

Nome: Cristiane Eriko Ivoza Lopes

Telefone p/ contato: (11) 99933.7603

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ
PARA O DOCUMENTÁRIO "OLHOS AFIADOS"

Eu, MARCOS VINÍCIUS YOSHIMIZI, nacionalidade
BRASILEIRA, estado civil CASADO, portador da Cédula de identidade RG
nº 578517363, inscrito no CPF sob nº 339.075418-04, residente à Av./Rua
SÃO MENINUCI 130, nº. 130, município de
SÃO PAULO/São Paulo. **AUTORIZO** o uso de minha imagem e voz em todo e

qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário "Olhos Afiados", e também nas peças de comunicação que será veiculada nas redes sociais do documentário "Olhos Afiados". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (II) mídia digital virtual (redes e mídias sociais, home pages, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração por cachê, conforme já acordado com a equipe realizadora.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada divergente do presente nesta autorização haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

SÃO PAULO, dia 7 de Setembro de 2024.


(Assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato: 11 99388 8323

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ
PARA O DOCUMENTÁRIO "OLHOS AFIADOS"

Eu, NANA KAYO MATAIYOHY, nacionalidade
BRASILEIRA, estado civil CASADA, portador da Cédula de identidade RG
nº 18.670.881-7, inscrito no CPF sob nº 127.270.478-51, residente à Av./Rua
DAS OZEIRAS, nº 35, município de
VILA BELA/São Paulo. **AUTORIZO** o uso de minha imagem e voz em todo e

qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário "Olhos Afiados", e também nas peças de comunicação que será veiculada nas redes sociais do documentário "Olhos Afiados". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (II) mídia digital virtual (redes e mídias sociais, home pages, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração por cachê, conforme já acordado com a equipe realizadora.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada divergente do presente nesta autorização haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

SO PAULO, dia 08 de SETEMBRO de 2024.


(Assinatura)

Nome: NANA KAYO MATAIYOHY

Telefone p/ contato: (11) 97115.8618.

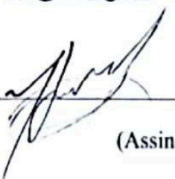
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ
PARA O DOCUMENTÁRIO "OLHOS AFIADOS"

Eu, MARCOS YOSHITARO MATSUYOSHI, nacionalidade
BRASILEIRA, estado civil CASADO, portador da Cédula de identidade RG
nº 18.020.501-8 inscrito no CPF sob nº 114.022.858-76, residente à Av./Rua
R+5 COBEIÁS, nº 35, município de
São Paulo /São Paulo. AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em todo e
qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário "Olhos
Afiados", e também nas peças de comunicação que será veiculada nas redes sociais do documentário "Olhos
Afiados". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima
mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema,
entre outros); (II) mídia digital virtual (redes e mídias sociais, home pages, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das
imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração por cachê, conforme já acordado com a
equipe realizadora.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada divergente do
presente nesta autorização haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

São Paulo, dia 8 de Sete-Bro de 2024.


(Assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato: 9

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ
PARA O DOCUMENTÁRIO "OLHOS AFIADOS"

Eu, Natália Harumi Pieczarka, nacionalidade
brasileira, estado civil solteira, portador da Cédula de identidade RG
nº. 3362305, inscrito no CPF sob nº 946543442-68, residente à Av./Rua
Barata Ribeiro, nº. 260 / apto 34, município de
São Paulo / São Paulo. **AUTORIZO** o uso de minha imagem e voz em todo e

qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no documentário "Olhos Afiados", e também nas peças de comunicação que será veiculada nas redes sociais do documentário "Olhos Afiados". A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros); (II) mídia digital virtual (redes e mídias sociais, home pages, entre outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração por cachê, conforme já acordado com a equipe realizadora.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada divergente do presente nesta autorização haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz.

São Paulo, dia 08 de setembro de 2024.



(Assinatura)

Nome: Natália Harumi Pieczarka

Telefone p/ contato: (11) 97111-1654

Apêndice 11 - Transcrição da entrevista (Julie)

APRESENTAÇÃO

Oi, tudo bem? Meu nome é Julie. Tenho 22 anos, sou Sansei por parte de pai e Yonsei por parte de mãe. E crio conteúdo para internet. Também sou estudante do curso de obstetrícia na USP.

AUDIODESCRIÇÃO

É, hoje a gente está gravando na minha casa. Eu estou vestindo uma blusinha Manga longa lilás, um cropped branco, mas a blusa está fechada, o colarzinho, saia preta longa, estou de maquiagem, tenho franja, olhos escuros, castanhos escuros. Minha casa é meio bagunçada, mas de fundo a gente tem um armário cheio de tranqueirinhas antigas.

Sou mulher, nipo brasileira, tenho cabelo longo, médio, franja, olhos castanho escuros. Estou vestindo uma blusinha manga comprida, lilás, uma saia preta longa e de fundo a gente tem minha casa, que é um pouquinho bagunçada, cheia de coisa, mas é um armário com decorações antigas, de festa, de aniversário, enfim, da minha família no geral. E é isso.

1. Vamos passar então para a primeira pergunta, que é, quais foram os programas mais marcantes durante a sua infância e adolescência?

Durante a minha infância eu costumava ver muito anime, principalmente lembro de Hamtaro, Sailor Moon, Totoro. Até na fita cassete eu via e também muito desenho que passava na televisão. Assim, de manhã eu acordava cedo só para ver. Quando eu cresci um pouco, o que eu mais via era...

Quando eu era criança eu costumava ver muito anime. Lembro que eu via bastante Hamtaro, Sailor Moon, totoro. Até lembro que eu tenho uma fita cassete guardada e depois que eu cresci um pouco, eu via também desenho de manhã na televisão. Acordava cedo só para ver e quando eu era mais pré adolescente já só migrei para o YouTube, só via vídeo no Youtube.

2. E qual o conteúdo do YouTube que você assistia normalmente?

Majoritariamente coisas sobre beleza. Gostavam muito de tutorial de maquiagem, ver Daily vlog da das blogueiras da época, vlog de viagem também eu gostava bastante.

3. É, aí a gente queria te perguntar, o que te motivou a criar sua página no Instagram?

O que mais me motivou foi querer mostrar as maquiagens que eu fazia eu criei o Instagram lá em 2018, e eu gostava muito de maquiagem artística na época. Então eu queria mostrar as maquiagens que eu fazia e também inspirar outras pessoas, porque eu via que faltou para mim quando eu era mais nova, uma referência asiática em maquiagem. Eu só via pessoas, não amarelas e eu ficava confusa em como fazer maquiagem, então eu quis ser essa pessoa que ajuda e inspira outras pessoas.

4. E você acha que seu conteúdo teve alguma mudança? Seu público teve alguma mudança? Desde 2018 até hoje.

Com certeza, porque antes eu postava muita coisa sobre maquiagem artística e depois eu fui migrando para a parte no geral de beleza. Depois eu fui para moda e atualmente eu estou mais no skincare também. Está bem mesclado. Agora eu dei uma diversificada no conteúdo que é muito bom, mas sim, eu tive todo um processo e meu público também mudou muito, mas muitas pessoas me acompanham desde o começo.

5. Legal, legal é... Eu queria saber se você sente, se sente representada por, é, nas representatividades amarelas no audiovisual, seja tanto em quantidade quanto em qualidade também dessas representações.

Eu acho que a representatividade tem aumentado com o passar do tempo. Atualmente, sim, acredito que me sinto bem representada, mas ainda tenho algumas produções que eles trazem a figura da pessoa asiática como algo super estereotipado. Acho que é algo que tem que mudar ainda. Mas eu tenho muita... como se diz... Eu fico muito feliz de ver que, sim, as pessoas amarelas estão entrando em produções gigantescas. Eu vejo na televisão, propagandas. Então sim, eu me sinto bem representada, tirando quando colocam muito estereótipo em cima da etnia assim.

6. E aí eu queria saber se você tem alguma opinião que poderia melhorar no audiovisual brasileiro?

Hum, eu acho que realmente isso de não estereotipar as pessoas, porque as produções costumam colocar uma diversidade étnica, mas eles estereotipam isso é um eu acho bem problemático porque justamente eles não levam a palavra diversidade como diversidade, eles só querem bater cota, sabe? Em muitas produções eu vejo isso. Então uma coisa que poderia melhorar no audiovisual brasileiro é isso, de trazer uma pessoa que tem traços claramente étnicos, tipo, eu claramente tenho traços japoneses, asiáticos, mas eu sou brasileira, então eu quero ser retratada como uma figura brasileira, não numa novela, como uma pessoa que veio de fora ou algo assim. Eu nasci aqui, eu sou daqui, eu sou brasileira, como todas as outras pessoas que nasceram aqui, sabe?

7. Certo. É aí agora, voltando à sua produção de conteúdo, né? Do seu Instagram. Queria saber se você já se sentiu estereotipada ou já enfrenta alguma dificuldade por ser uma pessoa nikkei produzindo conteúdo pra internet?

Hmm. Com certeza isso eu vejo todos os dias. Quando eu posto conteúdo, sempre vem comentários como “Ah, você parece com fulano, com ciclano”. E trazem muito figuras de doramas que está muito em alta, né? As novelas coreanas. E é incômodo porque justamente para ele só importa que eu sou asiática, porque está em alta. É moda agora, né? Então são comentários que eu recebo, já tiveram bem piores de baixo calão que eu não vou citar aqui, mas sim, eu vejo que eu sou bem estereotipada por ter traços asiáticos.

8. E você também acha que, por ser uma pessoa nikkei, também te trouxe algum benefício na produção de conteúdo? Você acha que seu conteúdo chegou a mais pessoas por causa disso? Como funciona a rede de apoio também.

Tem esses 2 lados. Ao mesmo tempo que vieram muitas pessoas que se identificaram comigo, que também, como eu disse, não tinham referência de maquiagem para olhos com traços asiáticos, também vieram pessoas que só se importam justamente com isso e não se importam com a pessoa que eu sou. Só se importam com o de fora, né? O visual? Então tem esses dois lados.

9. Certo. Tá, é acabar as perguntas que eu tinha anotado. Eu lembro que eu fiz uma pergunta que eu queria muito repetir, que é como você se sente amparado? É, na verdade, acho que um para direcionar sua pergunta, tipo, você teve contacto com outros influencers amarelos que você teve? É, fez amizades ou fez uma parceria com outras pessoas amarelas na internet também?

Sim, eu tenho uma bolha bem grande. Justamente as pessoas que eu sigo são a maioria ali nipo brasileiras nikkei, e isso me inspira bastante, porque justamente eu vejo as pessoas

alcançando lugares que eu ainda não alcancei e espero chegar um dia nesses lugares. Então, tenho muitos amigos, muitas inspirações nikkei no meio

É, bom, na bolha que eu vivo, sim, eu sigo muitas pessoas nikkei. Elas são minhas inspirações. Também tenho amigos no meio e eu me sinto bastante amparada, porque a gente tem uma comunidade maravilhosa de Nipo brasileiros que produzem conteúdo aqui na internet. Então é muito gostoso viver tudo isso e ver também que as inspirações que eu tenho estão alcançando lugares assim incríveis. Eu vejo as pessoas em eventos, em programas, aparecendo na televisão, viralizando, assim. É muito bacana e me inspira a cada dia mais a tentar alcançar esses lugares e dar visibilidade para a comunidade nikkei no geral.

10. Agora as perguntas foram essas, então eu deixo aberto aí para você dar uma palavrinha final que você quiser falar e se despedir para as câmeras.

Primeiramente, eu sou muito grata pelo convite. Eu nunca imaginei que eu fosse participar de um documentário com esse tema, então considero muito importante. É. Gosto muito também. Sobre a minha produção de conteúdo, né? Eu sou também muito grata por ter essa comunidade, esse apoio de tantas pessoas. E eu espero continuar fazendo isso pelo resto da minha vida, porque é muito gostoso. É crescer junto com toda todo esse pessoal e é isso, beijinhos.

Apêndice 12 - Transcrição da entrevista (Makoto)

Apresentação

Meu nome é Maloto, tenho 48 anos, é sou Nissei, sou segunda geração e eu sou ceramista.

Audidescrição

Ah, está? Uso óculos, sou nipo brasileiro. Cabelo é bem curto, barba é um pouco grisalha. Estou usando um moletom preto e no fundo tem a estante com cerâmica.

A primeira pergunta é, o que é um dekaségi?

Bom, Dekaségi seria o termo japonês para o retirante, né? Então aquele que sai da sua Terra, né? Vai para um para outro estado, outro país ou para uma cidade para para trabalhar, para conseguir dinheiro. É basicamente isso.

Em que ano que você foi para o Japão?

Eu fui. Em 2003, fevereiro de 2003.

E onde você ficou e por quanto tempo?

Eu fiquei um ano e meio na província de Niigata, é mais para o norte do Japão e depois uns 12 anos em Shiga que é próximo a kyoto, é mais por cento do Japão.

Por que que você quis ser um dekaségi?

Bom, foram 2 motivos. Não é uma oitava como problemas financeiros, não é. Está com uma dívida de faculdade, está. E a outra é porque eu queria estudar cerâmica no Japão.

Aí sobre isso, como que você descobriu essa possibilidade de tipo, quer dizer, como que você é? Me que descobriu sobre a cerâmica do Japão? Porque que você quis estudar ela? O que que te levou a esse tema?

Bom, eu fiz faculdade de desenho industrial, não é? Então acho que se chama design e no meio do curso, me vi meio perdido. É, então eu não não sabia exatamente o que eu queria da minha vida. Não é? O design eu vi. Não seria? Né? Aí eu lembrei de um trabalho que eu fiz no começo da faculdade? Que a matéria se chama modelagem plástica e foi um trabalho em argila. Então aquilo me foi uma experiência única, então Que. Imaginei que fazendo cerâmica, alguma coisa com argila, né, eu poderia encontrar um caminho, né? Pra mim?

Você chegou a trabalhar com isso no Brasil antes de ir?

Não, eu não conhecia nada de cerâmica.

Um. Não, não, não. Não tive nenhum contato com cerâmica No No Brasil

Aí como que você descobriu essa possibilidade de ser dekasegi, de ir pro Japão?

Olha, é que meu pai já tinha ido, tinha tive muitos parentes e amigos assim, então já era uma. E assim é de pelo menos para minha geração. Era normal, né? A gente, sempre conhecia alguém que já. Ido. Que foi, né? Então é.

Que que você já sabia sobre isso? Tipo, você falou que você conversou com sua família, seu pai foi, mas você já tinha chegado a conversar com ele sobre como que foi tudo isso, se foi uma coisa que para ele foi bom? Se eles achavam que valia a pena, como que foi?

Olha eu. É da minha família. Mesmo assim é. Foi meu, meu, meu pai, meu irmão, não é? Não conversei muito, mas eu tinha assim relatos, não é de conversa com amigos ou outras pessoas que assim, basicamente já está lá em fábrica que é puxado, não é? Hum, Hum, Hum. Tinha mais dificuldade de adaptação. Fora isso, não tinha muita informação assim, não é?

E como que você foi? Porque, por exemplo, o meu amigo, ele foi ano passado e ele é entrou em contato com uma agência e essa agência que fez toda a ponte, sabe? Já ele falou que já tinha que já sabia no Brasil, para onde que ele ia, onde que ele ia ficar, onde ele ia trabalhar. E aí, como que foi para você isso? Você tinha uma agência, se tinha alguém.

Um. Sim, é. É, tem uns amigos do meu irmão, que que eles fizeram esse contato, É uma agência mesmo. Está que tinha um escritório na Liberdade? É, a gente chama de empreiteiras, né? Lá, né? Então é uma agência que. Que tem um contato com a fábrica, né? E faz um contato com a gente, não é? Faz toda a documentação. É isso, né? De colocação não. Então eles também é providenciam alojamento, né? É uniforme, essas coisas assim.

E que tipo de expectativa que você tinha quando você escolheu fazer isso? Você achou que ia dar tudo certo? Você achou que você ia conseguir estudar cerâmica? Como que foi?

Olha, eu fui sem, sem expectativa, porque. Era uma fase da minha vida que eu não tinha. Eu mesmo não tinha perspectiva na minha vida. Então minha prioridade era é pagar dívida primeiro. Em relação à cerâmica, é como não fui como bolsista, alguma coisa do tipo estagiário, então eu não sabia se eu ia consegui, mas eu fui decidida a ficar pelo menos 10 anos. Então tinha uma alguma alguma convicção de que eu conseguia de alguma forma

E antes de ir pro Japão, você já saber japonês, se achava meio familiarizado com a cultura japonesa.

É, eu até os 5 anos só falava japonês. Então depois eu frequentei a escola japonesa. Quer

dizer, é de manhã na escola, né, normal. E 3 vezes por semana estudava japonês, uma escola. Que chama Nihongakko. Então, assim eu tive uma criação um pouco rígida nessa relação com a língua, então, é, eu não tive muita dificuldade, é, mas assim, eu não tinha uma ideia muito clara do que era o Japão assim é a sociedade. Como se funcionava isso, não?

Aí aqui no Brasil você cresceu. É no em São Paulo mesmo, na capital, foi no interior, foi dentro de uma colônia. Você acha que isso afetou o modo que você enxergava o Japão?

É eu até os 5 anos, 5 anos e meio. Morava no sítio lá em Registro, onde eu nasci. Depois a gente foi para a Bahia, extremo sul da Bahia. É um projeto da cooperativa agrícola de Cotia, né, que hoje não existe. E passei minha infância lá. Depois eu fiz o segundo grau em Registro, o que seria o ensino médio, depois vim para São Paulo. Eu não fiquei muito só num, digamos, num Reduto japonês, né? Porque na Bahia eu tinha o. Era um não é que era dois mundos, mas tinha 2 grupos de convívio. Não é que não era bem de japoneses, nikkeis. Outro não. Então, assim, essa imagem do Japão é. Eu acho que o tinha, eu acho que é uma imagem talvez desatualizada um pouco. Cheguei lá, não. É, é bem diferente do que do que quer dizer. Não tinha uma expectativa, não tinha uma coisa clara.

Então, lá na Bahia ela é, eu tinha assim mais ou menos 2 grupos assim de convívio, né? Um era é as crianças da rua, do dia a dia da escola. E o outro é da da comunidade nipo brasileira. Né então? Pensando hoje, Eu acho que é a década de 80. Não tinha internet também, Então, talvez a imagem que tinha que tinha do Japão. Talvez fosse um pouco defasada assim, sabe? É, eu vejo um pouco isso, Acho que isso é mais ou menos isso. A minha maneira de ver um como é que eu vou dizer, não é? É o que eu posso dizer que Acho que era é. Acho que não era, não, não batia. Acho que era defasada em relação a como o Japão é, né? Isso?

E aí? Como que foi a sua chegada no Japão? É você? Tipo, você falou que você foi com a agência e tal, mas tinha mais alguém que você conhecia lá que você já tipo, você falou, Ah, eu vou para o Japão, você me ajuda no começo, alguma coisa assim ou você foi meio que a sorte?

Eu fui com meu irmão. Ele já tinha ficado um. Uns 3 anos lá a gente foi junto, a gente foi junto. E a gente foi para 1 fábrica. Que já tinha uns amigos dele que são da Bahia também. Então nesse bem, nesse começo, eles ajudaram bastante a gente, sabe? Então assim, não tive tanta dificuldade assim de de adaptação, não é?

Aí você falou que você já conhecia um pessoal, né? Que era amigo do seu irmão. Mas e o pessoal de lá que não, você não conhecia, você acha? Você se sentiu muito deslocado das outras pessoas? Você se sentiu meio excluído da sociedade japonesa?

Olha, é a primeira impressão que parece até uma coisa óbvio. Óbvio, né? Meio absurda falar. Mas assim, você chegar num país que só tem japonês é estranho, né? É eu mesmo sabendo disso. É muito estranho. Eu não, não era. Não sei se a palavra excluído, mas é que quando a gente é de kassegi. E eu estava muito no interior, né? Então a gente saía do apartamento, é de ir para a fábrica, trabalhava nos turnos, malucos assim. Então eu não diria excluído, mas a gente tinha. Como se a gente vivesse em um gueto assim, sabe? A gente não está vivendo o dia a dia da cidade assim. É, vive em outros tempos que trabalhava à noite às vezes de dia, virava turno assim. Então não diria excluído. No começo eu não sentia isso, né? É?

Se achou que tipo? É a sociedade que o pessoal fala que japonês é muito frio e você sentiu isso? Que ver? Tipo, vindo dos japoneses, você achou que eles, tipo, te enxergavam diferente, muito diferente por você ser brasileiro, mesmo você sendo descendente?

Olha, eu não senti. Eu sei que a maioria sente. Eu não senti. O que me ajudou. Muito é essa é a fluência no japonês, né? Então. Só que assim é a conversa, que eles conhecem, tinha muita curiosidade. É, por exemplo, se era mestiço. Eles não não conseguiam entender que eu que eu não sou mestiço, mas eu tenho outra nacionalidade, por exemplo, né? E curiosidade sobre o Brasil, então, é, eles não têm informação nenhuma sobre o Brasil, né? É, é mais ou menos isso.

E você falou que trabalhava umas jornadas meio malucas e tal, o trabalho que você fazia era. Que tipo de trabalho que era, se achava que ele era muito pesado, se sentia? Que tipo você só estava vivendo para trabalhar lá?

Sim. Era um trabalho em linha, em uma linha de montagem. Você ficava em pé 12 horas. Tinha uns intervalos muito curtos, de 10 minutos, almoço de meia hora mais ou menos. Eram turnos assim, 4 dias trabalhando de dia, das 8 às 8 ou da noite à, 2 dias de folga. Depois virava o turno. Eram 4 dias, trabalhando das 8 da noite até às 8 da manhã. Então assim em um ano eu emagreci 10 kg. Me senti assim: só não tinha uma máquina ali, um robô porque não existia esse robô. Então é como se eu me senti assim. Bom, eu devo ser. Acho que. Acho que eu eu custo mais, custo menos para uma fábrica. Do que um robô. Eu só estou cumprindo uma função que o robô não não consegue fazer ou não, ou é muito caro. É só isso assim. É uma peça mesmo, uma máquina é uma peça.

E, tipo, você acha que o dinheiro valia a pena?

Olha da situação que eu saí, aqui do Brasil. Estou. Falando de? É começo da década de 2000. Então assim é. Eu fui no começo de 2003. Num curto prazo, sim, porque eu consegui pagar minhas dívidas, eu consegui pagar minhas contas, e sobrava um pouco de dinheiro ainda, né? Então é num primeiro momento, sim. Apesar do trabalho, né?

E. Isso te dava alguma perspectiva de futuro lá? Se sentia que você ia conseguir construir uma vida lá no Japão com esse trabalho?

Hum, eu não, não, não tinha ideia ainda no começo essa de uma perspectiva de vida, mas o que mudou é é você ter uma condição financeira estável. Então me deu, digamos assim, um. Como vou dizer?. É um impulso assim. Abre um pouco a cabeça para novas ideias assim, sabe? Não é? Então, no meu caso, eu já queria fazer cerâmica, por exemplo. Eu queria aprender mais sobre a cultura japonesa, então tendo condição um. Pouco mais de condição financeira. Isso para mim foi bom. Em um primeiro momento, sim.

E como que era um pouco da sua rotina? Tipo, que horas você acordava, que horas que você chegava em casa?

Oi. Esse esse turno que eu falei anteriormente é é do primeiro dos primeiros 2 anos, é 1 ano e meio, né, que depois mudou, tá? Nós falamos desse começo. Eu acordava 7 horas, não é? Então às 7:30 passava. Um microônibus para pegar a gente e leva a fábrica que era afastada da cidade. Você já entrava e começava a trabalhar às 8. Então, quando você volta, você só quer comer, tomar banho e dormir, você não tem energia para fazer outra coisa assim, sabe? É principalmente quando é um turno, é noturno, a gente até ia jogar bola, passear um pouco, mas é muito desgastante que você não consegue descansar, né? Então assim é nas folgas, é. Você não tem energia para muita coisa. Você basicamente. Faz um churrasco, vai

passar um pouco, vai comer fora alguma coisa assim? É, não tem. Não tem mais energia, não é?

Se acha que isso tipo te afetou muito mentalmente, você se sentia feliz ou você se sentia que estava é um pouco deprimido, alguma coisa assim.

Olha, para mim, um. Eu senti, não, não a palavra não, não é deprimido, mas eu vi que é. É uma situação que num primeiro momento foi bom, né, ter pagado algumas dívidas, né? Ter tiro da cabeça essa questão financeira. Mas eu vi que era um ritmo de vida que eu achei que não aguentaria muito tempo, né? Não, não é assim. Uma pessoa não é razoável você ter ficado nesse ritmo maluco de. É, você gasta toda a sua energia no trabalho, não é? E não tem mais energia para fazer mais nada assim, sabe?

É como que foi para você, tipo, se eu tinha falado antes que a visão? A visão que você tinha meio que do Japão era uma visão meio antiga, né? E como que foi vivenciar isso de verdade? Quando você foi para o Japão, era muito, muito, muito diferente. Tipo a cultura da japonesa, do pessoal do Brasil, da cultura japonesa, do pessoal do Japão.

Sim, eu senti um impacto foi grande. Eu fui criado, acho que minha geração, né, principalmente que são segunda geração. Né? Acho que a gente eu tinha criado com hábitos muito tradicionais assim, né? E quando eu cheguei no Japão. Eu vejo um país assim, hiper consumista, super consumista. É como a infraestrutura assim. Muito avançada. Mas não só isso. É tudo. É muito. Está tudo muito pronto, sabe tudo muito. Você tem ferramentas para tudo, você tem ar-condicionado em todos os lugares, né? Então acho que eu senti esse impacto assim, sabe?

Então, quando eu chego no Japão, é. É um Japão muito diferente do que quer dizer. Não tinha uma imagem Clara. Mas a minha geração foi criada assim, com hábitos, acho que mais tradicionais assim, né? Então. Eu chego no Japão, um país assim, muito consumista, muito ocidentalizado, É muito tecnológico, né, em grande parte. Né? É, mas o que me chamou atenção assim, uma infraestrutura é, tudo funciona. Mas assim é como se quase que você não dependesse mais das pessoas, sabe? Toda a esquina tem uma loja de conveniência que você paga as contas, você saca dinheiro, você faz, compra comida. Então. É muito, não dá muito, assim como fala. Não sei se a palavra é fácil de viver, mas muita comodidade é que é diferente das histórias que eu ouvia. É, meus avós passaram por guerras, né? Então. Então acho que eu não não vi. Não vi isso no Japão, né? Então eu acho que talvez o se. meus avós, se fossem para o Japão na época que eu fui eles ficariam espantados assim com a diferença, né? Apesar de a gente. É estudando saber que teve um crescimento econômico rápido, mas mesmo assim foi bem impactante para mim.

Se acha que é um país que ficou muito tipo solitário porque você falou que tem muito, é. Tem muita coisa de fácil acesso que talvez não precise de uma pessoa como mediador. Você acha que isso deixa tudo muito meio? Com pouca convivência entre as pessoas.

É, sim, eu acho que quer dizer não, por. Mas por relatos, não é das pessoas mais velhas, não é mais idosas, é? Essa comodidade é. Acho que diminuiu assim. Essa essa relação é comunitária, né? Que tinha antigamente, né? Então vamos voltar. Vamos voltar, sei lá. Meio século para trás, por exemplo, não é normal. Você por exemplo. Pescar, né? E como não tinha como acondicionar isso aí você dividia, né? Entre os os vizinhos, né? As colheitas, tudo assim, né? Então, hoje. Como está tudo muito fácil.

É. Se você tiver dinheiro, você praticamente não precisa sair do seu apartamento assim, sabe? Então, você tendo acesso à internet, você pede comida. Você não precisa ter contato

com as pessoas. Mas você vai na loja conveniência, que é uma coisa totalmente é. Impessoal, né? Né? Você não tem uma relação. Antigamente, eu acho que antigamente tinha, vendia, né? Então acho que não era diferente, que nem o Brasil, né? São Paulo a gente vê. Isso, né, é. O os colegas de trabalho também. Eu trabalhei em fábrica. Mas acho que não é só fábrica. Eu convivi com várias pessoas de vários setores assim. É, eu sinto que eles têm poucos amigos. Não tem uma vida social muito assim ativa que nem a gente tem, pelo menos no Brasil. É acaba, vi muita gente. Com problema de depressão, né? Tomando remédio. Eles bebem muito, sim, eles bebem. É jogam muito, né? Jogos de é. É tipo um caça níquel, não é que tem no Japão, que chama pachinko, muita gente joga, se passam as folga, os feriados. Assim jogando, né? Então acho que talvez seja um reflexo disso assim, uma. Que as pessoas são solitárias. A talvez atomizadas, né? Não sei se. É, acho que é mais ou menos isso. Eu senti isso sim.

É, você conheceu a Adriana lá no Japão ou no Brasil?

Não. Adriana foi minha amiga de faculdade, né? Então eu já conhecia. A gente retomou Ao contato uns 10 anos depois, vai da faculdade.

É. Você acha que você conseguiu atingir todos seus objetivos que você tinha quando você idealizou pela primeira vez ir para o Japão? Você acha que no final de tudo é. Valeu a pena?

Sim. Acho que eu eu comecei. Eu tinha tomado a decisão que não era por dinheiro. Não é que não ia juntar dinheiro. Que eu acho que o objetivo do dekasegi, né? Em grande parte isso, né? Juntar dinheiro para voltar para comprar uma casa, uma coisa não foi com esse objetivo. É, eu já decidi que eu ficaria apenas 10 anos para além de aprender cerâmica. É me aprofundar na cultura japonesa. É, então paguei meus dias. Eu consegui isso. Eu aprendi cerâmica, me aprofundei na cultura. Então para mim valeu a pena como experiência de vida assim.

Você. E você acha que essa sua experiência, Ela Foi mais tipo? É uma coisa mais única. Ou você acha que para a maioria das pessoas também dá tudo certo? As pessoas conseguem fazer as coisas que elas pensaram no começo, como que você imagina que é para os outros dekasegis?

Eu acho que eu tive muita sorte, muita sorte mesmo. É. Por 2 motivos. Uma que eu já era fluente em japonês. Então isso pelo menos já na minha geração já é um pouco difícil. Está. Isso é graças a educação. É mais rígida, sei lá, sistemática dos meus pais, meus avós, né? Isso é um ponto e o outro ponto é que, como eu não fui com o objetivo de único exclusivamente do dinheiro, né? Juntar dinheiro, né? Então eu queria absorver. Absorver mais a cultura, né? Então, acho que nesse sentido, acho que sim, tive uma experiência, acho que diferente do que talvez a maioria, do que a média. Eu. Eu convivia mais com japoneses que brasileiros. Eu vejo que. Não sei se essa palavra é adequada, mas talvez. É quase que. Parece que para no tempo assim, sabe? As pessoas ficam muito no trabalho que a. Que é muito desgastante, aí depois acaba consumindo, só consumindo. Então eu vou conhecer muita gente que estava com 15, 20 anos do Japão e não tinha. É o meu nível, né? De fluência em japonês, por exemplo, né? Então eu acho que sim. Eu tive muita sorte, acho que minha experiência. Eu acho que não é muito comum.

É em algum momento que você estava lá no Japão? Tipo, você pensou em desistir? Você pensou em tipo, Ah, essa vida não, não está valendo a pena. Ou tipo, Ah, eu estou com saudade de casa, está muito difícil. E você pensou em voltar?

Sim. Olha, primeiro, se passou para minha cabeça, foi no primeiro dia de trabalho. Aqui eu trabalhava no escritório, não é? De repente eu estou dentro de uma fábrica fechada, usando máscara assim, parecendo um ninja assim, só com os olhos para fora. E eu comecei a me sentir sufocado, achei que eu não conseguia respirar. O pessoal em volta dando risada assim, eu falei, não, eu, eu quero ir embora. Né? É a minha primeira experiência assim. Foi isso que vontade, assim foi meu. Não, isso não é vida, eu vou embora. Isso foi a primeira experiência, né? Em outros momentos é, não senti tanto, esse desespero. Mas o que eu posso dizer que eu não conseguia me ver é até me aposentar, sei lá, até meus 60, 70 anos trabalhando em uma fábrica, naquele ritmo, né, maluco? Isso não, né?

E, tipo, sua família aqui no Brasil te ajudava de alguma forma lá ou você de lá ajudava ele de alguma forma aqui?

Sim, é. Eu acho que num num primeiro momento eu ajudei minha família aqui, não é? É. Mas assim na ajuda é mais assim de ligar, de conversar. É uma decisão que a gente toma também. Eu acho que é importante, não sei se. Se alguém tem interesse, pensa em ir para o Japão, tomar, ter muita clareza do que quer, é uma outra vida, está outro país, uma outra sociedade. Então, assim, não dá para ficar com um pé ali, outro aqui, Então eu tomei a decisão de de ir de vez. Então, É meio que, por exemplo, eu tenho que me virar. Né, achei um pouco isso.

E você ir para o Japão, você acha que afetou a sua relação com a sua família? Porque, por exemplo, o outro entrevistado que a gente vai ter semana que vem? Que eu tinha comentado. Lembra aquele diretor do filme que os pais dele foram para o Japão e ficaram um tempão lá e depois que voltou? Foi muito estranho essa essa convivência com alguém que você não viveu a sua vida em uma boa parte da sua vida, mas que no final é tipo, é sangue de seu sangue, sabes? É seu pai, sua mãe, sua família. Você acha que de alguma forma isso mudou para você?

Não. No meu caso, não, porque eu fui com 29. Para mim, 28 para 29 anos não é, então? Já era adulto? É eu. No meu caso, eu acho que a tendência eu tenho sorte assim foi o contrário. Eu saí de casa com 15 anos, né? Assim pra estudar fora, né? Vir para São Paulo, tudo. Então eu sou mais velho de, Irmãos, Então é. Eu, eu me reproximei dos meus irmãos. Quer dizer, reproximei não. Eu comecei a conviver melhor com meus irmãos, né? E comecei a conversar mais com meus pais. Então, no meu caso, acho que foi o contrário. Mais aproximou.

E você acha que eles te na época que você conversou com ele sobre ir pro Japão, você acha que eles te julgaram muito?

Não, não, não, não. Pelo menos meus pais nunca. Eles nunca. É como que eu falo assim, nunca exigiram de mim, né? É que eu fizesse isso ou aquilo, né? Não, não, né. E também eu acho que pra mas assim, não exatamente pelos meus pais. Mas eu vi muitas críticas, posso dizer que sei lá. De 8 em cada 10 pessoas. É, me criticaram quando eu fui pro Japão, falando assim: Você nessa idade? Eu com 28 anos, falei, nessa idade você vai começar tudo do zero. Lá no Japão que foi a mesma coisa que eu ouvi que quando eu estava com 41, mais ou menos quando eu resolvi, 40, 41, quando eu resolvi voltar para o Brasil. A mesma coisa aconteceu no Japão. As pessoas falam, bom, mas agora você se acostumou. Está está indo bem. Você vai começar do zero no Brasil. Então não foi. Não foi dos meus pais, mas as pessoas em volta assim foi.

E no final, por que que você decidiu voltar pro Brasil e tipo é, você voltaria pro Japão de novo? Hum, como que seria?

Olha, questão de voltar é? Eu já tinha tomado uma decisão lá mais ou –2014 de de parar de trabalhar em fábrica e começar a me dedicar cerâmica mesmo. E como é uma mudança mais radical, assim, poderia ser em qualquer lugar do mundo, na verdade. Poder ter sido no Japão, no Brasil, em qualquer lugar do mundo. Eu só queria fazer cerâmica. E aí, quando é, eu e Adriana decidi de se casar. Que se reencontrou depois de anos, então, para mim, a decisão foi muito simples, porque era muito mais como eu poderia ir para qualquer lugar. Era muito mais fácil voltar para o Brasil e eu me readaptar país onde eu nasci do que ela ir pro Japão e ter que aprender uma nova língua, fazer novas relações, né? Então. Mas eu não voltaria a morar no Japão. Né? Eu sinto saudade de alguns amigos, de comida. De repente, né? Eu iria para passear, né? Espero ir, para passear, mas para morar, não. Quer dizer, é. Em nenhum momento no Japão eu me vi, é. Até o final da vida no Japão nunca, nunca me passou isso para minha cabeça. É isso que eu posso dizer. Eu me sinto muito melhor no Brasil. No Japão existe uma tensão, tensão no sentido. De você tentar seguir as, cultura local, as regras. Então, acho que quando eu voltei para o Brasil, eu me senti mais relaxado assim. Eu falei, não, aqui eu posso me expressar. Sei o que eu realmente sou. É mais ou menos isso, não é?

A última pergunta é a seguinte, é, como que você hoje? Enxerga toda essa experiência de viver mais de 15 anos lá no Japão? E se você pudesse voltar no tempo, você seria um dekasegi de novo, você iria fazer tudo isso de novo? Pensando em tudo o que você viveu?

Olha a minha experiência assim, como eu saí do Brasil aqui no Brasil, na naquele momento, né, quando eu fui, eu não tinha nenhuma perspectiva, né? Tal problemas financeiros, et cetera, então, para mim foi uma experiência muito boa. Lá, eu, Eu eu consegui é concretizar umas coisas, uma, né? Aprender cerâmica, que hoje é com que eu trabalho, né? Agora, se eu pudesse voltar atrás, eu acho. Talvez eu não ficasse tanto tempo, eu fiquei quase 14 anos. Talvez eu podia ter encurtado um pouco se eu tivesse um pouco mais claro. É tomado decisão um pouco mais cedo em assumir. Assumi a. Quer dizer, virar ceramista, que ao propósito. Então acho que teve um momento, eu não sei quanto tempo é, até porque eu eu tinha um cargo assim, relativamente, que eu ganhava bem e tudo. Então isso. Eu acho que se esticou um pouco, um pouco mais do que deveria. Talvez é. Acho que seria isso assim. Mas eu não. Não me arrependo não, né? A experiência foi boa, né?

E aí, a última pergunta. É o que que você como você enxerga pessoas que. Que tem a mesma, a mesma decisão, sabe? Como que você enxerga outros dekasegi? E se você teria tipo algo a dizer para futuras gerações que gostariam de fazer isso também.

Sim, eu acho que não é só. Não é só para o Japão, mas talvez, talvez para outros países, mas eu só posso fazer minha experiência. Eu acho. Se é, é uma experiência interessante. Não é em um outro país, não é, é um outro contexto. Se for para o Japão. Primeira coisa que minha recomendação é essa: estude muito japonês, assim, o máximo que puder, se puder ficar fluente, puder ler e escrever, seria o melhor. Porque o é o nível de a, de de assimilação, assim, de cultura muda, de relacionamento também você é tratado de forma diferente, você consegue resolver seus problemas sem depender das pessoas. Isso é um ponto, né? Então estudar muito é a língua, né? E lá não, não adianta você saber inglês está é, tem que ser em japonês mesmo.

Então, primeira coisa, é a língua, não é uma língua muito fácil, é muito diferente

gramaticalmente da nossa. Esse é um ponto a outra. Como dekasegi a gente trabalha em fábrica. Somos operários. Então tem que entender que é, é. A gente está assim num num, na base assim, né? É um trabalho braçal, não depende de de formação, né? Tá, basicamente é o corpo, é o corpo. Sua, sua mão mexe, você trabalha. É é um desgaste físico grande está. Então é. Tem que tomar muito cuidado, porque nesse ritmo que eu tava falando, porque o desgaste físico é grande, você não tem energia para outras coisas, é um pouco difícil, tá? Então tem que ir com objetivo muito claro, né? E, se possível, com um prazo de estadia muito claro. Senão você, quando você perceber, já vai ter passado 10, 20 anos, né? E o seu corpo já não vai ser o mesmo. Minha preocupação, se eu fosse dar um conselho assim, meu medo que a pessoa, um jovem de anos, de 18 anos, vá quando ele piscar, ele já vai ter 50 anos, né? Já vai estar o corpo já não é o mesmo ele já ele vai ter. Não. Não sei se essa palavra é adequada, tá? Talvez. É estagnado assim mentalmente, ó, então como se a idade mental parasse, só o corpo envelhecesse. Então o Brasil mudou nesses 20 anos, muda, né? E lá não não assimilando a cultura, não absorvendo, não aprimorando a língua, ele também vai ficar um pouco a como se fosse num gueto assim, só sabe. Então acho que tem que tomar muito cuidado, mas como a experiência é bom, eu. Se fosse assim, lá eu quero ir uma experiência de vida. Põe um prazo de 2, 3 anos. Ponto. Põe, que é um. É um tempo que ainda. Consegue recuperar. Quer dizer, tudo dá, não é mais assim, enfim, mas não vai assim muito. Sendo um prazo muito claro assim, sabe? Seria uma. É o que eu vi muito isso. Está. Eu vi muito isso lá e eu não sei que fim que vai ter.

Apêndice 13 - Transcrição da entrevista (Cristiane)

Apresentação

Meu nome é Cristiane. Eu sou descendente de japoneses, meus avós vieram para o Brasil, acho que, se não me engano, quando eles eram jovens ainda, né? Na fase, na faixa dos 20 e poucos anos. Então meu pai e minha mãe nasceram no Brasil e aí a gente teve toda essa convivência, né? É misturada da cultura brasileira e da cultura japonesa. Então, em casa, as tias misturavam português com japonês. Meu avô falava algumas palavras em português. Só que na verdade eu não conheci meus avós do lado materno, que quando eu nasci, eles já tinham falecido. E a minha avó, também do lado paterno, já havia falecido. Então fui aí, só convivi mesmo com o meu avô, meu ojichan. E aí com ele era meio que por gestos, algumas palavras que ele falava em japonês, que a gente entendia, né? Então foi por aí que desse lado da cultura japonesa que a gente foi adquirido na convivência com a família mesmo, né, no dia a dia.

Audiodescrição

Estou usando uma roupa meio bege, né? Eu tenho cabelo na altura dos ombros, cabelo castanho, que na verdade é um castanho pintado, por causa da idade. Eu tenho 54 anos, então já tem alguns cabelos brancos, mas eu prefiro pintar. E que mais, meus olhos né, são asiáticos, olhos puxados. Eu gosto de usar maquiagem, então eu estou com uma maquiagem leve, mas eu estou com batom forte, lápis nos olhos. Aí eu acho que é isso. Ah, o fundo aqui tem um quadro, um quadro de uma planta. A parede de tijolinho à vista e tem algumas plantas aqui.

1. Quais são as suas primeiras memórias de pessoas japonesas na televisão, no cinema, no jornal, aqui no Brasil?

Então, de televisão, eu estava até conversando com a minha mãe, né sobre isso. Eu achei.

Eu falei assim, deixa eu, eu falei, eu lembro que tinha algum programa em japonês, daí eu fui pesquisar. Eu falei, ah, nos anos 80 era o Japan Pop Show. Aí eu fui assistir no vídeo, e na verdade, não era porque aquilo lá era um programa de calouro. Daí eu pesquisei nos anos 70 e aí tinha um programa chamado imagens do Japão. Aí eu vi a fotografia da apresentadora, que é a Rosa Miyaki. É isso mesmo, Rosa Miyaki? Ela... aí, eu falei “ah, era essa!”, porque eu lembro que eu assistia e falava assim “nossa, que mulher bonita, fala bem, né?”. Então foi essa minha memória de infância, assim do audiovisual, né? E depois, mais tarde. Eu lembro que, mas eu já era adulta também teve uma série chamada é... “Sandy e Júnior”, aí tinha uma atriz assim, né, asiática, que é a Danni Suzuki, que tinha um papel legal também. Então, assim, as que eu lembro que eu gostava eram de pessoas que, né? Tinha a questão da dos traços asiáticos, mas que não tinha o sotaque. Eu posso falar dessa questão do sotaque? Então, quando eu era criança, eu lembro que eu poderia ter estudado japonês, mesmo porque eu tinha família, todo mundo falava japonês e coisa e tal. Mas me incomodava essa questão do sotaque, porque eu lembro que as crianças que tinham sotaque dentro da escola, é... era muito assim, o pessoal tirava muito sarro, né? Hoje em dia a gente fala bullying, né? Mas assim, o pessoal zoava muito de quem tinha sotaque, então eu me cuidava muito para não ter o sotaque. E aí quando eu tive a oportunidade de estudar uma outra língua, eu escolhi o inglês ao invés de escolher japonês. Mas hoje em dia eu vejo a importância de saber japonês, então eu ando estudando um pouquinho, mas nossa... tem que estudar bastante. Tem que estudar bastante ainda para chegar a entender, a me comunicar bem. Mas hoje em dia é diferente. Eu tenho outra imagem de quando eu era criança. Da importância da língua, de aprender a língua japonesa.

2. Eu queria que então você falasse agora pra câmera, quais foram as primeiras pessoas amarelas que tiveram destaque aí no Brasil? Que você falou da Danni Suzuki, Sabrina Sato, enfim, todas que você mencionou.

Ah. Então é, daí eu lembro assim, que essa de criança, né? Que a Rosa Miyaki que eu nem sabia o nome, que eu fui pesquisar agora. Mas aí depois que eu cresci apareceu a Danni Suzuki nessa série. Depois eu lembro da... Carol Nakamura como bailarina do Faustão e né, nos últimos tempos a Sabrina Sato como referência assim dessa parte feminina, eu acho que a masculina aí agora é nos últimos tempos, né? A questão dos meninos aí do K-pop, que é mais coreano, né? Não é japonês, tudo, mas que eu acho que deu um destaque aí, né, para os meninos. Pra serem vistos também como padrão de beleza, que antigamente o asiático não era visto como, quer dizer, padrão de beleza, né? Antigamente para as mulheres, eram as loiras, né? Então é para você se destacar, geralmente eram mais as pessoas de pele clara e loiras né? Acho que elas se destacavam mais. Aí agora não, agora as coisas estão mudando globalmente. Eu acho que grande parte disso agora para o lado masculino são os k-pops, né? E os doramas.

3. E você sente que quando você era mais nova, você sentia que não se encaixava aí com esse padrão de beleza e com essas pessoas na televisão, elas te ajudaram a se enxergar mais ou não?

Então, na verdade, não, porque elas são mais novas que eu, né? Acho que eu mesma tive que trabalhar com minha autoestima. Assim, mais uma vantagem que a gente tinha por ser descendente de japoneses, é que os japoneses sempre foram vistos como inteligentes, né? Então o pessoal sempre respeitou bastante esse lado nosso aí dos estudos, né? Então teve esse lado de respeito. A gente foi trabalhando em cima disso. Mas a questão mesmo da parte física, tudo, né? Eu acho que não foi tanto por influência da televisão, porque, acho que quando era criança, também tinham os estereótipos. Às vezes o japonês quando

aparecia na televisão, aí falavam com um sotaque, né? Meio caricato, como se fosse uma caricatura, né? Então tinha essas questões aí, mas é, a gente vai criando essa imagem, porque hoje é em dia eu vejo que é diferente, né? Às vezes as pessoas falam assim "ah, eu gosto de ser oriental. É legal, né?" É, acho que por aí.

4. E hoje em dia você vê pessoas amarelas na televisão e você acha que essa representatividade está melhorando em, tanto em quantidade quanto em qualidade, ou você acha que ainda tem muito a mudar assim?

Ah, eu vejo que agora está um pouco mais equilibrado, né? Você vê jornalistas, vários jornalistas, né? São descendentes de japoneses, descendentes de coreanos, chineses. Acho que está um pouco mais equilibrado, talvez nem tanto, né? Não sei. É porque agora a gente está em São Paulo. Então em São Paulo você tem bastante, né? Não sei em outros lugares, que já teve lugares que eu cheguei assim, é, por exemplo, é você chega lá... Uma vez eu fui numa praia lá no sul, em Santa Catarina, até fotografia o menininho quis tirar comigo porque a mãe disse que ele nunca tinha visto, né? Uma asiática, tudo, ele veio, deu uma estrelinha do mar, tudo. Então não era muito comum. E meu filho também, quando nasceu em Goiânia, é, eu lembro que as crianças diziam "ai, deixa eu ver? eu nunca vi um bebezinho oriental!" Então o pessoal vinha com uma certa curiosidade. Então, mas por estar em São Paulo, acho que em São Paulo, a colônia japonesa, a colônia asiática já é maior. E eu também sou do Paraná. Então também no Paraná é mais comum, né, mas talvez em algumas regiões do Brasil ainda não... as pessoas não tenham tanto acesso, né? Assim, a ver, né? O asiático.

Certo. A bem da verdade, eu também já passei por essas, as pessoas pararem para tirar foto já passei por isso.

Então ainda acontece, né? Hoje em dia isso.

Acontece.

Queria te perguntar, agora já vou fugir um pouco das perguntas que acho que você respondeu tudo o que eu queria, mas já que estamos aqui, queria te perguntar se

5. Você tem interesse em ir atrás de produções japonesas, produções coreanas, doramas, filmes, séries, animes, se você tem interesse em ir atrás ou se você não acha relevante assim pra sua vida?

Então, na verdade, já tem bastante interesse, porque assim, é, através dos doramas, que eu sou... Eu gosto muito de assistir dorama, né? Não falo, não vou dizer que eu sou viciada, mas eu adoro. Mas eu consegui entender um pouquinho do meu jeito, porque eu achava que você era assim, "por que que eu sou desse Jeito, né? Super responsável..." É aquela coisa de mostrar que eu estou trabalhando. Essas questões aí que eu percebi que é muito da cultura asiática, né? E aí através desses dramas eu consegui me entender um pouquinho melhor. Acho que as pessoas também, né? Quem é descendente, talvez possa se encontrar, não em todos (os doramas), que são temas diferentes, né? Mas os que eu assisto, que são mais pra adultos, fazem com que eu entenda isso. E também eu gosto de, às vezes eu assisto anime. Porque como eu estou tentando aprender um pouquinho mais de japonês, ajuda bastante. E vários assim, alunos meus assim, vários não, alguns alunos né? Eles indicam filmes japoneses. Aí teve um que não é um filme japonês, mas é de um casal que na verdade, a esposa, né? Gosta muito da cultura japonesa. E ela acaba falecendo, mas o marido vai realizar um sonho dela, que é de conhecer o Monte Fuji, né? É o nome do filme é "Cerejeiras em Flores". E eu quero assistir também "Dias Perfeitos", que eu já ouvi falar bem. Tem a série, também uma série japonesa. Acho que é um dorama, né? "Wife Escapist", que é "Esposa Por Contrato" (Esposa em Tempo Integral), alguma coisa assim

em português. Então eu sempre procuro assistir alguma coisa que vem de lá de fora, lá da Ásia para aprender, porque também tem bons exemplos, né? Toda a cultura tem o seu lado bom, seu lado ruim, mas tem muita coisa legal para se aproveitar. Então eu gosto.

6. E você acha que é fácil achar esse tipo de conteúdo? Ou você tem que cavocar muito, só está disponível em uma plataforma tal ou está na Netflix em vários lugares. Esse tipo de filmes e séries da Ásia, você acha que é fácil de encontrar ou que é mais difícil?

Então, esses “Dias Perfeitos” eu ainda não tive acesso, né? Mas eu vou ver se assisto porque parece que está no cinema, né? E eu vou ver se eu consigo assistir ou esperar né? Na hora que passar no streaming mas popular, tipo Netflix, Netflix tem um monte de dorama né? Um monte de série. E então eu acho que é o que eu assisto, né? A Netflix, e tem outros, né? Streamings que a gente fala né? Tem outros streamings também, que eu não conheço muito, mas que tem outros filmes que eu acho que estão por aí, né? Dá para assistir. YouTube de vez em quando, você acha alguma coisa. E é por aí, aplicativos para aprender a falar a língua. Mas em termos de filmes mesmo, eu acho bastante da Netflix. É onde eu assisto. Nossa, fiz propaganda da Netflix, né? Acontece.

7. Não sei se ficou sabendo, mas eles estão com uma proposta de levar doramas para as TVs, né? De passar os doramas nas TVs abertas mesmo, na Globo tal. E aí, queria saber, o que que você acha de trazer esses conteúdos para a TV aberta, que é a TV que principalmente, né, que os brasileiros assistem. Que que você acha de trazer esses conteúdos para TV brasileira?

Ah, eu acho bem interessante, principalmente aqueles que envolvem a questão de respeito, né? De princípios de dedicação, merecimento, né? Porque, pelo menos nos doramas que eu já assisti, eles prezam muito essa questão mesmo da disciplina, da dedicação que vai para um lado, um pouquinho que se perdeu, eu acho que aqui no Brasil, né? Não sei se é só no Brasil ou se é das novas gerações. Mas essa questão de você falar “nossa, eu estou indo pelo caminho certo, né? Eu estou conquistando as coisas porque eu me dediquei, porque eu me empenhei”, isso eles trazem muito, né? A questão do respeito pelas pessoas mais velhas, respeito pelas leis, né? Então tudo isso eu acho que é uma boa influência, uma boa influência, né?

8. Aí eu vou completar então agora com uma pergunta, o que que você acha das pessoas que não são amarelas, pessoas do Brasil que não são nem descendente. Japoneses, chinês, coreanos. O que que você acha dessas pessoas que gostam bastante dos doramas, consomem assistem animes também, séries também. Que que você acha sobre isso?

Eu acho muito legal, né? Porque é muito bom, porque da mesma forma que a gente aprende, né? Com o Brasil, nós somos brasileiros né, mas aqui com o Brasil, com as culturas europeias, da mesma forma que nós aprendemos. Então eu acho que pessoas que não são descendentes, né? De asiáticos também podem incorporar as coisas boas. Então tudo o que é bom você pode incorporar. Seja de qual lugar, né? Que venha que seja da África, que seja da Europa, que seja da Ásia, que seja do Oriente médio, o que é bom, eu acho que a gente tem que pegar e aplicar no dia a dia, né? E é legal isso que daí quando você conhece melhor uma cultura, você acaba respeitando, né? aí você fala assim “ah”, aí acaba com aqueles estereótipos, né? A brasileiro é assim, japonês é daquele jeito, italiano é daquele outro jeito, não. No fundo, na essência, todo mundo é ser humano, né? Então.

9. É, eu ia acabar aqui, mas eu vou meter mais perguntas porque, enfim, acho que está sendo muito proveitoso, né? Esse material. Queria saber quais estereótipos que as pessoas jogam em cima, né? De nós, japoneses, que mais te incomoda assim?

O que mais me incomoda de estereótipo... É que do... eu acho que do japonês, na verdade é bem positivo, né? Ah, que nós descendentes de japoneses, que japoneses são inteligentes, que os japoneses são dedicados, trabalhadores, então isso não me incomoda. Talvez, quer dizer, não me incomoda, mas talvez isso fique um pouquinho pesado, né? Porque quando você não atende a sua expectativa, né? Aí todo mundo fica "nossa, é, não sabia que você era assim. Ah, não sabia que você era divertido" Também acham que a gente tem que ser sério, né? E que a gente não pode ser divertido, e que também, que a gente pode falhar, né? Não tem que ser perfeito. Que todo mundo às vezes fica esperando a perfeição. Então talvez isso me incomode um pouquinho, né? A questão da perfeição.

10. Certo. Acho que vou ficar por aqui, a gente teve uma conversa bem bacana, gostei bastante. É, vou deixar então aberto para você falar mais alguma coisa se você quiser, qualquer coisa que você tenha vontade, e se despedir também da Câmera.

É? Legal. Bom, eu acho que esse trabalho de vocês aí é bem interessante. Vai fazer com que nós possamos ver vários pontos de vista, né? Porque pelo que você me falou, é, são pessoas de gerações diferentes. E é interessante ver essa vivência, porque nem sempre aquilo que eu acredito, né? Aquilo que eu vivenciei, vai ser aquilo que uma outra pessoa tenha vivenciado. Então, acho que vai ser bem proveitoso. Estou ansiosa para assistir o que o pessoal anda falando... E agradeço pela oportunidade de estar aqui participando, né? Colocando um pouquinho do que eu, é, vivenciei, do que eu vivencio, né, mas é isso, isso é, acho que é um pouquinho do de ser Nipo brasileira, né? Então passando um pouquinho das minhas experiências aqui, então eu agradeço bastante, obrigada.

Apêndice 14 - Transcrição da entrevista (Marcos Yoshi)

Apresentação e Audiodescrição

Meu nome, é Marcos Yoshi. Eu sou cineasta, eu estou sentado aqui num sofá branco com um fundo branco. Eu tenho cabelos longos, sou descendente. Os meus cabelos são longos, mas eles estão presos num coque. Eu sou descendente de japonês de terceira geração, sensei. E estou vestindo uma camiseta verde clara.

A primeira pergunta para você é, o que que você entende como dekasegi, o que que é?

Aham. Ah, bom, eu fiz um filme sobre o fenômeno dekasegi, né? Dentro da minha própria família, e também fiz. Ali uma pesquisa de mestrado que está que é a respeito um pouco do meu filme também, então eu, vamos dizer assim, conheço sobre essas 2 perspectivas, uma acadêmica e outra da vida mesmo, enfim, da minha história familiar. Então. Eu acho que para a minha dekasegi. Ele é aquela pessoa que é descendente de Japoneses ou uma pessoa que não necessariamente é descendente de japoneses, mas é casada, é um cônjuge do descendente. Que em algum momento da vida acharam que ir trabalhar no Japão seria uma solução para dificuldades econômicas e financeiras que essas pessoas enfrentavam. E elas foram para o Japão com o intuito de ficar 3, 4 anos, 5 anos, às vezes conseguir juntar uma grana e voltar para o Brasil para começar uma nova vida, abrir um negócio, comprar uma casa. Algumas pessoas fizeram isso, deu certo. Só que outras pessoas acabaram ficando muito mais tempo do que elas planejavam ficar, né? No Japão. Então eu acho que dekasegi

é um pouco essas 2 possibilidades assim. De é sucesso, por assim dizer. Ou seja, teve essa meta, esse sonho de conseguir juntar uma grana lá no Japão e ter conseguido e ter se adaptado bem lá. Tem essas outras pessoas que não conseguiram alcançar esse objetivo, conseguiram alcançar esse objetivo parcialmente ou, fracassaram completamente também.

Quando que você foi para o Japão para ser Dekassegi? Que ano? Quantos anos você tinha, onde que você ficou lá e por quanto tempo?

Tá, eu fui em 2004 pro Japão, como dekassemi, eu tinha 18 anos. E meus pais moravam lá na época.

Vocês chegaram a ver o filme?

Eu? A gente não conseguiu ver, mas.

É que está tudo lá, mas tudo bem, é e.

Bom, só retomando do começo para não ficar cortado para vocês. Bom, eu fui para o Japão em 2004. É meus pais. Eles moravam lá na época.

E eu tinha 18 anos. Então eu fui para trabalhar e para viver junto com eles. Eles moravam em Nagano, na província de Nagano, trabalhavam num Bentoyá, numa fábrica de marmitas. E aí eu fiquei inicialmente 10 meses lá.

E eu fiquei 10 meses lá. É nessa primeira ida. Aí eu voltei para o Brasil. Só que por conta de um problema de saúde do meu pai, eu precisei retornar uma segunda vez para lá. Nessa segunda vez eu fiquei 3 a 4 meses em Guma. E depois que meus pais, meu pai se recuperou da cirurgia, ele e minha mãe retornaram para o Japão porque eles fizeram uma cirurgia no Brasil. Retornaram para o Japão e aí a gente voltou para o mesmo lugar que eu tinha trabalhado anteriormente em Nagano, nesse Bentoyá. E lá eu fiquei mais ou menos uns 6 meses também, então foram 2 temporadas de. 10 meses mais ou menos.

Você comentou que os seus pais tinham ido antes, foi por meio deles que você descobriu essa possibilidade de ser dekassemi? Você já sabia alguma outra coisa antes disso que talvez tenha te influenciado ou que só para você conhecer essa possibilidade?

Pra ser bem sincero, tinha um caso do meu tio paterno que ele tinha ido em 1990. Só que eu sabia que ele morava no Japão, ou tinha morado no Japão quando eu era criança. É, mas eu não sabia exatamente em que circunstância que ele tinha ido para o Japão. Não tinha, não tinha a menor ideia de que existia essa imigração em massa para lá, né? E aí quando meus pais foram que eu fiquei sabendo que. É, existe essa possibilidade de ir pro Japão trabalhar como dekassemi.

Quando você foi, você sabia falar japonês? Você era tipo, familiarizado um pouco com a cultura japonesa ou para você, tipo, era uma coisa que você só ia e você não sabia nada de como ia ser. E só estava indo meio que se arriscando.

Então, eu não sabia nada de japonês, é também não tinha muita noção de como que era o estilo de vida lá, apesar dos meus pais. Enfim, eles moravam lá desde 99. Eu fui em 2004. Então eu já fazia 4, 5 anos que eles moravam lá, então eu sabia por eles como que era o estilo de vida, sabia que tinha que trabalhar muito. Mas quando eu fui, tinha uma coisa um pouco de aventura. É misturado com um desejo de ajudar meus pais também a não precisar ficar muito tempo que eles foram para ficar 3 anos e já tavam no quarto ano e sem muita perspectiva de voltar. Então essa situação me causava muito incômodo. E, eu fui para poder é tentar. É tentar amenizar, fazer com que eles voltassem antes, em um certo sentido.

E como que foi para você conversar com seus pais sobre você, que também querer ir para o Japão, nesse caso, para ajudar eles. Tipo, você acha que eles te apoiaram nisso

ou se acha que eles tiveram uma visão meio negativa sobre você querer ir também?

Ah, deixe ver se eu lembro na época lá como é que foi mais ou menos esse papo, mas eu lembro que. Eu comecei a falar de ir para o Japão um ano antes de ir exatamente, então. Eu falava sobre essa vontade, era uma oportunidade também de reencontrar meus pais, que eu não via fazia já alguns anos. Também eu acho que, pelo ponto de vista dos meus pais, seria uma experiência boa, seria uma experiência de trabalho e de vida em que me ajudaria a amadurecer e de fato ajudou. E que eu teria novas responsabilidades, enfim, toda essa questão vinculada ao mundo do trabalho. Então eles acho que no final das contas, apoiaram porque, mesmo que eu tenha, eu cheguei a fazer um ano de faculdade antes de ir pro Japão. Eu fiz ciências sociais. E eu já tinha desistido do curso quando eu tinha decidido ir pro Japão, porque daí eu tinha decidido que eu ia fazer cinema. Então eu já tinha. Não tinha essa questão muito de precisar interromper os estudos, porque, num certo sentido, eu já estava interrompendo mesmo.

E você acha que isso tipo afetou de alguma forma? É a sua, a sua relação com a sua família?

Em que sentido?

Sentido de tipo.

É porque eu li a sinopse do filme. O professor da Unesp comentou com a gente questão de que você falou agora que estava muito longe, né? E você acha que, tipo, você indo para o Japão ajudou a reaproximar? Ou ficou meio estranho isso por encontrar os seus pais.

Não, teve momentos de conflito. Eu acho que foi bom encontrar. É, de conviver juntos, numa dinâmica diferente, porque apesar da gente morar juntos. É de eles bancarem maior parte ali dos gastos. Eu também contribuía de alguma forma. Então eu participava nessa parte financeira da família também. E acho que isso muda um pouco a dinâmica familiar. E teve alguns conflitos de coisas que. Acho que talvez o principal conflito foi que meus pais, naquela época eles eram espíritas. Acho que eles são ainda hoje, mas não muito praticantes. E aí eles faziam uma atividade toda semana, chama evangelho no lar que é, é basicamente estudar O livro lá do do Allan Kardec, junto com a família. E naquele momento eu já tinha desencanado de religião. Aquilo não me interessava. E eu falei assim, foi, é bastante, acho que difícil pro meu pai ouvir o fato de que eu não queria mais participar daquilo, que não me interessava. E foi, acho que um ruído naquele momento. Assim, ele ficou, é chateado, magoado, mas não tinha o que fazer. Já estava no ponto que eu também não queria mais aturar ficar lá em uma coisa que eu não acreditava, que eu não gostava.

Quando você foi, você entrou em contato com alguma agência para conseguir realmente ir para o Japão?

Sim, mas como meus pais, eles já trabalhavam, no que a gente chama de empreiteira, eles já trabalhavam para essa empreiteira. Que no final das contas é de quem eles são empregados. Eles não são empregados a fábrica, eles são empregados dessa empreiteira. Então eu fui por essa empreiteira também. Na primeira vez, na segunda vez eu fui sem empreiteira porque meus pais não estavam lá, eu. E na segunda vez eu fui eu e minhas 2 irmãs. E aí a gente foi em Guma, porque meu primo, eu tinha uma prima que morava lá, a gente ficou um tempo com eles. Esse meu primo que apresentou algumas empreiteiras, só que lá no Japão já. E lá daí a gente começou a trabalhar, mas sempre mediado por essas empreiteiras assim.

E você? Que tipo você ter uma família lá já facilitou bastante esse processo de você se adaptar à vida lá no Japão?

Não, com certeza teria sido horrível se não tivesse ninguém assim teria sido. Bem ruim

mesmo.

E sobre essa mais sobre essa adaptação, Imagino que você já tinha algum conhecimento sobre como era o Japão. Principalmente porque como você é descendente, né? A sua família deve ter já mantido algumas tradições de lá e tudo mais. E você acha que quando você foi, teve um choque muito grande de como era a cultura japonesa da sua família com a cultura japonesa de verdade?

Ah, não sei. Eu sou de uma geração, talvez de uma certa família, um certo tipo de dinâmica social ali que tá relacionado com o jeito com que minha família lidou com a questão racial e étnica. Que é o seguinte, meus pais, que nasceram na década de 50, ou seja, no pós guerra eles tiveram um. É mais ou menos radical com a cultura japonesa, ou seja, meus pais, apesar de terem estudado, acho que quando criança, nihongakkou. Não sabiam falar muito bem japonês. Não tinha nenhuma tradição japonesa fora a comida. Mas, num certo sentido, tinha uma certa, um certo jeito de ser que era influenciado pela cultura japonesa, uma certa mentalidade. Ou seja, uma mentalidade que valoriza muito a educação, que é tem essa dedicação ao trabalho que é muito grande. Que tem uma valorização da ideia de honestidade e que eu acho que tem também essa predisposição para uma ideia de sacrifício também. Então era mais ou menos o setup da minha família e para mim, o que chegou foi, acho que essas coisas indiretas, nunca houve nenhum tipo de. Influência direta de falar “Ah, então isso aqui é algo da cultura japonesa”. Era só o jeito que as coisas eram mesmo. Então, no fundo, eu não tinha referência nenhuma do que era cultura japonesa, nem do que era a cultura japonesa aqui no Brasil, nem do que era cultura japonesa no Japão. Porque também meus pais nunca chegaram e ficaram falando assim, “Ah, você é descendente de japonês”, apesar de ser óbvio. E de tipo, todo mundo me olhar dessa forma, nunca houve por parte da minha família, algo nesse lugar, né? Então, eu não tinha muito essa ideia de antes de ir para lá do que que iria encontrar. É em relação a ao que eu imaginava. Assim, no fundo é, não tinha muito essa ideia de tipo, Ah, isso aqui é a cultura japonesa. E aí logo o que eu não encontrei foi isso.

É, quais que eram as suas expectativas quando você foi para o Japão?

Do tipo é você conseguir realizar os seus objetivos, você achar que ia ser uma boa experiência de conhecer um lugar novo. O que que você pensava naquela época?

Eu pensava que eu ia trabalhar para caramba. E que eu estava um pouco OK com essa ideia, era uma espécie de um desafio.

Eu esperava que eu teria um contato muito maior do que eu tive com a cultura japonesa e com a sociedade japonesa e com os japoneses em si. No final das contas, eu fiquei muito limitado nesse sentido. E, eu esperava juntar dinheiro porque eu conseguia ter razoavelmente juntar dinheiro. É que foi que bancou meus estudos até praticamente eu voltar e me informar num certo sentido.

E com o que que você trabalhou lá?

Então eu trabalhei nessa fábrica de marmitas que que são vendidas em lojas de conveniência no Japão. Que chama Bentoya, e especificamente eu trabalhava parte do período na linha de montagem, então tinha uma linha, uma esteira assim, onde passava vários. É. Bandejas de plástico você precisava ficar colocando os ingredientes ali, nessa bandeja de plástico. E eu trabalhava numa outra, num outro setor, que era o despache que daí eu recebia já os pratos prontos e ficava colocando. Tinha um corredor assim onde eu ficava colocando uns pratos é na. Loja que tinham feito de cada loja tinha uma espécie de uma caixinha. Assim eu colocava nessa caixinha, distribuía nas diferentes caixinhas que

receberam cada uma loja diferente.

E, você acha que o seu serviço ele era tipo muito pesado ou e também você acha que a sua rotina era muito cansativa? Você trabalhava muito todos os dias? Trabalhava todos os dias da semana. Como que era mais a sua rotina de vida?

Então eu trabalhava pelo menos 12 horas por dia, no mínimo. E aí poderia chegar até umas 16. E isso por dependendo da época do ano, então, isso, 6 dias da semana em geral. E também tinha uma dinâmica de a cada 3 ou 4 meses, ter a virada do período diurno para o noturno. Então tinha época que eu trabalhava à noite, época que eu trabalhava dia. E era tipo absolutamente exaustivo, só que depois do terceiro mês. Eu acordava destruído e eu ia dormir destruído. O corpo um pouco se acostumava. Soma o fato também que eu tinha 18 anos. Hoje, se eu for para lá e fizer isso, a mesma coisa, provavelmente eu morro. Mas aí o corpo acostuma, e fica meio automatizado, então. Se cansa menos a rotina, fica menos cansativo, porque você não fica pensando tanto. É um trabalho mais físico, mais manual, mas é totalmente insano você ficar, o trabalho é 100% de pé. Então era isso. Eu ficava 12 a 16 horas por dia de pé, trabalhando praticamente de forma ininterrupta.

Você achava que o trabalho valia a pena, tipo a quantidade que você trabalhava com o dinheiro que você recebia, você achava que também a sua função era valorizada? Porque o meu tio ele foi no acho que foi mais ou menos na mesma época que você foi também, Hum. Só que ele foi para trabalhar em fábrica de peças. E uma coisa que ele comentou foi que ele achava que o trabalho dele só existia porque era mais barato do que colocar uma máquina para fazer aquilo. Você acha que você era que a sua função, ela era tipo, importante ou era porque era mais barato do que botar uma máquina no seu lugar?

Hum Hum. Ah, bom, eu acho. Que o trabalho que a gente faz lá, ele é totalmente descartável no sentido individual, ou seja, não importa se sou eu fazendo esse trabalho ou se é uma outra pessoa. É a gente enquanto indivíduo não tem nenhum valor assim, não é no sentido de que é um serviço totalmente. Eu tinha 18 anos. Não tinha tido nenhum tipo de experiência prévia de trabalho. Então é basicamente, você tem saúde para aguentar o trampo você faz. E você tem capacidade de aprender o trabalho, você faz. Mas o trabalho não é simples em se aguentar a rotina trabalho não é simples, mas o trabalho em si, ele é muito simples. Então, a gente, enquanto pessoa, indivíduo, a gente é descartável e. Ah, eu não sei. Agora eu não saberia dizer se é mais barato ou não. Eu acho que é mais flexível. E aí acho que depende muito da fábrica, do tipo de negócio, porque é isso. Eu não fazia só um trabalho na fábrica.

E, talvez isso é essa flexibilidade, você não consegue com uma máquina, então. Mas assim, todo o trabalho ele é feito com máquinas. Então ele é todo mecanizado e a gente vive em função do ritmo da máquina. A gente trabalha, mas quem dita o ritmo do trabalho é a máquina, não é a gente. Então a gente já está trabalhando como uma máquina num certo sentido.

O dinheiro que você recebia pelo seu trabalho era justo?

Olha, se a gente for fazer um cálculo da realidade brasileira em relação à realidade japonesa, eu recebia mais ou menos uns 1500 ienes por hora trabalhada, o que hoje dá mais ou menos 10 USD, certo? 10 USD dá 50 e poucos reais hoje. 50 e poucos reais, tipo, vamos supor que. É um trabalho de 8 horas por dia. Vai dar, só arredondando aí, vai? Ah uns 500 conto por dia, certo? É grana para caramba. Ou seja, se você trabalha em um trabalho de 40 horas por semana no Brasil, recebendo esse valor. Dá 2 pau por semana, dá 8 pau por mês.

É muito dinheiro para a realidade brasileira, certo? Fazendo um trabalho que talvez no Brasil pague 3000 BRL e olhe lá. 2 salários mínimos? Não sei, talvez menos até. Então, essa conta que passa pela nossa cabeça, entende? A cada momento em que uma pessoa estava trabalhando no Japão e volta para o Brasil. E não tem qualificação nenhuma. E aí pega um trabalho para fazer aqui como empregado e recebe um salário mínimo e meio, 2 salários mínimos, ele faz essa conta.

Mas esse trabalho, essa rotina afetou muito a sua mente, tipo, se em algum momento pensou que aquilo não era exatamente o que você queria continuar fazendo. Te fez pensar em, por exemplo, em desistir voltar para o Brasil?

Não, porque eu sabia. Meu caso é muito específico. Eu fui para lá sem ter nenhum tipo de vínculo com o Brasil, no sentido de eu não precisava mandar dinheiro para cá. Eu não tinha nenhum tipo de responsabilidade. O que todo o dinheiro que eu trabalhava e ganhava era só para mim. E eu sabia que eu ficaria lá por 10 meses, por 1 ano, no máximo voltaria para o Brasil para vou continuar meus estudos. Então eu sabia que tinha 1 dia para terminar aquilo lá, sabe? Ah, e isso ajudava muito a tocar um dia depois do outro e voltar para casa, tomar um banho, comer qualquer coisa e dormir, acordar e ficar praticamente vivendo dessa forma durante 10 meses. Mas ia acabar isso, eu sabia que ia acabar, então isso me colocava numa posição até um pouco de desprendimento com relação ao que eu estava vivendo. Então eu encarava aquela situação toda como se fosse algo que não é minha vida realmente, que minha vida, não ela lá no Japão, não é aquela lá, que é como se eu estivesse passando uma temporada. Que é necessário para que eu retornasse a minha vida no Brasil, entende?

Você sendo descendente de japonês lá no Japão, você sentiu muito preconceito por ser estrangeiro?

Sabe que que essa questão do preconceito, eu acho que. Ah, é difícil avaliar, pelo menos naquela época, porque. Como você vive à margem da sociedade? Você não entra em contato com ela, então quase que você não consegue reparar nas situações de preconceito que possam existir, então, por exemplo, é claro que dependendo da situação de onde você vive, do lugar onde você vai viver, lá tem muito brasileiro e aí já tem 1 preconceito enraizado ali de, por exemplo, problema com lixo, com barulho, várias questões que estão relacionada com a presença de brasileiros no Japão. E aí as pessoas talvez te olhem já previamente e já te julguem. Só que se não é essa a situação. Por exemplo, a relação que você vai ter com o Japão, fora do espaço de trabalho. É diabo no restaurante comer. Vou ali no mercado fazer compra, vou em uma outra coisa, fazer algum tipo outro de serviço, vou na prefeitura. E nesses espaços de atendimento, onde você é o cliente, você não vai sofrer preconceito porque você está pagando, entende? Então eu sinto que fica limitada a assim um pouco. As situações em que você enfrenta preconceitos de verdade, eu acho que seria muito diferente se você entrasse numa situação em que você se comece a se relacionar. Por exemplo, com uma japonesa e você vai conhecer a família dela. E aí vocês começam a se relacionar. E aí, como é que é a família dela vai te encarar? Vai aceitar ou não? Mas aí você dá um passo adiante. Dentro de se inserir em situações reais de preconceito, assim que eles podem afetar de uma forma decisiva a sua vida só.

E no seu trabalho, você conseguia interagir com outras pessoas e tipo, essas pessoas que se tinham, não é? Pessoas trabalhavam com você? Elas também eram de kaségi ou eram também pessoas que você comentou que estão mais à margem da sociedade? Você acha que era muito solitário viver no Japão?

Então, a margem da cidade nesse sentido de que se você vive lá e você não sabe falar

japonês, você está à margem da sociedade porque você não participa de fato. Do que a sociedade pode te oferecer, entendeu? Então você está marginalizado nesse lugar. Assim, não é que você é pobre.

Sim.

No nesse Bentoya trabalhei, eu acho que 80% vai, 70% dos colegas de trabalho eram é imigrantes. De diferentes nacionalidades, a maioria brasileira. E então é, estava todo mundo nessa situação de dekasegi. Só que claro que cada situação é uma situação, né? Às vezes tinha casais, famílias inteiras. Pessoas sozinhas, e isso muda muito a experiência que cada uma vai ter ali, do, do, do Japão. Bom, mas mesmo eu estando lá com a minha família e morando junto eu tinha 18 anos.

E lá nesse, na, nessa primeira vez que eu fui, eu não tive nenhum tipo de relacionamento afetivo, amoroso, nada. Então eu me sentia muito sozinho nesse lugar. E aí eu reparava também, assim que era comum, só que como eu tinha essa coisa de querer voltar para o Brasil depois de um né, desse um ano, 10 meses que eu fiquei lá. Também eu falei não, segurar a onda aqui porque eu estou indo embora, naquele sentido que eu te falei, né que aquilo não era minha realidade. E o que acontecia, muitas vezes isso aconteceu. Por exemplo, aconteceu com as minhas irmãs depois. Foi que quase que naturalmente as pessoas buscavam encontrar algum parceiro, uma parceira lá assim, saca? Muitas vezes era muito comum, a sua rede social é muito restrita, basicamente restrita à fábrica, ao trabalho. É, você encontra, tenta encontrar algum colega, alguma pessoa ali do trabalho também, né? Então era muito comum formarem casais. É entre as pessoas que trabalhavam lá na fábrica mesmo, porque eram muito, é as relações que as pessoas tinham de fato.

E apesar de você também estar com a sua família lá, você também falando que você sabia que ia acabar e tal, mas você sentia saudade do Brasil?

Nesse período, não. Não, não muito. Você tinha mais uma vontade de experimentar outras coisas? Então, não tinha muita saudade não, apesar de ter amigos, ter correspondido com amigos aqui no Brasil, manter algum tipo de vínculo. É, não tinha exatamente com saudade, não.

E você comentou que você foi 2 vezes, né? E na primeira, você já tinha mais esse plano de e ficar só uns 10 meses, um ano e voltar. Mas tipo, por que que você quis voltar depois também? Tipo, voltar do Japão para o Brasil.

A grande razão de ter voltado a segunda vez foi para retomar os estudos, para tentar cursar cinema, sim, que era o objetivo. E a segunda vez eu fui basicamente, eu não consegui juntar praticamente nenhum dinheiro. Eu fui para acompanhar minhas irmãs porque meus pais ficaram no Brasil, minha mãe foi cuidando do meu pai aqui. Então eu fui junto com as minhas irmãs, porque eu tinha alguma experiência já de ter morado no Japão e a gente e a gente ficou lá, e aí minhas irmãs ficaram mais 1 ano ainda depois que eu voltei. Então elas ficaram como se fosse 2 anos também, e eu somado esses 2 períodos fiquei 2 anos.

E é, você é de hoje, você é olhando tudo isso que você. Você viveu mais da sua primeira vez que você foi. Você acha que você de hoje, se você pudesse voltar no tempo, você faria isso de novo?

Olha, olhando perspectiva, eu faria de novo, porque foi o que permitiu com que eu pudesse estudar de uma forma mais tranquila. O dinheiro que eu juntei lá. Eu paguei meu cursinho, eu depois de ter saído Japão pela segunda vez, eu morei por 5 meses na Austrália, bancado pelo dinheiro que eu tinha juntado no Japão também, daí eu fui lá estudar inglês. E, até quase o final da faculdade eu ainda tinha esse dinheiro que eu tinha juntado no Japão, ou

seja, então esse dinheiro. Sem precisar necessariamente trabalhar de uma forma constante. Eu de vez em quando tinha, entrava alguma grana assim, mas, não tinha um trabalho fixo. Esse dinheiro durou por 5, 6 anos. O dinheiro que eu trabalhei, juntei lá.

Como que você enxerga outras pessoas que também querem ser de kasegi? Do tipo. Você recomendaria para outra pessoa? Você acha que é uma experiência que apesar de ter que trabalhar muito e tal. Você acha que vale a pena para outras pessoas?

Olha, eu acho que a sua resposta ela varia muito de caso para caso. De situação para situação assim. Vai depender muito de qual que é a realidade da pessoa aqui no Brasil, sabe? Hum. E do que que ela está buscando no Japão também, porque hoje eu acho que já não vale muito a pena financeiramente na mesma lógica assim de ir lá e trabalhar igual um doido para tentar juntar dinheiro, porque não dá para juntar mais tanto dinheiro assim. Essa que é a verdade. E o câmbio também não está favorável. Só que é isso, qual que é a vida da pessoa aqui no Brasil? Quais as perspectivas que ela tem? E às vezes é isso também vai para o Japão, tem uma experiência internacional, tem a possibilidade de viajar lá.

Às vezes, até de se conectar com alguma questão da própria é ancestralidade. Então tem muitos fatores envolvidos assim, então não dá para falar de uma forma geral se vale a pena ou. Não vale? Pena, acho que a única coisa que dá para falar é, não dá para ir mais com uma certa ilusão de que vai ficar lá por pouco tempo e vai conseguir juntar uma bala gigantesca assim? Isso acho que não dá mais para pensar muito isso.

1. Bom, a pergunta é a mesma, né? O que te motivou para ir para a área do Cinema?

Sim, é, para ser sincero, quando eu comecei a fazer cinema ou quando eu decidi fazer cinema, eu não tinha a menor ideia do que significava isso assim, em termos concretos, não é do que que era fazer um filme, então não tinha muita referência anterior de falar, “nossa, isso aqui é alguma coisa que eu quero fazer”. Eu acho que isso foi acontecendo na medida que o curso foi se desenrolando e eu fui conhecendo melhor e me entendendo melhor também das coisas que eu gostava e também de onde eu vinha, até mesmo essa questão de ser descendente de japoneses, eu acho que foi algo que começou, que foi depois da faculdade, depois de formado, já assim, sabe. Porque quando eu era criança, o que eu assistia era, sei lá, cavaleiros do zodíacos, chaves, é. Sei lá, meio MTV, então. Não que eu pensava que eu tomava essas coisas como referência de nossa, eu quero fazer algo assim, mas era uma coisa que eu de assistir mesmo, assim. Não tinha... E hoje as coisas que eu faço não tem muita relação com esses produtos que eu assistia quando era criança, não. Vocês têm?

O quê?

Esse tipo de referência, quando vocês decidiram fazer o curso de cinema ou de Rádio e TV? *Ah, é que no meu caso, eu acho que eu decidi no meio da pandemia. Então, tipo, não foi uma decisão muito bem pensada assim eu fui porque, enfim, achei que a gente ia morrer amanhã. Então, excluir qualquer coisa. Mas não me arrependo, acho que não.*

Que eu pensei foi trabalhar na TV na verdade.

Ah, era?

Já vai lá para o programa ao vivo, porque era uma coisa que é uma época, eu via bastante, mas eu só via programa de esporte também. Uhum. Eu queria trabalhar com esporte, eu gosto bastante. Só que eu não ia conseguir ser Jogador de futebol, e. Aí talvez jornalismo ou trabalhar. Nem sabia que existia tipo rádio e TV, sabe? Mas a minha mãe falou. Uma amiga dela fez e falou, Ah, talvez isso Seja legal para você.

Entendi.

Bom. Já ia. Já.

2. Então, já que você já falou sobre o pré-faculdade então tipo, dentro da faculdade, o que que mais brilhou seus olhos, tipo da parte do audiovisual que que você mais gostou assim que você falou “Nossa”, que você fez cinema, né? Um pouco diferente do nosso curso. Mas tipo, o que que te brilhou os olhos que você falou, tipo, eu quero trabalhar com isso.

Eu não sei, eu tinha um desejo meio abstrato e idealizado. Que era de ser artista para além de ser cineasta ou de diretor de cinema. Eu tinha uma ideia meio “ah eu quero ser artista”. E aí, como eu não... Eu achava que artista era pintor, isso adolescente. Só que como eu não tinha muito talento para desenhar ou pintar, eu nem sabia direito o que que significava isso aí e tudo. Eu falei “ah, vou, vou tentar experimentar fotografia” e fiz ali algumas coisas, bem, aleatórias com fotografia, quando eu era adolescente, mas que por meio da fotografia fui parar no cinema, né? Então, quando eu cheguei na faculdade, eu tinha um pouco essa referência de trabalhar com imagem. Então, na especialização que eu fui fazer lá dentro da faculdade, eu optei em fazer fotografia e como eu queria ser o artista, eu optei fazer direção também. É, e acho que cada fase lá dentro, durante a minha formação, teve fases e períodos de cineastas ou de movimentos cinematográficos que eu gostava muito. E que eu fui conhecendo durante a minha formação. Então, teve uma fase que eu gostei muito de neorrealismo italiano e gostei muito do Fellini particularmente. Aí teve um outro momento em que o cinema novo me conquistou assim, eu era fanático pelos filmes do Glauber rocha, principalmente o Terra em Transe. Que até é citado, tem um trecho do filme no meu TCC. E aí é, eu acho que só depois de formado mesmo, pensando nos projetos que eu fui delineando, é um interesse particular por um cinema do interior de São Paulo, que é da onde eu sou assim, onde eu passei minha adolescência. E comecei a pensar em filmes que que se passavam no interior de São Paulo, só que também nunca consegui viabilizar alguns deles. E ao mesmo tempo, quando eu comecei a fazer filmes com a minha família, essa questão do interior de São Paulo se juntou com a questão é da ancestralidade japonesa. E aí teve esse encontro assim que um pouco é, acabou resultando nos filmes que eu fiz, né? Depois de formado já. Então, acho que era um pouco isso, a minha formação, e aí hoje eu estou bastante voltado, acho que para esses 2 universos assim. Pensar filmes que representam e que problematizam e que falam sobre a experiência nipo brasileira, eu até tenho um pouco de restrição. Eu não sei se é uma coisa de geração. Mas eu não tinha nenhuma familiaridade com o termo amarelo. Assim, e tem dificuldade de pensar ele para minha própria criação, porque eu acho que os processos de vivência e os processos históricos e sociais. Por exemplo, de imigrantes coreanos ou de imigrantes chineses só pensando no leste asiático, eles são muito diferentes do livro brasileiro, do japonês. E então em geral eu falo, acho que num escopo maior é um cinema que pensa experiências amarelas no Brasil, mas fundamentalmente são experiências nipo brasileiras.

Certo, é...

Para vocês é comum essa usar esse tema? Amarelo?

Eu acho que é comum quando a gente está pautando sobre representatividade, por exemplo, que é o tema do meu episódio, que assim, tentar mostrar pessoas tanto por trás quanto na frente das câmeras, então, tipo se a descendência da pessoa, se as japonesas, chinesa ou coreana, nesses momentos assim, ela não é tão relevante quanto o fato de ser asiática, né? Quando o fato de ser do leste asiático, que aí a gente quer trabalhar um pouco mais com tipo, mais pessoas amarelas em cena, mais pessoas amarelas nas telas e tipo trabalhando também, mas eu concordo. Por realmente ser cortes de vida, né? De a história de cada povo foi muito diferente, né? Realmente. Mas a gente tenta, tipo, buscar o

lado, laço em comum dos povos para gente mais se unir do que se separar.

Sim, sim, claro.

Nessa luta de espaço, né?

Sim.

3. Aí, inclusive, falando sobre isso, a próxima pergunta que eu queria te fazer é: quantas pessoas amarelas você conviveu tanto na faculdade de cinema quanto no seu ambiente de trabalho mesmo?

Então, na minha turma de faculdade, tinha além de mim, tinha mais 2 garotas que eram também nipo-brasileiras. Existiam outras pessoas também nipo brasileiras em outras turmas. E só mais recentemente, mas aí isso eu já estava formado, é que eu acho, passaram a existir pessoas que são descendentes de coreanos. Mas que tem a ver com o processo migratório coreano no Brasil, ou seja, de pessoas e de imigrantes que chegaram aqui na década de 60 e 70 e que os filhos agora que tem idade para começar a cursar a faculdade. Acho que foram na faculdade, foram essas as experiências, que tipo de pessoas e apesar, e assim, na época que eu estudei não existia nenhum tipo de mobilização e de consciência racial pra gente se juntar. Então, até, por exemplo, tinha uma essa colega minha chama Larissa Kurata, ela até escrevia alguns roteiros que tinha elementos assim, tipo nipo brasileiros. E eu, falar a verdade, eu achava, eu tinha uma relação ambígua com esse tipo de filme, assim, de produção, porque ainda estava vivendo um processo que era de me manter afastado assim do que poderia ser julgado como como japonês ou como oriental, sei lá, sabe? Eu tinha um processo de negação, ainda de tipo, de não me vincular a essa questão racial, sabe? E aí depois eu tenho uma vida profissional que ela não é tão dentro do mercado. Mas eu sempre fui, eu não lembro de nas produções que eu participei, talvez eu na grande parte delas, eu era a única pessoa amarela na equipe. E fora dos meus filmes, eu nunca participei também de nenhum projeto. Que tinha atores atrizes amarelas assim?

4. Certo. E aí, você sente que deu alguma diferença nas demandas por pessoas amarelas, seja trabalhando ou seja nos roteiros, tipo hoje e uns 10 anos atrás? É que eu não sei quanto tempo você está trabalhando no cinema já.

Mais de 15 anos.

Mais de 15 anos, tipo, quando você começou lá e hoje você vê a diferença entre essas demandas de pessoas amarelas ou você acha que não, não tem diferença?

Não, eu acho que essa pergunta, você sabe a resposta dela, né? Você está me perguntando, mas você sabe a resposta que é... Até bem pouco tempo atrás, eu acho que talvez 2016, 2017, não sei, não existia essa pauta, certo? E daí houveram tipo discussões de luta antirracista, capitaneada pelo tipo população negra. E aí, uma vez que essas pautas sociais, elas foram é colocadas no debate, acho que as pessoas amarelas começaram a se articular. E principalmente nessa questão da representatividade, foram as atrizes, os atores inicialmente, que eu acho que tomaram à frente dessa discussão, muito disputando é espaços de visibilidade nas produções. E só mais recentemente eu sinto que tem também uma luta por representatividade nos cargos de criação. Mas que já estavam é, vamos dizer, já existiam pessoas, né? Amarelas ocupando cargos, enfim, de fotógrafo de direção de arte de... dessas de funções criativas, mas que não era exatamente na direção e principalmente na direção de longas metragens. Então, se for pensar, o filme que eu lancei ano passado, ele surge, talvez seja o primeiro filme é que fala sobre experiências nipo brasileiras, depois de Gaijin 2, e Gaijin 2 é um filme de 2007. Então a gente tem aí mais de 15 anos de um gap de que não existiu nenhum longa metragem lançado no circuito comercial no Brasil que tratava dessas questões muito, porque não existia um diretoras e diretores amarelos fazendo filmes, é

fazendo filmes. Assim existe. Existiam curtas metragens, mas longas metragens não.

5. E você enquanto pessoa amarela, você sente que você já sentiu tipo, preconceitos? É limitações ou tipo essa visão de nós, pessoas japonesas, sermos tipo pessoas de fora do Brasil, essa sensação, esses preconceitos que a gente sofre no dia a dia, tipo dentro do ambiente de trabalho do audiovisual?

Eu acho que tem muito... Eu acho que o tipo de preconceito que a gente sofre é preconceito recreativo. Então, não necessariamente eu senti que existiram barreiras claras, vamos chamar assim, que me tiraram oportunidades ou que eu não consegui acessar lugares pelo fato de ser uma pessoa amarela. Mas existia todo tipo de preconceito, racismo recreativo, desde ser chamado de japa em set. Isso aconteceu agora, 2 meses atrás. Eu estava no set de filmagem. E aí uma das pessoas da equipe, que é um homem mais velho. Tudo bem, eu entendo, mas é isso. Daí ele começou a me chamar de japa e aí eu precisei falar para ele não fazer isso. Ele entendeu assim, de pronto, ele falou, “ah, não, não é legal, tá bom, beleza”. Então isso é, é assim, é tomado, como é naturalizado, sabe? Tipo. E acho que vai desde dessa coisa mais um pouco óbvia, né? De chamar de japa, mas passa por lugares, que é do tipo ah, tem um filme japonês que foi lançado e daí, naturalmente, as pessoas me perguntam, é? Sobre se eu vi o filme, se eu gosto do filme, como se eu tivesse alguma legitimidade ou autoridade maior para falar do filme só porque ele é japonês. Então tem uma, né? Uma questão racial que é posta e reposta o tempo inteiro, mas que não é necessariamente agressiva ou necessariamente tipo de colocando para baixo, mas acho que vai moldando a forma com que você próprio se avalia assim, né? Ou seja, quais são os espaços que você pode ocupar, o que que do que que você pode falar e do que você não pode falar... que de toda forma é importante a gente ter consciência também, não é? Porque no meu caso eu gosto, me interessa, estudo, cinema japonês, então eu quero ocupar esse lugar. Essas pessoas vêm me perguntar, eu falo com prazer, é porque é um espaço que eu quero ocupar e me sinto tipo, no final das contas, feliz que as pessoas me vejam dessa forma. Mas isso, se fosse contrário, isso seria um lugar tipo, pô, porque que eu preciso saber disso, sabe? Quero falar sobre, sei lá, cinema brasileiro, iraniano. Americano e por aí vai.

6. E a. Já falou bastante do bem-vindo de novo. Mas eu também queria saber um pouco sobre tipo, suas, outras produções e tudo mais. O quanto da sua identidade japonesa foi impressa no seu produto audiovisual? Nos seus trabalhos audiovisuais.

Então eu tenho só 2 filmes, na verdade, que eu tenho um curta que eu fiz com a minha avó. Então, além do “bem-vindo de novo”, eu tenho um curta que eu fiz com a minha avó, foi lançado em 2020 e fala sobre, é a minha relação com ela, é uma mistura de documentário com ficção. E fala também sobre a trajetória dela como mulher na imigração japonesa. Só que eu não tenho. E aí eu estou desenvolvendo atualmente um projeto novo que se chama tio tou toshi(?). E que é sobre a imigração de kassegi, a relação com saúde mental e masculinidade. E que tá, de toda forma, também nessa questão mais ampla da representação das experiências limpo brasileiras. Mas que nenhum desses projetos eu assumo como pressuposto a questão identitária. É, então eu não tenho a necessidade de é pautar o filme por uma questão identitária em si, mas a questão identitária está lá porque é parte constituinte do universo do filme, sabe? Então, eu acho que influência nesse sentido. E depois de ter lançado o longa, eu senti que que tinha essa demanda e essa falta mesmo por filmes que falam sobre a nossa realidade e sobre as nossas experiências. Porque sei lá de depoimento no Letterbox assim de tipo outros nikkei falando “nossa, eu nunca me vi tanto num filme como nesse” assim sabe? Então é isso, eu acho que nem as próprias pessoas, e

talvez eu mesmo não percebia que existia essa demanda, sabe?

7. Legal. E acho que uma última pergunta assim, só para dar uma encerrada, tipo, o que que você acha que poderia melhorar no audiovisual brasileiro? E principalmente, tipo, o que que você acha que nós, pessoas amarelas do audiovisual, né? O que que a gente poderia fazer? O que que a gente deveria fazer daqui para frente? Tipo, trabalhar no audiovisual brasileiro para nós, pessoas amarelas?

Uhum mas em que sentido que você? É pergunta o que melhorar em que sentido? Tipo de ser de representatividade?

É, de identidades e estereótipos a tipo de roteiro assim, que trabalha muito com estereótipos e a gente tentar mudar, acho que esse tipo de conteúdo. E ter inclusão de mais personagens nas mídias, com pessoas amarelas, mas que sempre seja essa pessoa amarela, sempre tipo totalmente estereotipada ou tipo feita personagem muito para ser uma pessoa que parece um meio de fora do Brasil, sabe? Só que está totalmente desconexa do Brasil. Tentar trazer um pouco mais de tipo. Mas a identidade brasileira para as pessoas amarelas, mais ou menos, mas não.

Mas uhum?

Da sua visão enquanto criador, enquanto tipo pessoa que trabalha no audiovisual, o que você acha que a gente, pessoas amarelas, estão buscando entrar nesse mercado.

Aham é eu acho que tem uma ainda uma invisibilidade é no fato de pessoas amarelas serem uma minoria política no Brasil e uma minoria populacional também, mas uma minoria política no sentido justamente nesse, né, desse lugar de representatividade na sociedade. Vira e mexe eu vou inscrever, me inscrever, sei lá em em seminários ou em cursos, ou mesmo é em algum evento e tem lá uma autodeclaração perguntando se né, se é algum tipo de minoria política ou se é uma pessoa com também com deficiência física. E geralmente não tem a opção pessoa amarela, então eu acho que a sociedade brasileira de modo geral, não enxerga a gente como uma minoria política. Então isso é um trabalho político mesmo que a gente tem que fazer. Porque isso afeta, é, justamente a possibilidade da gente fazer os filmes, porque quando tem algum tipo de iniciativa de política afirmativa, a gente está fora, assim, de cara, porque a gente simplesmente não é considerado. É, então acho que tem esse lugar para ser conquistado ainda. E um outro lugar é a gente se entender é enquanto essa minoria política racial dentro da luta antirracista, mas geral no Brasil, então, é. Não é o caso de entrar, né? Num vamos numa coisa que seria exclusivista ou pensar assim só nas dificuldades que a gente enfrenta e tudo mais, mas encarar essa experiência dentro de um cenário brasileiro que é pautado por um racismo estrutural e que necessariamente as populações negras, indígenas e outras populações também tradicionais, elas sofrem de uma forma muito mais intensa e muito mais é. gritante né os efeitos desse racismo estrutural, né? Mas assim, eu, em termos de produção e como criador... É isso, eu acho que os filmes, eles se colocam nesse nesses lugares de colocar para a sociedade brasileira essa presença nossa de uma forma potente, de uma forma que se enquanto arte, enquanto obras boas, então meu esforço é tipo, primeiro de tudo é fazer filmes bons, que possam enfim, é acho que ser honesto, ser sincero com a nossa experiência, mas ao mesmo tempo comunicar essa experiência e relacionar essa experiência com a sociedade brasileira.

8. Legal é, as minhas perguntas eram essas aí, só tipo, se você quiser dar mais alguma palavra final tanto para o meu episódio quanto até para o episódio do Tiago, né? Se você quiser falar mais alguma coisa, que aí a gente já encerra.

Eu tenho uma pergunta, se vale fazer essa inversão aí. É, por que vocês estão fazendo esse...? Porque assim, eu penso que tipo, no momento que eu estava me formando, lá em

2012, 2013, esse tipo de discussão e de obra e de produto audiovisual não era nem sequer concebível assim, sabe? Não tinha acho que nem recursos para defender esse tipo de proposta para faculdade, para os colegas. Eles têm a impressão de que seria algo tipo óbito que você está falando, afinal de contas, sabe? E aí eu queria entender de vocês. É, qual foi a motivação para vocês fazerem? É.

A minha motivação para fazer o que eu queria falar sobre de kassegi é porque, tipo o meu amigo, ele foi ano passado, né? E eu estudei com ele no ensino médio por um tempo e ele teve alguns problemas lá, familiares, sendo que acabou não conseguindo terminar o ensino médio. E aí ele, tipo, ele foi para o Japão porque ele não sabia, achava que ele estava muito sem rumo do que fazer aqui no Brasil. E aí eu comentei isso com o pessoal da família da minha mãe, que é um pessoal que foi também, e eles ficaram tipo, muito? Muito tristes sobre. Ah, ele é um de jovem, tem 20 anos e já está tipo, indo se matar de trabalhar no lugar que ele nem conhece, ele nem fala japonês. E isso me deixou muito tipo curioso. Sabe do porquê que eles ficaram desse jeito? É que eles. Também foram quando eles eram jovens. Mas o que que eles veem nisso diferente agora? Sabe? E eu fiquei muito curioso para entender isso. E por que que foi assim?

Hum, e como e como quem se? O que está hoje?

Então, hoje ele está. Porque o que eu conversei com ele, ele está muito, muito cansado, porque é igual aquilo que você falou, de trabalhar em um período de manhã. Aí depois passava um tempo, IA para um período à noite. E ele, ele se adaptou um pouco, mas ele ainda saber é eu. Eu tenho de conversar com ele às vezes. E ele demora muito para responder, porque ele chega em casa. Está está cansado? Ele vai e só quer. Sabe descansar, dormir. Que ele também queria ir lá para tentar estudar e logo de cara ele já falou que ele ficou meio triste porque ele viu que ele não IA conseguir fazer o que ele queria. E é mais isso. Uh, Hum.

É, talvez ele consiga se consiga um trabalho que paga que que não trabalha tanto, mas ele não consegue juntar. É.

Porque ele queria juntar dinheiro e ele queria estudar. Ele vai ter que escolher uma das coisas só.

É, acho que possivelmente sim.

Não é?

É, acho que no meu caso foi muito uma sensação de tipo, eu cresci dentro de colônia japonesa, né? Eu cresci em kaikan. E, tipo, ter a identidade japonesa é uma coisa muito forte na minha vida como um todo, né? E eu senti que ao longo da minha vida, da minha experiência pessoal, a gente só conseguia pessoas amarelas em produção. Grupos do Japão, da China, da Coreia, tipo em produtos do da Ásia e aqui no Brasil, não. E tipo, quando tinha pessoas amarelas no Brasil ou nos Estados Unidos, né? Nas produções, eram sempre pessoas tipo muito estereotipadas ou que reforçavam muitas coisas que não agregavam na minha vida ou, principalmente, reforçavam o comportamento. Esses estereótipos que eram tipo maléficos, assim, não é, eram coisas que me afetavam muito negativamente e. A minha motivação para o documentário acho que foi essa, foi tipo querer falar. Que nós, pessoas amarelas, estamos assim, tipo, nós somos presentes nesse cenário brasileiro e que a gente também tem que tipo? Estar tanto trabalhando porque é ainda tem AA maioria branca, tipo essa direção e tudo mais, quanto também na frente das telas de uma maneira respeitosa, né? Essa foi a minha vontade. E também discutir um pouco mais sobre a cultura Nike, que é uma coisa muito presente na minha vida, tipo, discutir isso através de outros pontos também. A gente tinha pensado em outro episódio também, enfim.

Entendi. Está bom, gente, valeu?

Apêndice 15 - Transcrição da entrevista (Marcos e Nanci)

APRESENTAÇÃO/AUDIODESCRIÇÃO

Meu nome é Nanci. Eu tenho 54 anos. Eu sou Nissei por parte de mãe, Sansei por parte de pai. Tenho cabelo curto, olhos claro, olhos escuros e estou vestindo uma camisa azul com detalhes brancos e estou sentada em um sofá marrom.

Bom dia, meu nome é Marcos. Tenho 55 anos, 1,75, acima do peso. Uso camisa cinza, japonês padrão, vamos dizer assim. Cabelo liso.

O que que vocês entendem como dekasegi? O que significa essa palavra para vocês?

São pessoas que vão trabalhar fora do seu país em busca de uma condição melhor, uma vida diferente. Acho que é isso para mim.

É a palavra dekasegi em si, já tem o significado de imigrante. O kasegi é migrante, E dekasegi é Imigrante. Então, quando alguém que deixa seu país para tentar alguma coisa em outra localidade fora da sua Terra Natal, no caso dekasegi, a palavra em japonês, são os brasileiros que saíram do Brasil para tentar uma sorte melhor. Um ganhmelhor lá no Japão.

E aí, o que ando que vocês foram para o Japão, em que parte vocês ficaram, por quanto tempo?

Eu fui a primeira vez em 96. Em 1996 eu fui em janeiro. Eu fiquei um ano, quase 2 anos, um ano e 10 meses. Primeira vez eu fiquei em Chiba, logo que eu cheguei, fiquei em Chiba. Eu acho que eu fiquei um mês e meio. Eu fui para Suzuka na outra ponta, lá embaixo, embaixo, não no meio. Fiquei meio ano. Aí eu voltei de novo para a região de Tóquio, eu fiquei em Saitama, aí lá eu fiquei um ano e pouco, que foi na Sony. Aí eu voltei. Em 97. Acho que outubro. Aí eu continuei no Brasil, trabalhando tudo, mas voltei para o Japão em 2003 e fiquei lá por 4 anos. Aí a gente ficou em Aichi-ken, em Chiryu.

A minha primeira experiência foi em 1990. Eu tinha. 20 anos. 21 anos na época. E eu fui para a região de Chubu, que é o meio do Japão. Eu fiquei na província de Aichi-ken e a primeira cidade que eu morei chamava Anjo. Uma cidade bem pequenininha. E. Acabei tendo uma experiência de 17 anos no Japão. Mas sempre na providência de Aichi-Ken né? Na província de Aichi, sempre trabalhei em auto peças, tive oportunidade de trabalhar numa importadora, depois trabalhei num comércio de brasileiros, mas no final acabei trabalhando na fábrica também, né? Que aí depois dos 17 anos. Aí junto com ela, a gente retornou aqui para o Brasil em 2007.

É porque é que vocês escolheram ir para o Japão para trabalhar?

Na verdade, a primeira vez que eu fui, eu sempre quis muito ir para o Japão, vontade de conhecer. Eu tinha acabado de terminar minha faculdade e assim eu não via expectativas aqui. E eu achei que era O tempo ideal para eu ir para fora para conhecer o Japão e aproveitar. Não fui só pelo dinheiro, eu queria conhecer o Japão, então eu fui para lá para isso. Como que eu posso dizer? A segunda vez eu fui por causa do Marcos, A gente se conheceu pela internet e aí eu fui com ele. Aí eu acabei ficando lá.

No ano de 90 foi o ano que eu já trabalhava fora. Trabalhava inclusive de carteira de estrada. E foi bem enorme que teve o governo Collor, que teve uma, foi confiscada a poupança de todos os brasileiros e ficou sem serviço. E onde eu trabalhava também fechou. Na época aí, meio sem expectativa de continuar os estudos, não, tinha conseguido passar numa faculdade, uma faculdade pública. Eu decidi ir para o Japão para tentar um pouco de

sorte para depois retornar para continuar os estudos. Por isso que em 90 eu fui com a expectativa também de conhecer, sempre era um sonho, né? Conhecer o Japão, conhecer as Maravilhas do Japão de perto e a gente pensa primeiro aqui realmente, né, que a gente vai ganhar dinheiro. Né? Vai juntar dinheiro para voltar, mas a realidade é um pouco diferente. Mas foi bacana, a experiência, muito bacana.

É, e como que vocês descobriram que tinha essa possibilidade de ir pro Japão pra trabalhar?

Eu descobri porque quando eu estava no colégio, a gente tinha amizade com muito nikkejin e muita gente terminando estava indo para o Japão. E eram amigos, contavam experiência. Teve gente que voltou e assim eu fiquei. Eu fiquei curiosa de também conhecer, então eu fiquei sabendo através de amigos, não é? Mas quando eu fui, eu fui através de uma tia, eu fui trabalhar com ela porque existia aquela insegurança, é? É onde você vai receio se você não pode ir trabalhar em um lugar perigoso. Sabe aquela insegurança mesmo? Aí eu fui com uma tia.

Eu sei. É, no meu caso, já tinha primos que tinha ido para o Japão e meu pai também não vendo expectativa muito assim aqui no Brasil, por causa do plano Collor na época, falava que eu tinha que ir, falou: “vai, vai, aproveita!”. Aí tinha uns primos que estavam lá, ele falava, “Ah, primo tal, está lá, tal, primo tal, está lá, vai, vai, vai conhecer. Vai aproveitar”. Eu meio contrariando, a ideia era não, mas depois eu não vi muita expectativa. Acabei cedendo e fui, mas assim era muita gente na época. Foi um. Foi bem na época do boom, né? Virou uma como a febre, vamos dizer assim, uma onda de notícias que estava valendo a pena retornar para lá. Aí eu aproveitei e foi justamente essa época para ir.

Como que foi para conversar com a família sobre ir para lá? É. O tio Marcos falou que seu pai falou para ir, né? E você não queria muito e como foi, como que foi conversar com ele sobre isso mesmo, o que te fez realmente mudar de ideia? E como foi para você? Tia Nanci. Você falou que você foi com a sua tia. Mas como foi para conversar seus pais sobre ir até lá.

Eu acho que eles aceitaram porque, é, eu tinha acabado minha faculdade. O ji (avô) estava doente e assim. E foi uma forma de ajudar financeiramente, e eu também, ir conhecer o que eu queria. Então eles aceitaram bem. A única coisa assim, eles não queriam que eu fosse sozinha para um lugar onde eu não conhecesse ninguém porque tinha tias lá, uma tia tinha ido, tinha caído, entre aspas, um roubo e tal. Passou por muita dificuldade, então a condição era, você vai se você for com essa tia, senão você não vai. Aí por isso que eles aceitaram.

É em casa já, como eu comentei antes, já estava assim meio no projeto. Minha mãe não, não aceitava a ideia. Ela falava que não precisava ir, mas. Depois eu acabei entendendo que realmente a situação estava difícil aqui, a gente não conseguia trabalhar, né? Eu continuei trabalhando e assim era uma área assim de imobiliária. E assim ficou muito fraco, ninguém comprava, ninguém vendia, porque todo mundo tinha receio, todo mundo na base do aluguel, foi uma decisão assim, que inclusive teria que ser rápida. Não pude questionar muito a que, se eu vou, não vou, porque estava bem difícil. E quando eu falei para família, eles falam assim, vai, desejaram boa sorte, né? Porque eu nunca tive receio de sair de casa.

E o que que vocês já conheciam sobre a vida de dekasegi antes de ir?.

Não, quase nada. Porque quem vinha ou quem contava, só contava as coisas boas, sabe? Ah, e tal. É amigos. Então assim, você não tem uma ideia do que é. Você só sabe que você vai trabalhar. Como é a vida? Eu não tinha ideia.

É realmente, quando a gente encontrava as pessoas que vinham passear aqui, a gente ficava

meu deslumbrado, vamos dizer assim, mas a realidade mesma só a gente só vai sentir pessoalmente, realmente não dá para transmitir a verdade para todo mundo. Cada um enxerga de uma forma, mas assim. É bem diferente.

E antes de ir pro Japão, vocês já sabiam falar japonês? Sentiu algum? É, vocês achavam que vocês conheciam um pouco da cultura do Japão?

Eu não falava e não tinha ideia de como era.

É, culturalmente, não. Mas vamos dizer assim, que valores, né? Assim, esses valores sociais assim a gente acha. Tem noção? Porque a gente é descendente aqui no Brasil, mas chegamos lá, a gente também tem um choque bem grande, porque assim é uma cultura muito milenar lá, né? A gente não tem uma ideia realmente. Hoje a informação é mais rápida, mas naquela época era só quando a gente escutava alguém falar, a gente não tinha tanto acesso a material, livros principalmente, não era uma coisa assim tão. Tão, tão ampla que nem hoje, né?

E como que foi para vocês irem? Porque o meu amigo Dylan, que foi ano passado, ele entrou em contato com uma agência e a agência arrumou tudo para ele. Ele só pagou e foi. E quando vocês foram, foi um processo meio assim também, ou foi de alguma outra forma?

Quando eu fui a primeira vez, eu paguei. Não acho que o meu padrinho, meu tio estava lá, ele pagou minha passagem, eu paguei para ele. A segunda vez eu paguei sozinha. Eu peguei, fui em uma agência e como eu já tinha ido uma primeira vez, eu já meio que sabia para onde eu queria ir, que eu fui para a Sony, que era um serviço mais leve, não era tão pesado. E aí eu fui, fui numa agência que era agência da Sony aqui no Brasil. Fiz o teste, passei, paguei minha passagem e fui.

Da minha época, a gente tinha pouca informação e justamente se era uma agência de turismo que fazia esse trâmite de levar a gente para o Japão, então acabei realmente procurando essa ajuda e acabei indo nessa agência fazendo todo esse trâmite realmente. Papelada, documentação, né? Até dar entrada em passaporte, que até então não tinha não, não, não teve necessidade de uso e realmente, precisei de toda essa ajuda. Antes não tinha tanta informação não.

Que tipo de expectativa, vocês tinham de como seria a vida lá?

Pra falar a verdade, eu não tinha expectativa, eu só queria ir, eu não sabia, eu não, eu não tinha expectativa como ia ser. Eu tinha muita vontade de conhecer o Japão, então para mim o que fosse estava bom. Tanto que assim eu fiquei só um mês com a tia, porque ela me deixou numa redoma de “não pode isso”, “não pode aquilo”. E a liberdade que eu tinha aqui no Brasil eu não estava tendo lá, porque ela tinha muito medo. Aí você não fala, mas assim é, a gente se vira em qualquer lugar que você vá, você consegue se virar. E o fato dela me prender demais, aquilo eu me sufocou. Então por isso que eu fui para Suzuka. Para poder ter essa experiência, eu queria viver ali. Eu queria saber como era, entendeu? Então, expectativa realmente eu não tinha. Eu queria ir lá conhecer mesmo como é trabalhar, como é viver. E eu não estava conseguindo, por isso que eu fui então para mim. O choque foi porque eu me senti presa, que era uma coisa que aqui eu não tinha.

É, também não tinha, não tinha expectativa, não. Eu só tinha uma expectativa que ia trabalhar muito por causa que, no caso, a agência de turismo que fez esse intermédio da com a empreiteira do Japão explicou que o serviço era o esquema que o japonês chama de Sankei (traduz para 3 Ks), né? Que é pesado, corrido e sujo, né? E a gente só tinha isso na cabeça, mas assim, o que ia encontrar lá realmente? Assim, superou as expectativas, vamos

dizer assim. Eu tinha uma ideia do Japão. Quando eu cheguei lá, eu realmente me assustei. Me admirei demais. Foi um choque de cultura bem forte.

E como que foi esse choque? Assim, é porque você imagina que antes de vocês tinham uma imagem de como que era o Japão. Já tinha alguma, já imaginava alguma coisa, de como que era lá, né? De gente que veio, conversou com vocês, do que era Japão e tal. E como foi chegar lá e ver como era de verdade comparado com o que vocês já sabiam?

Na verdade, para mim é complicado, porque eram amigos que falavam. Então, assim, para mim, a ideia que eu tinha é que todo mundo era todo mundo amigo, que nem os brasileiros ficavam juntos, trabalhavam. Mas a gente, quando eu fiquei com a minha tia, essa é a expectativa que eu que talvez para mim foi difícil, porque eu fiquei muito isolada, eu fiquei muito sozinha. Então por isso que eu falo que talvez o choque foi esse, porque eu esperava um contato maior com brasileiro também e eu não tive. Né, eu acho que esse foi um maior choque para mim.

O meu maior choque cultural, na verdade o meu maior choque assim com a realidade é que assim a gente não conhece outras culturas. A gente sai para fora e a gente vê realmente como a gente não sabe nada, né? E que a gente tem muito que aprender. Ainda bem que eu sempre fui um cara mais aberto para conhecer e aprender, inclusive conhecer e experimentar. Então porque se você é uma pessoa assim, muito fechada, muito limitada, você não aceita certas coisas de outras culturas, e. Eu achava que conhecia um pouco da cultura japonesa, apesar de eu ter meus 20 anos na época, né? Mas chegando lá realmente assim. Não foi uma decepção, foi uma alegria assim muito grande saber o quanto era muito maior esse choque cultural que existe entre os 2 países, o nível de realidade. Como eles encaram o dia a dia, como a gente encara, como eles encaram a vida, né? Como os brasileiros encaram? Porque assim eu sou neto de japoneses. Eu fui como filho de japonês pela documentação, mas meu pai era nascido aqui. Mas chegando lá a gente acha que vai encontrar uma coisa mais fácil por porque ter um vínculo, vamos dizer assim. Mas não, a gente não deixa de ser um estrangeiro lá também. Nós, enfim, aprende muita coisa com isso também.

O que vocês faziam no Japão de trabalho? Onde que vocês trabalhavam? Era um lugar que era muito longe de onde vocês moravam? Quanto tempo de trabalho vocês trabalhavam? E se vocês achavam que era muito pesado?

Hum.

Tá, a primeira vez que eu fui é, eu não cheguei a fazer nenhum trabalho pesado, mas a carga horária era muito maior. Eu fazia 12 horas. Não 12, não 14 horas por dia, porque eu entrava às 8 da manhã e saía às 10 da noite e trabalhava de sábado também das 8 às 5. Então em termos de carga horária. Era bem puxado, mas em termos de trabalho pesado. Não era. E eu trabalhava perto porque eu ia de bicicleta, não é? E o bom é que você exercita tal. Então era perto, mas a segunda vez, que eu fui com o Marcos, aí já era diferente, eu trabalhei em lugar perto e lugar longe, mas tudo eles é faziam o transporte é que falam Sogeï (送迎). Então eu sempre tinha alguém para levar, porque não era tão perto da minha casa. Só que no começo eram serviços leves, só que. Como são regiões diferentes, quando você trabalha perto de Tóquio, são serviços mais leves, pelo menos essa experiência que eu tive, são serviços manuais, mas, mais leves. Essa última vez eu fui para uma região que é mais automotiva, então os serviços em si são mais pesados. Então eu trabalhei com um serviço um pouco mais leve, mas ainda era bem pesado. E o último que eu trabalhei eu fazia, trabalhava uma semana de dia, uma semana à noite. É em prejudicar de carga horária.

Não era tanto, porque como você faz os 2 horários, você acaba compensando em termos financeiros. Mas é. O serviço era muito pesado para mim, como eu sou pequena, eu só tenho 1 e 53. E eram peças de carro, era muito pesado para mim, então isso eu senti a diferença.

Vixe, como é que eu vou te explicar? Eu tive todas as experiências possíveis lá no Japão. Já trabalhei a pé, já trabalhei de bicicleta, já teve vez que tinha um transporte para levar e trazer já teve uma época que eu consegui trabalhar por conta própria de carro. Então são várias experiências e a questão de realmente ser perto ou longe faz diferença, mas assim, da mesma forma que foi a parte desse deslocamento também foi experiência com trabalho, eu tive trabalhos leves, mas também tive trabalhos pesados. Trabalhei com peças pequenas, como também com peças enormes. Eu cheguei a fazer garrafinha térmica pequena uma vez, né? E eu cheguei a fazer uma vez suspensão de Pajero da Toyota. Que é uma peça que tem 2, 2 e 20, 2 e 40. Não lembro a medida, que era enorme. Então assim, são várias experiências. Então, assim, coisa bastante pesada, coisa bastante leve, realmente foi um, foram várias experiências.

E como que era a rotina de vocês? O que vocês faziam da vida fora trabalhar? Vocês tinham tempo, tinham disposição para fazer coisas depois de trabalhar?

A primeira vez que eu fui eu era mais nova, eu tinha 26 anos, então assim, tudo era uma festa, então todo mundo trabalhava, mas chegava no domingo, a gente combinava de sair para conhecer os lugares, mesmo que fosse perto. E no Japão tem aqueles feriados, né, que mais prolongados. E aí a gente tentava marcar alguma coisa. Eu tinha tias também perto, então eu ia visitar. Então, a gente trabalhava demais, mas eu acho que a gente meio que aproveitava também as folgas, né? Não era só trabalho. Agora, essa última vez foi bem pesado, porque era só mais para trabalhar, porque as condições aqui no Brasil, que nem a bá (avó) com o ji. Eram mais difíceis, então precisava mandar dinheiro porque o ji já não trabalhava, o ji estava doente, a bá cuidava dele, então você acaba mandando dinheiro, então não sobra para você pensar, Ah, vou passear, vou fazer isso, aquilo. Eu trabalhava de segunda a sexta ou segunda a sábado e fazia ainda arubaito, que é os serviços, extras de sábado e domingo. Para quê? Para aumentar a renda, para mandar dinheiro para o Brasil. Entendeu? Então, assim. Foi muito diferente, uma experiência da outra. A primeira realmente é o que falei: Eu acho que eu fui para conhecer, para aproveitar. A segunda, não. A segunda foi para ficar com o tio Marcos também. E porque foi muito diferente a realidade que estava aqui (no Brasil).

É, foi bastante coisa que aconteceu realmente. Né? Foi mais ou menos assim também a gente quando é mais novo lá, aproveita. Você trabalhava direto também, era das 8 às 10. Trabalhava só, o dia inteiro, mas saía para ir para bagunça à noite. Andava Domingo o dia inteiro. E aí depois Domingo ia dormir tarde para dormir 6 horas para na segunda acordar cedo, mas assim a gente procurava não, não ficar só..., chega 1 hora que você não aguenta, não. Desculpa, no começo é tentar só pensar em trabalho, focar no trabalho. Mas não adianta. O ser humano precisa descansar, repousar, e você acaba fazendo amizade para tentar sair. A gente tenta fazer as coisas. De uma forma que dê para todo mundo poder sair, poder encontrar, poder conversar. Mas se não, você, vamos dizer assim, você fica louco só trabalhando, realmente. Mas é uma experiência assim, bem desgastante realmente até você entender, ou você aproveita ou você trabalha. E assim, o balanço dos dois é difícil. É bem difícil.

Vocês sofriam muito preconceito por ser estrangeiro? Mas é sobre se vocês tipo, sabe,

eu sou descendente de japonês, mas vai pro Japão, tipo se os japoneses enxergavam de uma forma muito diferente por ser brasileiro.

Eu acho que eu só tive um episódio. Eu trabalhava à noite, né? Eu lembro que eu falei que eu fazia e eu parava numa vaga que uma japonesa, amiga do Marcos, falou que eu podia parar, só que a gente não sabia que aquilo não era uma vaga, porque uma japonesa falou que era uma vaga rotativo e ninguém veio falar com a gente. O policial veio bater na nossa porta. E justo naquele dia eu estava sozinha. E eu não entendo muito, não entendo nihongo (japonês) direito. E assim, o cara acabou comigo porque eu não entendi direito. E assim ele falava, humilhando mesmo. E não é porque. É, eu parei na vaga errada é porque eu era brasileira. Então eu acho que foi o único episódio que eu achei que eu sofri um preconceito muito grande, né? Pelo fato de eu ser brasileira. Mas eu acho que foi o único fato.

É, eu tive alguns episódios do início do preconceito, mais por não saber falar. A gente, vamos dizer assim, era a falta de comunicação, a gente querendo explicar e não conseguia. Né? Mas assim, no geral os japoneses tentam ajudar a gente, né? Vamos lançar numa escala de 100 pessoas, uma vem querer te encher o saco, vamos dizer assim, né? Querer te abalar assim, mas assim acontece assim realmente esse episódio, inclusive, que aconteceu com a Nanci foi justamente por falta de informação, né? Aconteceu o episódio, era por causa da vaga, mas ela não entendia o cara, não teve paciência. Realmente o cara foi muito ignorante, né? Mas assim. Eu já tive alguns episódios assim também que. Por falta de comunicação, eu fui mal compreendido. Não carrego raiva disso, mas assim, a gente se sente bem triste né? Por não conseguir, vamos dizer, resolver as coisas por falta de comunicação. E então, não sei se porque, porque é brasileiro, mas um ponto principal. Eu tenho cara e nome em japonês, então, para o japonês era uma obrigação minha saber falar e entender. E muito pelo contrário. Eu não sabia e não falava. Eu não entendia. Aí eu me senti mal, porque acho que na minha cara para eles, eu seria um japonês. Aí eu comecei a entender que eles também têm essa inocência de achar que a gente, por ser descendente, neto, filho, japonês, saiba falar, mas não é essa realidade.

E uma coisa também que reparei, podem ser épocas diferentes, mas quanto mais perto de Tóquio o preconceito é menor, e quando você está mais distante, distante que eu digo, quanto mais interior é maior o preconceito. Quanto mais perto da cidade, menor o preconceito. Eu senti isso.

E como que vocês tipo tinham muitas interações, vocês se sentiam integrados a sociedade japonesa? A gente fez uma entrevista ontem que o moço falou que ele foi também para o Japão e ele não sabia falar japonês e por isso ele sentia que ele ficava meio isolado do convívio com o pessoal.

O pessoal do Japão mesmo, vocês sentiam esse isolamento do resto das pessoas?

A primeira vez não, lembra que eu falei tanto que eu trabalhava com japoneses na linha? Eu trabalhava com uma japonesa do meu lado, e ela conversava e às vezes eu não entendia. Ela brincava, a gente tentava se entender e todas as coisas que tinham da fábrica, que eram para japoneses, a gente era convidado, eles faziam questão da gente. Se integrar, sabe? Ao ambiente, à empresa, né? Agora nessa segunda, eu vivi mais como brasileiro. Eu não tinha tanta interação com japonês, mas o Marcos tinha uma amiga que era japonesa por causa da religião que ele era Gakkain (acho que tem a ver com uma religião que chama Gakka), então, assim, essa senhora em si, ela vinha, né? Conversava, então, talvez o meu contato com o japonês, a segunda vez foi menor, eu tive mais na primeira. Porque onde a gente estava nessa última vez tinha muito brasileiro, então eu quase não tinha contato com o japonês.

Desde início eu também fiquei bem afastado. Não sabia coisa nenhuma do que aconteceu

na cidade japonesa. Fui aprendendo com uns anos. A entender como funcionava a sociedade, o calendário. Mas depois de um tempo, que eu comecei a estudar japonês, comecei a interagir melhor, né? Na época, eu tive oportunidade de conhecer um pessoal da organização Soka Gakkai do Japão. E eles realmente fazendo de tudo para a gente participar e conhecer. E aí realmente mudou. Realmente eu tive uma oportunidade de conhecer bastante coisa e antes de ir embora assim já interagido por também já se virar melhor na para se comunicar assim. Eu não me sentia mais assim tão isolado assim da sociedade, portanto até consigo acompanhar algumas coisas que eles planejavam, faziam. Tenho amigos japoneses, Né? Que realmente fizeram parte dessa história, desse convívio que eu tive lá com a sociedade, mas realmente aí é bem diferente realmente.

E em algum momento que você estava lá, vocês sentiram alguma vontade de desistir e voltar pro Brasil?

Nessa última vez sim, a primeira vez não, mas essa última vez sim, porque, começou a pesar o quê? A idade, porque eu já estava com 37 anos e o serviço pesado em si eu já não aguentava. Eu trabalhava, mas eu vivia com dor, vivia a mulher salonpas, sabe? Assim, cheia de salonpas. E você trabalhar de dia, de noite você não dorme direito. E aí eu comecei a colocar numa balança se isso valia a pena, até que ponto vale a pena você viver em um lugar onde você começa a não ter qualidade de vida? Né? E também porque o ji já estava ruim e tal e eu queria estar mais presente e porque toda a família estava no Brasil. A minha família do Marcos também. Mas começou a pesar o lado profissional, porque eu acho que eu tinha uma profissão. Eu tinha um valor como pessoa e fazia só o trabalho braçal. Você vê que eu sou só mais uma no meio, entendeu? Na hora que eu não tiver boa, ele vai, me troca e pronto. Só que aí eu comecei a ver que aqui eu ia ter uma oportunidade melhor. E qualidade de emprego, de chance, de condições financeiras, porque a gente começou a ver que no Japão estava entrando o Shakai Hoken (Tipo uma previdência, mas os imigrantes iam ter que pagar também), que o pessoal fala, então a gente ia pagar imposto que nem japonês. E aí a gente fez as contas, o quanto a gente ia pagar de imposto, entendeu? E aí eu acho que iam dar 3 salários por ano. Aí eu falei 3 salários por ano, mais os feriados que a gente não ganha quando não trabalha. Eu falei, ah, melhor ir pro Brasil. Porque no Brasil você tem 13º, você tem férias, você tem aposentadoria. Tudo bem que não é garantia de nada, mas pesou muita coisa. E foi quando eu fiz o plano de realmente falar não, vamos para o Brasil porque já não está valendo a pena.

Só complementando o que ela está falando, a mulher salonpas, salonpas seria o gelol do Brasil, em paste, creme ou spray. E o Shakai Hoken que ela está dizendo é o seguro social, igual o americano. São várias obrigações que você tem junto à sociedade. Sinceramente, eu não tinha expectativa de voltar para o Brasil. Minha cabeça era que ia continuar a vida por lá. Que nem eu comentei, de repente você dá um estalo na cabeça, você para pensar o que que vale realmente, se a família, se é a condição financeira que hoje Japão te dá, e aí, justamente esse novo relacionamento me fez enxergar uma coisa diferente. Que seria o que realmente vale pesar na vida da gente. Por isso que a gente tomou a decisão assim, que assim não que era uma coisa ruim, né? A gente já estava adequado e adaptado à sociedade, mas que talvez a questão de oportunidades realmente ia limitar um pouquinho, mas que a gente teria que criar uma nova expectativa, vamos dizer assim. Eu sempre brinco assim: Ah, vamos largar o osso, tipo assim, a gente acaba se acomodo. Aí trabalha, tem aquele dinheiro, consegue as coisas, mas assim falta alguma coisa. Para mim faltou. E foi aí justamente nessa época, e a gente falou assim, não vamos decidir, vamos voltar para o Brasil para poder... foi uma nova etapa, né? E graças a Deus está dando tudo certo.

Como que vocês enxergam esse período da vida de vocês no Japão, vocês acham que foi uma coisa boa? Se vocês pudessem voltar no tempo, vocês fariam de novo? Valeu a pena?

Eu acho que vale a pena, porque eu sou muito do que: Eu prefiro arriscar as coisas na vida e não me arrepender de ter arriscado, né? Falar que nem falar assim, Ah, se eu pudesse voltar no tempo, teria sido diferente? Acho que não. Por que? Porque foram experiências que eu vivi, que eu acho que vale a pena, né? Tudo bem, teve o sofrimento, teve alguns erros, teve alguns escorregões nesse meio de caminho, pode até ter tido. Mas não me arrependo de nada da minha vida, eu acho que tudo conta como experiência. Tudo conta como conhecimento, então não me arrependo.

É realmente, fazendo uma reflexão assim, talvez não mudaria, não. Acho que tudo tem sua época, né? E assim, não sei se seria essas palavras, a gente sofre ou é feliz pelas nossas escolhas. Então, na época, é a escolha que a que eu fiz na época, né? De me arriscar, de querer conhecer. E assim, a expectativa de conhecer o Japão para mim foi muito, muito forte. De eu querer conhecer lá, realmente tinha. Esse tinha essa, essa coisa. Mas não me arrependo, não faria tudo de novo. Queria ter feito algumas coisas diferentes, mas eu não me arrependo de nada que eu fiz não. É que nem a gente falou, a gente tem que estar sempre feliz pelas nossas escolhas, e por enquanto está sendo.

Vocês sentem alguma vontade de voltar para o Japão de novo para morar lá?

Eu, eu não.

É, não vou mentir. Quando a gente chegou aqui, eu fiquei 17 anos direto. Foi uma experiência bem comprida, integrada à sociedade e tal, mas a expectativa do que ia acontecer lá era que eu ia continuar trabalhando numa fábrica. E mesmo assim a gente não pode, talvez, se acomodar, vamos dizer assim. Mas assim, valeu a experiência, né? E a gente chega no Brasil também, a gente toma outro choque de realidade. A gente vê outras dificuldades e volta a ter as dificuldades aqui no Brasil, né? Às vezes fala assim, Ah, eu vou largar tudo para ir para lá, mas a gente para pensar, vê o que vale a pena realmente, a experiência, porque eu agora tenho mais tempo de Brasil de novo, porque antes eu tinha mais tempo de Japão do que do Brasil, agora eu tenho mais tempo de Brasil do que de Japão, então já está começando a ter a vontade só de passear por lá mesmo. Mas não para voltar a viver na sociedade lá.

Eu acho que para o Marcos é mais difícil, porque ficou 17 anos. E também existe aquela coisa, lembra que se perguntou do arrependimento? Eu acho que para ele, quando ele voltou, em 95, quando o pai dele faleceu, o plano dele era ficar no Brasil para estudar. Então, quando a gente voltou, em 2007, eu acho que ele sentiu que se ele tivesse talvez ficado e estudado, a vida dele poderia ter sido diferente no Brasil, entendeu? As oportunidades teriam sido diferentes, mas são coisas que foram escolhas. Por isso que eu falei, eu não me arrependo. Ele falou que também não, mas de vontade de voltar para o Japão, o Marcos eu acho que é mais pelo lado do que? Da facilidade em você adquirir as coisas, sabe? A diferença talvez lá e aqui, assim lá o salário que você ganha mensal, você paga suas contas, você guarda dinheiro e ainda você sobra entre aspas, entendeu? Mesmo você trabalhando das 8 às 5. Aqui no Brasil existe uma disparidade muito grande em termos de salário. Dependendo do seu cargo aqui, você ganha tanto, aqui, você ganha muito menos. Um salário mínimo do Brasil você não vive, um salário mínimo no Japão, você vive. Então eu acho que é isso que ele fala, que às vezes, no começo deu vontade de voltar, porque se ele ficasse um mês lá, ele já conseguia se virar. E aqui foi mais difícil para ele, porque são 17 anos. Ele não tinha uma experiência profissional aqui, entendeu? Então eu acho que é nisso que ele fala, que talvez desse alguma vontade. Mas hoje a gente já está

aqui 17 anos.

Como vocês enxergam outras pessoas que também tem essa decisão de ir pro Japão para trabalhar?

Um exemplo, é a Cristiane, a minha prima, né? Ela quer ir para lá, o plano dela ir o ano que vem. Dela, eu entendo porque ela hoje já tem mais de 40 anos, a oportunidade dela, ela não teve estudo, ela não teve chance na vida. E hoje ela vê assim que ela não consegue viver aqui, sabe? Financeiramente, então. Ela aí eu apoio, talvez para ela seja melhor. É lá, é o que eu falei para você, se você trabalhar no mês, você tem um dinheiro, entendeu? E que ela vai conseguir viver com o que ela ganha. Mas os jovens, eu ainda acho que se você tem oportunidade de estudar, que estude, entendeu? Talvez é mais difícil você também conseguir chegar, mas as oportunidades são maiores. Você pode ir pro Japão ou por qualquer outro lugar com uma profissão, você tem um valor como pessoa, sabe. Porque a maioria vai como dekasegi atrás de dinheiro, atrás de uma condição de vida melhor. Então, por isso que eu acho que jovem, ele quer a coisa muito rápido. Agora, a da Cris é diferente, ela já tem uma idade, ela vê que aquela não consegue, então são pesos e medidas diferentes, entendeu?

Então, como é que eu explico para você? É que nem a gente estava falando, são escolhas, então eu respeito, entendeu?

É bom para você conhecer, é. Vale a pena? Vale. Conhecer uma outra sociedade, uma outra cultura. Só que assim, acho que comentei já, você tem que ir com uma mente muito aberta. Tanto como experiência, como para culturalmente, como experiência como sociedade, se não tiver um coração muito aberto, você não consegue lidar bem com algumas coisas. O japonês é muito certinho, é muito quadrado, né? É assim, é assim que funciona e assim tem que ser lá para eles, então até para como você vai aprender alguma coisa ele te ensina. É 123 ABC. É 123 ABC. Aí você conforme você aprende o jeito, você quer fazer 12 AB, depois você faz 3 C, que fica mais rápido para você montar e fazer. Mas até você conseguir fazer isso para o japonês, você tem que primeiro conquistar confiança dele. Ou seja, você tem que fazer do jeito que ele te ensinou e mostrar pra ele que você aprendeu a fazer do jeito que ele te ensinou. Quando você alterar, ele não vai achar ruim, porque sabe que você já dá conta. Do que ele te ensinou. Na sociedade japonesa também é uma sociedade de muito respeito e principalmente em relação aos outros, e aqui no Brasil, esse respeito aos outros é muito pequeno. Né, existe uma cultura muito forte de que os incomodados que se mudem. É uma pena, porque para o japonês não é bem assim que funciona, né? Para o japonês, é ruim você incomodar os outros. Então, assim, cada um tem uma decisão, se você está disposto a aceitar essa mudança. Parabéns. Vai de coração aberto. Agora chegar no Japão e falar que japonês não respeita brasileiros, japonês tem preconceito com brasileiro, mas é o contrário?. Você está respeitando a sociedade japonesa? Você está respeitando o jeito de pensar japonês? Estou falando isso de coração, porque eu também cheguei desse jeito no começo, tá? Eu não entendia o japonês, depois eu entendi que não é o japonês ter que me entender, é eu que tenho que entender o japonês, a sociedade, as regras, as leis, as culturas, os valores. E preciso respeitar também principalmente eles, porque quando você começa a respeitar, eles respeitam até a nossa cultura. Aí eles querem conhecer a nossa cultura brasileira e eles vêem assim quanto é diferente e a disparidade que tem de uma cultura para outra. Mas assim é fantástico quando você respeita, é fantástico quando você mostra a sua cultura também. E o japonês fica admirado também porque tem muita coisa boa no Brasil, igual o Japão.

É, deixa eu só comentar uma coisa, é, tem uma amiga nossa que ela tem um filho de. Acho que 18 a 19 anos ele terminou o colégio e ele não queria estudar. Mas também não queria

trabalhar. O que que ela falou? Assim, ficar sem fazer nada, você não vai. Então você vai para o Japão. Ele ficou um ano lá, ele voltou agora é?

O que que acontece. Ele entendeu como é a vida no Japão. Ele voltou com outra cabeça. Ele falou, eu vou estudar, entendeu? E depois que eu falo o seu amigo, pode ter sido uma experiência diferente, mas você vê uma pessoa nova que que não entende é. Que talvez não tenha necessidade de realmente financeiramente é, mas também não quer nada com a vida. Vai para lá. Ele entende o que é trabalho físico, sabe trabalho pesado, é braçal. E aí ele dá em ele dá a devida importância ao estudo. O que você pode trabalhar daqui para frente sem ter a necessidade de correr atrás de dinheiro, entendeu?

Apêndice 16 - Transcrição da entrevista (Natália)

Apresentação

Bom, eu sou a Natália, eu tenho 36 anos, eu sou sansei. E sou psicóloga formada, né? Trabalho com psicologia, trabalho com arte terapia também, trabalho com artes também, passo por essas 3 áreas assim, né? Basicamente na terapia, nas artes, eu trabalho principalmente com o teatro, com artes cênicas. Então tenho uma trajetória, tem um curso técnico em teatro, uma trajetórizinha ali, um pézinho também na atuação. E bom, eu sou uma mulher asiática, amarela. Tenho o cabelo preto, liso na altura do ombro e tenho um rosto mais arredondado com uma manchinha na bochecha direita e estou usando uma camiseta preta. No fundo daqui, atrás de mim, tem uma estante amarela e um pedacinho, acho que dá para ver um pedacinho de um teclado também.

Perfeito, perfeito.

Diz que é isso, foi isso.

Incrível, está ótimo, nunca tinha feito, é. Está ótimo, está ótimo? É, vou puxar as perguntas aqui e a gente agora começa, vou fazer as perguntinhas que já te mandei mesmo. E aí, enfim, a gente vai conversando, tá? Agora é a primeira pergunta que eu te mandei foi,

1. Quais foram as suas memórias de pessoas japonesas nas TVs, nos cinemas, jornal?

É, então, eu pensei bastante, porque eu acho que tem uma ausência assim de memórias mesmo, de uma referência. Aí pensei muito. Fiquei pensando e me veio Sabrina Sato, que eu acho que era criança, adolescente, quando teve o BBB, e aí eu assisti o BBB dela, e então eu acho que teve uma referência. Aí virava, né? Todas as meninas asiáticas eram a Sabrina Sato da escola e aí virava meio que essa primeira referência que me veio na cabeça, sim, tentando pensar, resgatar. Eu sei que hoje tem a Ana Hikari também, né? Com... não sei, pensei um pouco mais nessa área de entretenimento, de atuação. É. Me vieram essas pessoas, mas acho que a Sabrina veio bem antes, né? Então.

Por aí hhh aí.

2. Eu queria te perguntar, quais programas que você assistia que foi marcante na sua infância e adolescência? Não precisa ser programas japoneses ou programas com pessoas japonesas, mas sim o que que te atraía quando você era criança, adolescente.

Está é porque a minha, a maioria das minhas referências, não tinha muitas pessoas asiáticas ou vindas, ou... na verdade, assim tinham alguns. Acho que quando eu era criança eu gostava muito de desenho. Então todos os Disneys. É, Tom e Jerry e esses desenhos que passavam na TV aberta mesmo. E também tinha o Totoro. O Totoro foi assim, aí eu tô batendo no microfone, eu acho... mas enfim, é. Acho que o Totoro foi um dos desenhos que eu assisti muito, marcou bastante também. E tinha uns desenhos assim, Pokémon, Sakura,

Os Cavaleiros do Zodíaco também assisti, então tinha uma coisa um pouco misturada, mas também tinha bastante desenho Disney, é, enfim, Pica-Pau é, esses desenhos. É, e assistia muita TV Cultura também, assisti bastante Castelo Rá-Tim-Bum, X-tudo, e aí mais na adolescência. Acho que Harry Potter foi uma referência muito grande, primeiro, né? Fui da geração que pegou os livros saindo assim, acho que eu tinha 11 anos quando lançou o primeiro livro, que o Harry tinha 11 anos. Foi a geração que acompanhou, que cresceu junto. Então, acho que foi algo que me marcou assim. Daí depois vieram os filmes e tudo. É, acho que essas são algumas das referências. Seriado, assisti muito Friends, acho que já era um pouquinho mais adulta, mas... Quer dizer, a série era mais antiga que isso, tá gente? Mas assim. Mas eu fui ter acesso, fui ter o contacto e aí assistia, maratonava e tudo. Friends também me marcou bastante de referências já um pouco mais velha.

Legal é aí.

3. Eu queria te perguntar então, se pensando um pouco no passado mesmo, né? No audiovisual que você consumia lá atrás, pelo menos uns 10 anos atrás para mais, e no audiovisual de hoje em dia, se você sente que tem alguma diferença nas representações amarelas, seja na quantidade, ou seja, mais pessoas em tela, em seriados, em personagens ou em jornal, sabe, jornalistas ou pessoas reais e a qualidade dessas representatividades, então, é, se foi muito estereotipado os programas ou se está melhorando essa comparação de 10 anos atrás para hoje?

Posso dar uma colada rapidinho? Porque eu dei uma pesquisadinha em algumas coisas para não ficar, não dá branco na cabeça na hora, é?

Pode ficar tranquila.

Tá.

Ah. Pá. Tá, é que eu dei uma pesquisada no ano das coisas. Assim que eu fiquei, assim tá. Tem essa representação que é problemática, que ano que foi isso? Aí eu dei uma... como uma boa pessoa amarela, dei uma pesquisada antes nas datas. É eu acho que assim, essa pergunta me leva para um lugar ambivalente, eu acho, na verdade, porque é, eu acho que tem um avanço, até pelos debates terem avançado. Na verdade, eu fiquei até me perguntando, “será que o debate avançou? Ou será que eu que cheguei nesse debate, eu que tive acesso a esse debate que não tinha antes, que eu não tinha antes?” Né, mas eu acho que tem alguns avanços, tipo, não só na TV, no audiovisual, [...] Vou formular melhor, eu acho que tem um avanço até no sentido de a gente acessar mais conteúdos de audiovisual feitos assim, “Parasita” na Coreia, né? Assim, então a gente... esqueci de novo, acabei de olhar o nome e esqueci. Hmm tá. Tem o filme recente de 2023, que é “Dias Perfeitos”, né também. Então tem audiovisual que são produzidos lá, na mais, em países asiáticos, que então a gente está começando a ter mais entrada no Brasil, então acho que isso traz também uma outra forma de olhar né, porque a gente consegue... É diferente, uma produção audiovisual feita por brasileiros, às vezes que não tem ninguém, nenhum descendente, nenhum asiático na equipe, dizendo “ah, como será que seria? Vamos botar um personagem japonês”. E aí é aquele bem estereótipo, é diferente você consumir uma produção feita dentro de uma outra cultura, e isso tem começado, acho que muito timidamente, mas eu sinto que tem começado. A gente consegue ouvir falar, a gente consegue, sei lá, tá no Oscar, tá no cinema. Né? Então a gente começa a ter mais acesso a essas produções. É, e acho que também... não sei. Eu fiquei pensando em alguns personagens, mesmo no Friends, que tem uma personagem que eu lembro que na época para mim foi... e acho que tem até mais de 10 anos. Por isso que é ambivalente, porque tem coisas de mais de 10 anos atrás que eu achei, “puts legal isso”. E tem coisas mais recentes que gente... “Que que complicado, né?” Porque, por exemplo, no Friends tem uma personagem que é a Julie, que é namorada do

Ross. Acho que na primeira, segunda, realmente sou fã. Primeira, segunda, final da primeira temporada, início da segunda, que ele, o Ross vai fazer um trabalho na China e aí ele volta namorando essa moça, né? E aí a Rachel, quando ela conhece a Julie, ela fala bem devagar assim, “olha bem-vinda ao nosso país”, porque ela é asiática, veio da China e tudo. Aí ela diz, “muito obrigada, eu sou de Nova Iorque”, nessa cena eu me senti representada, porque é muito isso assim, né? Essa vivência de estrangeirismo que a gente tem enquanto descendentes assim, “não, eu sou brasileira”, “Ah, não, você é japonesa” porque olho puxado é japonês. Então é uma cena que acho que representou bastante as pessoas descendentes que moram em países ocidentais. E é muito mais antiga, mas tem algumas representações mais sei lá, eu fiquei pensando em duas polêmicas que rolaram, que eu acho que rola na militância asiática, que rola nos debates que... um é o, acho que é “O Sol...”, como que é o nome da novela? Eu anotei também. Espera aí. “O Sol Nascente”. “O Sol Nascente”, novela 2016 da Globo, que a Giovanna Antonelli era a personagem principal, era uma personagem amarela e ela não é uma atriz amarela, né? Então, o yellow face, né. E uma polêmica do “Ghost in the Shell”, que é de 2017, então também menos de 10 anos. Que colocaram... Eu vou falar o nome dela errado. Eu não sei se eu tô atrapalhando muito a edição de vocês depois.

O problema é dele, eu não vou editar nada.

O Tiago está sofrendo. É. É qual é, desculpa. Jun é, Jun está sofrendo, é.

Não tem problema. Mas pode ficar tranquilo, é de verdade.

Tá. Scarlett Jo... Ixi eu vou falar o nome dela errado. Ai que, passar vergonha no documentário dos outros. Scarlett Johansson, né? Scarlett Johansson. Você só coloca se eu falei certo, se não pode cortar. Que é uma atriz que né? Foi escalada no “Ghost in the Shell” para fazer, para chamar público, né? Só que aí, a justificativa “ai porque é um robô. Então o robô pode ser, pode ter traços mais ocidentais ou pode ou não”. Mas não é sobre isso, é sobre uma produção asiática e a gente poder se ver naquela produção e dizer “não, mas por uma pessoa branca, porque é isso, porque vai atrair público de alguma forma”. Então essas... A gente ainda vê questões problemáticas há menos de 10 anos né no audiovisual de uma forma geral. Mas tem esses, mas ao mesmo tempo tem mais acesso a outras produções, né? Como eu falei a produções asiáticas mesmo, de cinema japonês, o cinema coreano, né? As.. É que eu não acompanho muito seriado hoje em dia, mas eu sei que os doramas, né? É que eu acho que vai aproximando também um pouco e vai diversificando o que que é a vida de quando a pessoa para e pensa, “ah, vou pensar numa pessoa chinesa”, qual que é o estereótipo, qual que é o imaginário que chega naquela pessoa? E aí acho que podendo consumir, ver outras vidas, ver outras formas de vida, ajudam esse imaginário ir ampliando, dizendo “pode ser assim, mas pode ser de outro jeito também”. Né? E... tinha mais alguma coisa nesta questão... Ah sim, eu acho que uma outra coisa que ajuda, pelo menos me ajudou nos últimos 10 anos, porque eu fui ter acesso a todos esses debates e tudo o que implica isso em termos de pertencimento, identidade na minha vida há muito pouco tempo. Porque eu comecei a ter acesso a esse tipo de debate, de representatividade. Assim, o debate da representatividade eu já tinha acesso para outras identidades, para outras questões e até com psicóloga eu sempre buscava estudar sobre porque, né? Se eu vou atender uma pessoa racializada, eu preciso entender que a vivência dela vai ser diferente do que a vivência de uma pessoa branca. Então eu já estudava sobre, mas me entender dentro dessa, entre essas pessoas que também de repente eu olhei e disse, “nossa, acho que eu estou estudando sobre mim mesma e eu não tinha me dado conta”. É, e eu só fui ter acesso a isso porque eu comecei a ter acesso a debates de militâncias asiáticas, de militantes asiáticos nesse sentido. E acho que eu fui ter acesso a isso, graças também ao audiovisual, principalmente através de YouTube e Instagram. Aí eu sei que hoje em dia tem o TikTok, tem falado reels, né? Que

é no Instagram. É, tem perfis de pessoas asiáticas produzindo conteúdo. Às vezes sobre a, então eu já vi esquetes de humor. É questionando, problematizando isso “ai japonês é tudo igual”, não sei o que. É... e já vi também, eu descobri, na verdade, vou até, vou dar o crédito para as pessoas de direito. Eu descobri a essa que todas essas questões e todo um estudo que já acontecia que eu não tinha me ligado, mas que já acontecia, que já acontece, né? É acadêmico graças a um canal do YouTube. É uma produção, produções audiovisuais. O canal se chama Yo Ban Boo, que eu acho que no YouTube eles não estão mais produzindo conteúdo, mas eles ainda produzem conteúdo na no Instagram, e vão juntando publicações de livros, professores universitários que estudam o tema e vão trazendo, trazendo debate. E foi aí, foi entrando em contato com esse canal, com essa produção audiovisual que eu me liguei, que eu acho que isso também é um ganho recente, essa democratização que a internet traz, assim. Tem muito problema na internet, mas isso eu acho que é um ganho. E é recente, né? Pelo próprio movimento que a gente vive, da internet, desses vídeos cada vez mais rápidos e tudo, e de muita gente produzindo muito conteúdo, de poder ver pessoas asiáticas produzindo conteúdo também, seja trazendo o debate, que eu acho que para mim foi importante. Foi isso que me acendeu a luz, né? De “acho que eu vivo isso aí que eles estão falando” e quanto pessoas produzindo conteúdos de humor, produzindo conteúdo sobre qualquer outra coisa, só que o rosto de uma pessoa asiática ali fazendo isso, né? Então eu acho que isso também foi interessante, é? É ambivalente por isso, assim, eu acho que tem ganhos, mas acho que tem problemas, né?

AI, nossa, muito legal, muito legal. Adorei, adorei.

Ai, que bom.

É, Ah, eu mandei, tipo. Acho que eu mandei algumas perguntas até que tipo, chegam a conversar muito com o que já foi dito?

Um.

Queria perguntar, ah, eu vou seguir aqui. Mas depois de fazer outras perguntas assim, né, que acho que tem contexto, eu queria perguntar se... está tudo bem?

Uhum.

Tá.

4. É, queria perguntar se você se sente representada. Eu acho que você já falou sobre isso nessa última pergunta, mas, tipo, se você hoje se olha assim, quando você vê uma personagem amarela, você olha e fala tipo “eu me enxergo nessa personagem”, ou você ainda acha que tipo tem muito distanciamento por causa do estereótipo?

Eu acho que ainda tem bastante a caminhar. Eu diria assim. É, eu acho que até nas redes menos, né? Quando é algo produzido por pessoas asiáticas. Mas eu acho que tem muito essa diferença de quando é essa coisa clichê, clássica, mas quando tem alguém na equipe que tem a vivência, é muito diferente para a construção, não só para atuação, mas para a construção de roteiro, para entender que às vezes são coisas muito sutis. Assim é do jeito da pessoa falar e do jeito de se relacionar e que faz toda a diferença para a gente se enxergar nas pessoas, né? Então acho que tem muita caminhada nesse sentido de ter pessoas amarelas nas equipes assim. E, às vezes acho que ainda falta na produção, principalmente de entretenimento, “ah eu quero colocar um personagem japonês”, e é isso. E qual que é o meu imaginário. E vou, assim, acho que quanto mais, é isso que você falou, quanto mais estereotipado, mais distante, fica para a gente. Né? E eu acho que ainda falta bastante de quantidade, mesmo, assim, de quantidade, de diversidade. E aí falando de cinema ou de seriados, porque eu acho que o estereótipo ele pega muito também num lugar de, é isso assim, é como se fosse, ah, “não, tá tudo bem, porque eu sou eu sou diverso no meu elenco, porque tem aquele ali que está representando.” E aí, quando a gente tem uma pessoa

representando, essa pessoa não vai dar conta. Aquele personagem não vai dar conta de tudo o que é possível uma pessoa amarela viver assim, né? Então, acho que falta muito nesse sentido também, da gente poder se ver fazendo coisas diferentes. E eu acho que principalmente de estereótipo, acho que o personagem asiático, superinteligente, nerd. Eu acho que esse é o top dos estereótipos. Ou então, quando é um personagem mais velho, é o senhor Miyagi, né? Aquele velhinho sábio que vai saber tudo sobre, e que vai ser mais rígido. Mais assim, geralmente se personagens mais rígidos também, né, geralmente são associados à vivência asiática. E é isso que vai sendo contado para as pessoas, “ah, as pessoas amarelas são assim” e é assim que elas vão se relacionar com a gente. Então, e acho que assim, mais grave do que isso, é assim, pelo menos na minha vivência foi isso, é assim que eu passava a me relacionar comigo, né? E aí eu acho que isso que foi o que explodiu a cabeça quando eu tive acesso a outros debates, né? Porque às vezes eu não queria ser entendida daquela forma, porque não era quem eu era. Mas eu não via, assim, no audiovisual não via possibilidades muito diferentes. Então é. Enfim, eu já estou entrando na outra pergunta, mas aí é.

5. É falar sobre isso mesmo, sobre tipo, o quanto esses estereótipos influenciaram na sua vida, né? Enquanto o pessoal amarela vivendo no Brasil, quanto esses estereótipos você vê que eles marcaram a sua vida, positiva ou negativamente. Se tiver alguma coisa positiva é de pessoas falando lidando com você e de você lidando comigo mesmo. Tipo, queria que você falasse mais sobre isso mesmo.

Tá. Acho que antes eu vou só comentar um pouquinho mais de uma coisa que eu sinto que falta porque eu falei um pouco, eu acho que da diversidade de vivências. Então assim, ah, uma pessoa, uma mulher sensei, por exemplo, né? Que me representaria, pode ser, como fui muito cobrada ao longo da minha vida, ah, super da exatas e fazer engenharia e não sei quê. Nossa, meu terceiro ano era assim. Que será? Eu fui fazer humanas, não é? Eu fui fazer humanas, depois fui me meter em artes, em teatro. "Que você tá fazendo de humanas? Você não tem que fazer humanas, você tem que fazer engenharia, né? Pô, você manda bem exatas, então é por quê?" E aí também era isso, assim, por que você manda bem exatas? Porque eu estou estudando, porque eu preciso passar no vestibular como qualquer outra pessoa da minha sala? Não, é porque você é japonesa, japonês, parece que está no sangue, né? Vem as fórmulas. E hoje em dia, inclusive, se me perguntar qualquer fórmula, não sei mais nada. Porque já faz um tempinho, né? É, então eu acho que tem esse padrão de estereótipo que vai sendo cobrado da gente nas nossas relações. É, mas acho que também uma outra diversidade que eu não queria deixar de lembrar, porque talvez não seja tanto a minha questão, mas eu acho que é algo importante, é que dentro do de uma noção de pessoas amarelas além disso assim, ah, eu sou uma pessoa amarela, eu sou uma mulher descendente de japoneses. Sou sansei. Sou nortista, inclusive, acho que esqueci de falar isso no início, eu nasci em Belém do Pará, moro em São Paulo aqui há 11 anos. E sou psicóloga e trabalho com, faço teatro e eu posso ter essa vivência, assim como uma outra mulher sansei poderia ser engenheira e está tudo bem. E são possibilidades diferentes, porque somos pessoas diferentes, somos seres humanos diferentes. Então a gente, poder ter isso assim, né? Ter a, “ah, OK, tem a pessoa amarela mais certinha”, que é o estereótipo padrão. Mas tenha pessoa da pavorada que vai, que não vai seguir regra nenhuma e está tudo bem, porque nós somos assim. Nós temos essas possibilidades, como outras pessoas também. E acho que mais uma outra coisa que é importante também é que mesmo dentro do espectro, né? De pessoas asiáticas, a gente tem diferenças, inclusive culturais. Então poder ter essa distinção também, aí são personagens chineses, ou uma personagem descendente de chineses, ou é uma personagem brasileira que descende de coreanos, ou... E isso tem um

background cultural que é totalmente diferente do japonês, né, e geralmente é colocado todo mundo lá, “olho puxado é japonês” né. Então, e inclusive dentro dos japoneses, dentro do que hoje é configurado como o Japão, a gente tem muita diversidade, as muitas diferenças, então é muito diferente, sei lá, a minha avó veio de Kiyoto, é diferente se ela tivesse vindo de Okinawa, por exemplo. Que tem uma outra cultura, que tem uma outra, inclusive a tonalidade de pele, outro fisionomia, outra forma de expressão, de artes, de tudo, né? De compreensão de mundo. É que tem a coisa da colonização no caso, né? Mas o povo uchinanchu é totalmente diferente. Então, asiáticos amarelos, asiáticos marrons, a gente tem uma gama de diversidade. Aí quando a gente fala “ai, vamos colocar um...” pensando no diretor, sei lá, numa equipe que seja bem estereótipo, “ah, vou colocar um personagem asiático para dar a coisa da representatividade”. Aí vai provavelmente colocar uma pessoa descendente de japonês, o descendente japonês com a pele mais clara. E esta pessoa tem que dar conta da vivência de uma diversidade de pessoas, que não vai dar conta. Então eu acho que eu quis também pontuar isso assim, né? Com contato com a militância asiática, eu fui estudando um pouco, eu já estive em Okinawa, assim como já estive em outras partes do Japão. E é muito diferente. E são culturas. E é muito rico ser muito diferente, né? Não consigo citar uma pessoa, uma produção, um filme, uma série que diga, é, que esteja popularizado no Brasil e que diga, “ah não, essa pessoa é uchinanchu”. Eles vão dizer “que? Que que é isso?”, não é? E é toda uma cultura diferente, né? Então eu acho que dentro da militância, inclusive, tem um... e que às vezes é aceito ou não aceito, por exemplo, em, mesmo em associações Nipo, né? Então essa diversidade não só de “ah, a pessoa amarela pode fazer muitas coisas”, mas são muitas pessoas amarelas, e às vezes não amarelas, asiáticas mais marrons, de outros backgrounds culturais. E acho que isso também não é representado, acho que isso falta bastante também.

6. Acho que das que tem no roteiro, né? A única que eu ainda não abordei é tipo, o que que vocêalaria assim para as pessoas do audiovisual brasileiro? Tipo, nós que trabalharíamos, né? É, o que que você acha que pode melhorar aí nessa questão da representatividade amarela? Aí depois disso aí a gente continua o papo aí com o que vier.

Tá bom. É, eu acho que assim, quanto mais é diversidade, melhor. Porque é isso, acho que isso é um dos elementos dos estereótipos, dos preconceitos, dos que, eu assim tem um, eu não vou saber citar da onde que eu tirei isso, mas com certeza não fui eu que estudei isso. Mas em um desses, né? Estudando sobre, assistindo vídeos sobre, esses debates traz essa noção de que quanto mais... Porque aquilo assim, principalmente falando de representatividade de no audiovisual, né? É, e até falando um pouquinho, acho que eu não tenho tanto falar na minha experiência como atriz nesse sentido. Mas de uma forma geral, é aquilo assim, se tem um ah, por que que me diz assim? “Ah, tem um personagem que vai ser asiático”, aí geralmente entra naquele estereótipo. Por quê? Porque o resto é branco e o branco é neutro. Só que o branco não é neutro, não é sim, se a gente for pensar, mas estruturalmente a gente lê a pessoa branca como é o neutro, e os outros são racializados. E aí dentro disso, é como se tivesse que ter uma justificativa no roteiro de porquê é que aquele personagem asiático, mas não tem uma justificativa de porquê que aquele personagem é branco, ele só é branco porque é. E aí assim, esse medidor assim, de privilégio estrutural, não é, tomar cuidado com essa palavra, mas assim. Um medidor de acessos talvez é, e a isso estrutural de sociedade, é que quanto mais, quanto mais acesso, quanto menos acesso nesse sentido, mais um indivíduo começa a representar a toda uma categoria, né? Então, por exemplo, ah se eu sou uma pessoa, se uma pessoa branca vai bem em matemática, aquela pessoa branca, assim, quanto mais privilégio social, mais direito à

própria individualidade a pessoa tem. Então, se uma pessoa branca, ela vai bem exatas, aquela pessoa branca vai bem exatas. Se eu vou bem em exatas, as japonesas, os japoneses, que daí não é nem brasileira, não é? As pessoas asiáticas... Então assim, é muito pesado, né? Eu estou representando, tem que dar conta de representar todo mundo. E não vou, porque essa é a minha vivência individual. Ou é enfim, né? Hoje em dia, não, não mais, não. Vou bem mais em exatas, mas é... E então acho que abordar a diversidade dentro da nossa vivência, eu acho que é uma coisa que faria bastante diferença. Às vezes eu acho que poder abordar por esse assim, eu acho legal as 2 coisas, acho que as 2 coisas contribuem. Pensando, eu estou pensando em audiovisual de séries, de filmes, dessa indústria do entretenimento, não é? Então eu acho que tanto poder ter vários “ah, então vou abordar questões da vivência de pessoas coreanas, ou desta pessoa coreana, ou desta cultura ou desse aspecto que vai ser diferente”. Poder abordar raízes diferentes entre pessoas asiáticas. “Vou abordar os japoneses de Kyoto, não, vou abordar japoneses de Okinawa, não, vou”. E mostrar como essa vivência é diferente, mas também poder abordar a vida dessas pessoas sem precisar focar na questão racial também. Às vezes é legal poder focar na questão racial e dizer, “nossa, isso me trouxe um apagamento na minha vivência. Isso me trouxe questões de identidade ou de ancestralidade que eu precisei resolver depois”. Eu mesma isso, no caso. E poder abordar vivências nesse sentido, como que a racialização, como que ser sermos pessoas racializadas no Brasil impacta na nossa construção de identidade. Mas também poder ter seriados, ter filmes, ter produções audiovisuais que não é sobre isso. É só que aquele personagem está lá e que aquele personagem existe, porque nós existimos, estamos na ali. E poderem ser pessoas muito diferentes, muito diversas, não é? Então pode ter o aluno primeiro da classe, mas pode ser o que quer zoar a classe e está tudo bem. E pode ser o engenheiro e pode ser a pessoa que vai fazer teatro, entendeu? Porque daí acho que isso mostra a diversidade, nós podemos. É estar em outros espaços nesse sentido, né?

7. É então, agora que eu já fiz as perguntas que estava naquele roteirinho. Eu vou continuar aqui fazendo umas perguntas então, quero então conversar um pouco sobre o seu trabalho como atriz. Queria perguntar, então, aí não precisa ter tanto foco nessa vivência amarela, né? Tipo, o que te motivou a ir para a área da atuação da área de ser atriz?

Ai eu acho que as artes de uma forma geral, assim, é sobrevivência emocional, assim, é sobrevivência no mundo, para mim faz muita diferença. É que acho que é um lugar de expressão. Eu sei, eu sempre tive arte na minha vida de alguma forma, eu já participei de banda, por isso que eu tenho um tecladinho aqui, já participei de coletivo de pintura, de camisetas, de caixas de madeira. Eu sempre me meti em alguma coisa de artes. Quando eu me mudei para São Paulo, tem 11 anos. Eu não sei nem explicar muito bem porque, mas eu senti que eu estava precisando dessa expansão, não sei. E aí eu falei, “nossa, acho que eu preciso fazer teatro”. E aí eu comecei a procurar. Aí comecei a buscar cursos, a princípio trabalhos assim, espaços mais centro cultural, uma coisa mais pontual assim. Aí eu disse, “não, eu acho que isso é uma coisa que está me encantando. Eu acho que eu preciso fazer, estudar um pouco mais sobre isso mesmo”. E aí eu comecei, eu fui buscando cursos, aí fiz um curso técnico. E eu não sei nem explicar, mas é porque é uma sensação, é uma sensação de estar, de se colocar em cena. De poder, acho que muito clichê falar assim da atuação, mas é muito verdadeiro assim esse poder de fato, sentir e viver. Acho que não é nem o viver outras vidas né o clichê “ah, a gente pode ser várias pessoas porque vários personagens”. Mais, mas eu acho que é o poder sentir outras partes de mim que talvez ou não sejam tão autorizadas socialmente, eu brinquei assim quando, depois desse processo de pandemia que eu fiquei distante do teatro, quando a gente começou a retomar um pouco mais o os

contatos, eu comecei a buscar algum diretor, que tipo alguém está fazendo alguma produção, me encaixa junto só para eu, “pelo amor de Deus, eu preciso desse espaço de volta”. E aí brincava assim, “eu preciso de um espaço que eu posso gritar e ser autorizado socialmente, ser aceito socialmente”. Então eu acho que poder se relacionar com partes da gente que, com emoções, com vivências que são nossas também, porque são do humano, é. E, num espaço que... o gato participando.

[Tentando tirar o gato da sala]

8. Dando sequência aí, né, nesse trabalho de atriz, a gente já conversou sobre pessoas amarelas existirem e não precisar de um motivo, mas eu também queria saber, (olha o gato aí) também queria saber se você em algum momento já imprimiu a sua identidade amarela em algum personagem, algum roteiro, que tipo você pensou por, na minha vivência amarela eu gostaria que nesse trabalho tivesse essa vivência.

[Tentando tirar o gato da sala DE NOVO]

É interessante. É, eu acho que eu nunca fiz um trabalho que o objetivo fosse falar da minha vivência como pessoa amarela e eu acho que tem a ver um pouco com a ideia de que eu, quando eu produzo um roteiro, eu quero que, que no audiovisual, no trabalho do audiovisual, eu faço roteiros também. E eu quero que seja assim, um rosto que está ali como um rosto de uma pessoa branca, existindo e podendo ser várias coisas, não precisando ser a pessoa amarela, a pessoa japonesa, podendo ser muitos padrões de personagens diferentes. E eu acho que tem também que eu fui tendo contato, eu já fazia, eu já trabalhava como artista antes de eu descobrir, de eu fazer. Acho que esse entendimento de pessoa amarela é muito recente para mim. Então também não tinha essa consciência de trazer isso de uma forma mais “não, eu quero produzir um trabalho”. Ainda não aconteceu de “ah, eu quero produzir um trabalho sobre a minha história, porque sou uma pessoa racializada e isso impacta na minha construção de identidade”. Acho que eu nunca fiz uma produção assim. Acho que de alguma forma, mesmo sem ter contato com esses debates, eu já tinha isso na minha cabeça de que eu não queria destacar e dizer assim, “ah, esta pessoa é a pessoa amarela”, não, assim, é uma pessoa que está ali convivendo como as outras, né? Mas então, de alguma forma eu já tinha isso, mesmo sem ter com tanto contacto com esse debate de construções de identidade e tudo. É, mas acho que é isso, sim. Nunca fiz algo voltado para o fato de ser uma pessoa racializada.

9. É, eu acho que sobre teatro era mais isso, né? É, queria falar um pouco agora sobre produções asiáticas. Queria perguntar assim, de maneira bem leve mesmo assim, tipo, você consome animes, doramas, mangás, seriados, filmes japoneses, chineses, coreanos e, se você gosta, tipo também tudo bem se não gostar, se não foi do seu estilo.

Acaba que o consumo pronto hoje em dia. Eu acho que se tem mais acesso, como já falou, mais é. Eu não sei. Acho que eu acabo não consumindo tanto assim. Acho que quando eu era mais nova, eu consumia um pouquinho mais de mangá, de desenhos assim, mas hoje em dia, consumo bem pouco mesmo assim.

10. É, a gente conversou mas tipo, como não está no documentário. Eu queria perguntar, então, o que você acha de estar dando mais palco, mais acesso a esse tipo de produção, como em televisões nacionais, plataformas de streaming, ter mais acesso a esse tipo de conteúdo para as pessoas tanto amarelas, que assistem, nós japoneses assistindo programas japoneses, quanto também para as pessoas brancas ou não amarelas, né? As pessoas que não são amarelas. Têm esse contato com outra cultura, as outras produções que que você acha sobre isso?

Eu acho que é um passo importante. Eu acho que é um passo meio importante. Acho que tem outros, porque eu acho que com esse passo precisa vir o debate, que eu acho que está vindo também por outros caminhos, né? É, tanto que eu fui ter acesso a esse debate muito recente. Mas eu acho é importante para a gente se ver e eu acho que é importante para pessoas não amarelas olharem dizer, "ah, então não é só o nerd da escola. Ah, então não é só o senhor Miyagi. Ah, então podem ser muitas vidas diferentes e muitas formas de culturas diferentes". Então eu acho que é importante, mas é importante vir com o debate, porque também já acho que também eu ainda estou nesse processo de me aproximar um pouco mais dessa ancestralidade, porque tem vezes que me irrita um pouquinho umas coisas. Que é isso né, que eu falei da Sabrina Sato, "Ah, tem a Sabrina Sato, legal. Então todas as meninas asiáticas eram a Sabrina Sato", e aí já ouvi algumas vezes assim. "Ah, é nossa, estou assistindo um drama. Lá tem uma personagem que é a sua cara". Por quê? Porque ela teve puxado. E aí, às vezes acho que isso me irrita um pouco, então às vezes eu tenho ainda uma resistência ao consumo. Mas eu entendo que não é pela obra, é pela forma que as pessoas vão às vezes absorvendo isso também por uma questão estrutural. Mas às vezes me irrita. Já aconteceu que nem eu falei dos reels, dos tiktoks, que têm pessoas asiáticas produzindo. E às vezes não para falar sobre, mas já aconteceu também de amigas mandarem "nossa, eu vi esse vídeo, achei que era você". Porquê? Porque é uma menina de olho puxado, que não é nem do Brasil, que assim é um negócio que eu falo o seguinte. "Legal", mas assim... acho que precisa vir acompanhado de um debate nesse sentido de... "Por que a pessoa que tem o olho puxado é lida como a mesma pessoa? Por que que a gente é tudo igual?" Não é, não é tudo igual, né? Se pegar duas pessoas brancas de olhos claros e cabelo loiro, ninguém vai dizer, "ah, é a mesma pessoa, não sei diferenciar".

[Pausa para o gato]

11. Aí também só queria fazer mais uma pergunta, então aí gente já encerra por aqui mesmo. Queria perguntar então, não sei nem se isso vai no documentário, mas eu acho que seria muito legal poder inserir isso. Como foi a sua vivência enquanto uma pessoa do norte, né? A gente entrevistou só pessoas da cidade de São Paulo, então eu acho que é um recorte de vida diferente. Como foi essa vivência enquanto nipo descendente no norte, no Pará e tal.

[Pausa para o gato]

Eh, bom, eu acho que assim, eu acho que eu tenho particularmente uma vivência um pouco diferente, inclusive dos descendentes de japoneses do norte, porque. Porque que nem, a minha mãe, ela é do interior de São Paulo. A minha avó veio na primeira, meus avós vieram na primeira onda migratória pro interior de São Paulo. A minha mãe nasceu no interior de São Paulo. E aí, eu brinco que nós somos uma geração, temos gerações de imigrantes. Porque a minha avó, meus avós migraram do Japão. A minha mãe migrou de São Paulo para o Pará. Eu nasci no Pará e migrei para São Paulo. Então tem esse lugar do estrangeirismo em muitas camadas para mim, né? É, mas de qualquer forma, no Pará, acho que

[Pausa para o gato]

No Pará, assim, eu não era tão diferente assim das outras pessoas, né? Ir para a escola lá, porque eu acho que tem muitas pessoas racializadas de várias formas diferentes lá no norte e tem uma colônia muito grande, né? A segunda onda migratória foi para o norte do Brasil. Então tem colônias, tem associações nipos, tem vários espaços. Então tinha sempre colegas na escola, na faculdade que também eram descendentes, então acho que... mas é isso, assim, não éramos a maioria, nem de longe éramos a maioria.

[Pausa para o gato]

Eu acho que acho que tinha isso do “ah, são as japonesas, né?”, primeiro tem esse lugar de estrangeirismo, né? E acho que isso talvez a gente partilha é como nipo descendentes em qualquer lugar do Brasil. Acho que uma coisa de lá que é um pouco diferente é que como ali também tem uma mistura muito forte com povos originários, né? Que também tem alguns traços mais, às vezes olhos puxados, o cabelo um pouco mais liso, também tinha essa confusão de identidades, inclusive “ah, você é japonesa ou você é índia?”, umas coisas meio assim, isso também acontece um pouco mais forte, eu acho. E quando eu vim para cá, principalmente “nossa, você veio do Norte, ah, então você é. índia”, eu achei que, primeiro que índia não é um termo legal, mas assim é o que eu escutava, né? É, então “você é indígena, você não é... Achei que você era japonesa”. Aí eu brinco assim, eu falo, “eu sou brasileira, no caso, né? Na verdade”. Enfim, né porque eu acho que vai para esse lugar da retirada da pessoa, vai para um lugar de estrangeirismo. Vai bagunçando a nossa identidade mesmo, né? Mas acho que por ser nortista, da vivência asiática, eu não sei o quanto que é diferente, mas eu acho que tinha isso, né? Tinha essa coisa do, tem as japonesas da escola que às vezes o professor não sabia dizer quem era quem, porque na cabeça deles, japonês era tudo igual, e então eu brincava que se eu quisesse fazer prova no lugar da colega, ou vice-versa, a gente conseguia porque ninguém ia conseguia saber dizer quem era quem. Isso era divertido quando adolescente, mas é muito louco a gente pensar isso que caramba, eu não sou um indivíduo suficiente ao ponto da pessoa me reconhecer como eu, Natália, né? eu posso ser, se sou eu ou se é qualquer outra pessoa, meio que parece a sensação de tanto faz, né? Então, para a nossa identidade, acho que isso é uma coisa muito maluca. Assim, eu acho que a ausência de...

[Pausa para o gato]

Eu acho que a ausência de rostos asiáticos, ausência de diversidade faz um pouco isso, né? Porque se só tem este padrão, “ah, isso aqui eu olhei, tem um olho puxado ali a japonês”, e é isso. Eu não preciso me deter muito mais a detalhes, não preciso me atentar tão mais, tanto assim, né? Então acho que de ser nortista é isso. Acho que senti um impacto maior quando eu vim para São Paulo, porque daí tem essa confusão com povos originários também. E aí vem outras fantasias do que que é a pessoa nortista, “ai, vive no meio do mato” e essas coisas.

[Pausa para o gato]

12. É só para terminar, se você quiser dar mais alguma palavrinha para a Câmera, tipo só se despedir para as câmeras, que a gente encerra. Então, se você quiser dar mais alguma palavrinha, falar mais alguma coisa sobre qualquer tema, está liberado a Câmera aberta, enfim.

[Pausa para o gato]

Bom, eu acho que eu só um, lembrando aqui minhas anotações, só algumas coisas que eu acho que são legais, talvez de falar desses impactos de estereótipos na minha vida, eu acho que as duas coisas que mais me pegam sempre são essa coisa da invisibilização, né? De “ai japonesa é tudo igual”, primeiro, “japonês” eu não sou japonesa eu sou...

[Pausa para o gato]

Acho que assim, só falando um pouco da minha vivência, acho que as duas coisas que mais pegam sempre para mim, que dizem de uma mesma coisa, que é um apagamento de identidade, que é esse lugar do “ah japonesa é tudo igual”. É que primeiro, eu não sou japonesa, eu sou brasileira. E se eu for para o Japão como já fui, eu sou lida lá como estrangeira. E aqui eu sou lida como estrangeira também. Né, porque “não, você não é brasileira, você é japonesa”. Então acho que essa coisa do “ah, mas você tem o olho puxado, é tudo igual” e até fora das câmeras a gente comentou um pouquinho isso, assim de

às vezes gente não saber quem eu sou ou (um) pouco essa sensação de... E aí vem dando essa sensação de se sou eu, se é qualquer outra pessoa, tanto faz, e como que tanto faz? Eu sou um ser humano único, tenho minhas características únicas, sou a única como todos nós e como assim eu posso ser qualquer outra pessoa porque eu tenho olho puxado, né? Então acho que isso sempre me pegou bastante e com mais contato com a militância asiática, com esses debates, isso me irrita bastante. Essa coisa de perceber que a pessoa não asiática, ela genuinamente confunde, não é uma brincadeira, ela realmente não con... E aí dá uma sensação, tipo o “cara, você não consegue parar, me olhar e me ver”. Eu não estou sendo vista, é essa a sensação, né. Porque se você me vê e pode ser outra pessoa...

[Pausa para o gato]

Onde que eu tô no sentido de identidade individual, né? E aí eu acho que também uma representação problemática, que acho que tem melhorado, mas que é problemática, é a representação como mulher asiática. Porque a mulher geralmente é representada ou ainda se tem no imaginário uma pessoa submissa, uma pessoa que aceita tudo, uma pessoa que é muitas vezes uma fetichização também, que também é uma outra forma de apagamento de identidade. O que é isso, assim, “ah, eu gosto de mulheres japonesas”. Pode ser qualquer uma, então? Não tem uma relação com eu, pessoa, indivíduo que como assim, né? Não é um elogio. Então eu acho que também é uma forma de apagamento de quem eu sou. Então eu acho que essas são as coisas mais graves quando a gente não a gente tem esse lugar de não representatividade, de a gente vai perder o direito a nossa singularidade, né? Acho que é isso. Acho que esse é o recado, porque acho que é o que mais me pega. É o que mais explodiu na minha cabeça quando eu comecei a ter esses debates dizendo assim, “ah, então”, porque eu acho que eu me afastei muito da vivência assim, eu frequento a associação quando tem “vai ter barraca de comida japonesa” aí a comida japonesa a gente gosta, né? Então eu vou. Mas assim, participar ativamente, fazer aula de japonês. Tudo isso eu fiz quando eu era mais nova e eu fui me afastando dessa vivência, eu fui meio que negando essa vivência. Porque eu não queria me encaixar naquele estereótipo da pessoa que é nerd ou da pessoa que tem que ser de exatas ou da pessoa que é, ou da mulher submissa, da mulher que aceita tudo, da mulher que não pode ser independente. E eu fui me afastando de tudo assim, dizendo “não, se isso é ser descendente de japonês, então eu não quero isso”. Então eu não vou entrar para uma associação, eu não vou partilhar dessas vivências com pares, porque é isso que se espera de mim, porque é isso que as outras pessoas se relacionavam comigo tinham essa expectativa sobre mim. E aí com esse contato, com esse debate, para mim foi fundamental, porque eu consegui diferenciar o que era exatamente isso, a expectativa das pessoas sobre mim, do que se espera quando eu me apresento e é isso, pessoas racializadas, a gente não tem como não ser lido como racializado, porque é o nosso fenótipo. E aí quando eu me apresento em algum lugar, o que as pessoas esperam quando elas me olham e quem eu sou de fato? E quem eu sou enquanto construção de identidade e quem eu sou passa por ser descendente de japoneses, ser uma pessoa amarela, ser uma pessoa racializada. Então eu poder ir integrando. Acho que esse debate é fundamental para a gente, porque pelo menos para mim, ajudou a ir me integrando com uma ancestralidade que eu neguei, porque eu confundia isso com um estereótipo. Então acho que é, é isso.

Se quiser se despedir.

Ah, então me despeço agradecendo, agradeço a iniciativa de vocês de fazer do TCC de vocês, trazer mais esse debate que é tão importante, eu acho que quando eu falo que ajuda quando a gente tem mais representatividade. Mas não é só isso, porque a gente precisa ter essa representatividade junto com o debate. Eu acho que vocês promovem isso produzindo

conteúdos, estão promovendo esse debate. Eu acho que isso ajuda bastante a esse debate ganhando mais sociedade e a gente podendo tanto para a gente explodir a cabeça de outras pessoas como explodiu a minha. No passado muito recente, inclusive. Quando para pessoas não asiáticas também olharem dizerem “ah, tem uma questão aqui, talvez eu reproduza uma coisa que não é legal”. Parar pra pensar um pouco mais sobre isso. Então eu agradeço o convite para participar daqui, desejo vida longa e sucesso.